

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANA PAULA CORREA DA SILVA

ELEVAÇÃO SEM MOTIVAÇÃO APARENTE DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS
ENTRE OS JOVENS PORTO-ALEGRENSES

Porto Alegre

2014

ANA PAULA CORREA DA SILVA

ELEVAÇÃO SEM MOTIVAÇÃO APARENTE DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS
ENTRE OS JOVENS PORTO-ALEGRENSES

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini

Porto Alegre
2014

C824e Correa da Silva, Ana Paula.
Elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas
entre os jovens porto-alegrenses / Ana Paula Correa da Silva. – Porto
Alegre, 2014.
172 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Letras, PUCRS.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Cláudia Regina Brescancini.

1. Letras. 2. Fonologia. 3. Português – Vogais. 4. Variação.
I. Brescancini, Cláudia Regina. II. Título.

CDD 414

Ficha Catalográfica elaborada por Ramon Ely – CRB10/2165

Ana Paula Correa da Silva

**ELEVAÇÃO SEM MOTIVAÇÃO APARENTE DAS VOGAIS
MÉDIAS PRETÔNICAS ENTRE OS JOVENS PORTO-
ALEGRENSES**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 22 de janeiro de 2014

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Claudia Regina Brescancini - PUCRS



Profa. Dra. Maria José Blaskovski Vieira - UFPel



Profa. Dra. Eneida de Goes Leal – PUCRS

AGRADECIMENTOS

À professora Cláudia Brescancini, pela orientação impecável, pela leitura crítica e construtiva e pelo exemplo de profissional.

À professora Leda Bisol, pela honra de tê-la tido como professora e pelo exemplo de pesquisadora.

Ao VARSUL, por ter disponibilizado as entrevistas utilizadas neste estudo.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras desta Universidade, pelos valiosos ensinamentos e assistência contínua.

Ao Daniel Ezra Johnson pelos esclarecimentos a respeito do funcionamento do programa Rbrul ao longo da construção do capítulo sobre a análise dos dados.

Aos colegas com quem compartilhei as dúvidas, angústias e desafios da arte de pesquisar, em especial aos colegas no núcleo VARSUL/PUCRS.

Aos meus pais, Dirceu e Sueli, ao meu irmão Paulo Guilherme e ao meu noivo Guilherme Roberto, pelas palavras de incentivo.

Ao CNPq, pela bolsa integral concedida.

*Outros haverão de ter
O que houvermos de perder.
Outros poderão achar
O que, no nosso encontrar,
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.*

Fernando Pessoa (*Mensagem*, 1934)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar o processo variável de elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas na fala de jovens porto-alegrenses, conforme verificado em s[e]nhor ~ s[i]nhor e g[o]verno ~ g[u]verno, por exemplo. Para tanto, partiu-se dos pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001). Tendo em vista que tal teoria mostrou-se limitada para a explicação do fenômeno, também se fez uso da Teoria da Difusão Lexical (CHEN, WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991, 1992, 1995) e da Teoria de Exemplos (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003). A amostra sob análise, pertencente ao banco de dados VARSUL (Variação Linguística no Sul do Brasil) e coletada em 2004, é constituída por 17 informantes jovens (9 homens e 8 mulheres) entre 16 e 23 anos de idade. A taxa de aplicação do alçamento entre as palavras lexicais mais frequentes da amostra foi de 3% (N = 1.268) para a vogal /o/ e de 2% (N = 1.562) para a vogal /e/, corroborando a baixa frequência de aplicação esperada (KLUNCK, 2007; BISOL, 2009; CRUZ, 2010). Os resultados indicaram que o alçamento sem motivação aparente não é regido por um condicionamento segmental e/ou prosódico específico. O vocábulo, por sua vez, revelou-se significativo para a elevação da vogal /o/ e da vogal /e/, indicando que o alçamento sem motivação aparente é um processo de natureza lexical. As variáveis sociais, por fim, não se mostraram relevantes para o alçamento.

Palavras-chave: Variação. Fonologia. Vogais médias pretônicas. Alçamento sem motivação aparente.

ABSTRACT

This study aims to analyze the variable raising of pretonic mid vowels with no apparent motivation in the Portuguese variety spoken by youths from Porto Alegre, as in s[e]nhor ~ s[i]nhor and g[o]verno ~ g[u]verno. In order to investigate the process, we started from the premises of the Variation Theory (LABOV, 1972, 1994, 2001). As the theory revealed to be limited in explaining the process, we adopted the Lexical Diffusion Theory (CHEN, WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991, 1992, 1995) as well as the Exemplar Theory (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003) premises. The sample analyzed, extracted from VARSUL (Linguistic Variation in Southern Brazil) database and collected in 2004, consists of 17 youths (9 men and 8 women) between 16 and 23 years-old. Raising application rates in frequent lexical words were 3% (N = 1.268) for /o/ vowel and 2% (N = 1.562) for /e/ vowel, confirming the expected low application rates (KLUNCK, 2007; BISOL, 2009; CRUZ, 2010). Results indicated that raising without apparent motivation is not governed by a specific segmental and/or prosodic conditioning factor. The lexical items were significant to the raising of the pretonic mid vowels indicating that the process is of lexical nature. Finally, social variables were not relevant to the raising application.

Key-words: Variation. Phonology. Pretonic mid vowels. Raising without apparent motivation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Inventário vocálico das vogais do latim clássico e do latim vulgar	18
Figura 2 - Vogais pretônicas do português arcaico	19
Figura 3 - Vogais postônicas finais do português arcaico	20
Figura 4 - Sistema vocálico do português brasileiro: tônicas	21
Figura 5 - Sistema vocálico do português brasileiro: átonas finais	22
Figura 6 - Sistema vocálico do português brasileiro: átonas não-finais	22
Figura 7 - Sistema vocálico do português brasileiro: pretônicas	23
Figura 8 - Representação parcial da sequência [ata]	29
Figura 9 - Organização hierárquica de traços em consoantes (a) e vogais (b)	30
Figura 10 - Vogais Tônicas do português brasileiro	31
Figura 11 - Neutralização da postônica não-final	32
Figura 12 - Neutralização da Vogal Postônica Final	32
Figura 13 - Neutralização das vogais pretônicas	33
Figura 14 - Visão autosegmental da harmonização vocálica	33
Figura 15 - Regra variável de apagamento de [t] e [d]	42
Figura 16 - Nuvem de exemplares	50
Figura 17 - Representação estrutural da faixa etária jovem	72
Figura 18 - Fórmula do cálculo de regressão logística	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência de aplicação global da elevação sem motivação aparente entre palavras lexicais e funcionais: vogal /e/	98
Gráfico 2 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras funcionais: vogal /e/	99
Gráfico 3 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras lexicais: vogal /e/	100
Gráfico 4 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras lexicais frequentes: vogal /e/	101
Gráfico 5 - Frequência de aplicação da elevação nas amostras coletadas em Porto Alegre em 1988-89, 1996, 2004 e 2007-09: vogal /e/	102
Gráfico 6 - Frequência de aplicação global da elevação sem motivação aparente em palavras lexicais e funcionais: vogal /o/	126
Gráfico 7 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras funcionais: vogal /o/	127
Gráfico 8 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras lexicais: vogal /o/	128
Gráfico 9 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras lexicais frequentes: vogal /o/	128
Gráfico 10 - Frequência de aplicação nas amostras coletadas em Porto Alegre em 1988-89, 1996, 2004 e 2007-09: vogal /o/	129
Gráfico 11 - Número de ocorrências alçadas por Informante: vogal /o/	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos modelos neogramático e da difusão lexical	40
Quadro 2 - Fatores Condicionadores: harmonização vocálica	54
Quadro 3 - Fatores Condicionadores: Marchi e Stein (2007)	60
Quadro 4 - Fatores Condicionadores: Klunck (2007)	63
Quadro 5 - Fatores Condicionadores: amostra 1988-89 – Cruz (2010)	68
Quadro 6 - Fatores Condicionadores: amostra 2007-09 – Cruz (2010)	68
Quadro 7 - Número de ocorrências por Vocábulo e por Paradigma	89
Quadro 8 - Cruzamento entre a variável Posição do Alvo e a variável dependente: vogal /o/	93
Quadro 9 - Cruzamento entre a variável Altura da Vogal Precedente e a variável dependente: vogal /o/	94
Quadro 10 - Palavras funcionais: vogal /e/	99
Quadro 11 - Cruzamento entre a variável Vocábulo e a variável dependente: vogal /e/	103
Quadro 12 - Cruzamento entre a variável Paradigma e a variável dependente: vogal /e/	106
Quadro 13 - Vocábulo alçados na amostra: vogal /e/	111
Quadro 14 - Raízes latinas das palavras alçadas na amostra: vogal /e/	119
Quadro 15 - Paradigmas alçados na amostra: vogal /e/	121
Quadro 16 - Frequência no <i>corpus</i> Brasileiro: vogal /e/	123
Quadro 17 - Palavras funcionais: vogal /o/	127
Quadro 18 - Cruzamento entre variável Vocábulo e variável dependente: vogal /o/	130
Quadro 19 - Cruzamento entre variável Paradigma e variável dependente: vogal /o/	132
Quadro 20 - Vocábulo variantes: vogal /o/	136
Quadro 21 - Radicais variantes: vogal /e/	146
Quadro 22 - Raízes latinas das palavras alçadas na amostra: vogal /o/	148
Quadro 23 - Frequência no <i>corpus</i> Brasileiro: vogal /o/	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sistema vocálico do português: posição tônica	25
Tabela 2 - Sistema vocálico do português: posição átona não-final	26
Tabela 3 - Sistema vocálico do português: posição átona final	26
Tabela 4 - Sistema vocálico do português: posição pretônica	27
Tabela 5 - Distribuição da amostra Jovens Porto-Alegrenses	73
Tabela 6 - Elevação da vogal /e/: Vocábulo – rodada geral	109
Tabela 7 - Elevação da vogal /o/: Vocábulo – rodada geral	135
Tabela 8 - Elevação da vogal /o/: Vocábulo – 1ª rodada	138
Tabela 9 - Elevação da vogal /o/: Faixa Etária – 1ª rodada	140
Tabela 10 - Elevação da vogal /o/: Sexo – 1ª rodada	142
Tabela 11 - Elevação da vogal /o/: Vocábulo – 2ª rodada	144
Tabela 12 - Elevação da vogal /o/: Paradigma	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	17
1.1 PERSPECTIVA DIACRÔNICA	17
1.2 PERSPECTIVA ESTRUTURALISTA	20
1.3 PERSPECTIVA GERATIVISTA	24
1.4 PERSPECTIVA DA FONOLOGIA NÃO-LINEAR	28
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	36
2.1 TEORIA NEOGRAMÁTICA	36
2.2 DIFUSÃO LEXICAL	38
2.3 TEORIA DA VARIAÇÃO	41
2.3.1 Estabilização da língua vernácula	46
2.4 TEORIA DE EXEMPLARES	49
3 VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	53
3.1 ALÇAMENTO VARIÁVEL DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS	53
3.2 ELEVAÇÃO SEM MOTIVAÇÃO APARENTE NO SUL DO BRASIL	60
3.2.1 Marchi e Stein (2007)	60
3.2.2 Klunck (2007)	62
3.2.3 Bisol (2009)	66
3.2.4 Cruz (2010)	67
4 METODOLOGIA	71
4.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA	71
4.1.1 VARSUL	71
4.1.2 A amostra	72
4.1.3 A comunidade	74
4.2 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS	78
4.2.1 Variável dependente.....	78
4.2.2 Variáveis independentes linguísticas	78
4.2.2.1 Altura da Vogal Precedente	78
4.2.2.2 Altura da Vogal Seguinte	79
4.2.2.3 Tipo de Sílabas	79
4.2.2.4 Posição do Alvo	80
4.2.2.5 Nasalidade	80
4.2.2.6 Distância entre a Vogal Alvo e a Sílabas Tônica	81
4.2.2.7 Atonicidade da Vogal	81
4.2.2.8 Contexto Precedente	81
4.2.2.9 Contexto Seguinte	82
4.2.2.10 Classe Gramatical	83
4.2.2.11 Vocábulo	83
4.2.2.12 Paradigma	84
4.2.3 Variáveis independentes extralinguísticas	84
4.2.3.1 Sexo	84

4.2.3.2 Idade	84
4.2.3.3 Escolaridade	85
4.2.3.4 Informante	85
4.3 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS	86
4.3.1 Coleta dos dados	86
4.3.2 Critérios de seleção de ocorrências	86
4.3.3 Codificação das ocorrências	89
4.3.4 Instrumento de análise estatística	90
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	98
5.1 VOGAL /e/	98
5.1.1 Frequência global de aplicação	98
5.1.2 Procedimentos estatísticos	103
5.1.3 Discussão dos resultados	108
5.1.3.1 Altura da Vogal Precedente	111
5.1.3.2 Altura da Vogal Seguinte	112
5.1.3.3 Tipo de Sílabas	112
5.1.3.4 Posição do Alvo	113
5.1.3.5 Classe Gramatical	114
5.1.3.6 Nasalidade	114
5.1.3.7 Contexto Precedente	115
5.1.3.8 Contexto Seguinte	116
5.1.3.9 Atonicidade	117
5.1.3.10 Distância entre a Vogal Alvo e a Sílabas Tônica	118
5.1.3.11 Vocábulo	118
5.1.3.12 Paradigma	121
5.1.3.13 Sexo	124
5.1.3.14 Faixa etária	124
5.1.3.15 Escolaridade	125
5.2 VOGAL /o/	126
5.2.1 Frequência global de aplicação	126
5.2.2 Procedimentos estatísticos	130
5.2.3 Discussão dos resultados	137
5.2.3.1 Vocábulo	137
5.2.3.2 Idade	140
5.2.3.3 Sexo	141
5.2.3.4 Paradigma	146
5.3 ELEVAÇÃO SEM MOTIVAÇÃO APARENTE: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TEORIA DE EXEMPLARES	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	157
APÊNDICE A - Palavras lexicais: vogal /e/	
APÊNDICE B - Palavras lexicais: vogal /o/	

INTRODUÇÃO

O presente estudo¹ – parte do projeto *Variação fonológica e mudança linguística em dados do VARSUL* (CNPq/40189720117), desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul – tem por tema o processo variável de elevação ou alçamento sem motivação aparente das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas na fala de jovens porto-alegrenses escolarizados.

De modo diverso da harmonização vocálica, em que a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente à vogal média alvo é o gatilho do processo de alçamento observado em quer[i]do ~ qu[i]rido e b[o]nito ~ b[u]nito, por exemplo, a elevação sem motivação aparente não revela motivação fonética, pois ocorre mesmo na ausência de uma vogal alta, como se observa em s[e]nhor ~ s[i]nhor e g[o]verno ~ g[u]verno.

A aplicação variável do processo de elevação sem motivação aparente entre os falantes da variedade porto-alegrense foi investigada por dois estudos até o presente momento. Klunck (2007) abordou o fenômeno na fala de informantes de três faixas etárias distintas em amostra coletada em 1996. Cruz (2010), por sua vez, considerou uma amostra coletada em 1988-89, composta por informantes com nível de escolaridade e faixas etárias diferentes, e uma amostra coletada em 2007-09, composta por informantes de diferentes idades com ensino superior.

Klunck (2007) constatou que a regra de elevação sem motivação aparente não existe na variedade estudada, pois os baixos índices de aplicação obtidos diriam respeito a palavras que aparecem modestamente no léxico. Segundo a autora, a elevação de /e/ ocorreria esporadicamente (d[i]mais, sobr[i]mesa, s[i]nhor, p. ex.) e a elevação de /o/ envolveria palavras com o mesmo paradigma derivacional (c[u]meça, c[u]meçando, c[u]meçar, c[u]meço, c[u]meçou, c[u]mecei, p. ex.). A variação estaria, portanto, limitada a certos itens lexicais.

Cruz (2010) também atestou a baixa aplicação do alçamento sem motivação aparente no dialeto porto-alegrense em ambas as amostras analisadas. Os índices de alçamento das vogais médias pretônicas mostraram-se sensíveis tanto ao segmento fonético circundante quanto à frequência de alguns radicais e itens lexicais. Para a vogal /e/, houve concentração elevada do alçamento no radical

¹ Projeto de pesquisa inscrito na Plataforma Brasil sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 17958713.2.0000.5336.

pequen- e nos vocábulos *senhor*, *senhora* e *futebol*. Em relação à vogal /o/, os radicais *acontec-*, *começ-*, *conhec*, *convers-*, *com-* e *conseg-* também mostraram-se recorrentemente elevados.

Sendo assim, o presente estudo justifica-se por conferir tratamento estatístico inédito aos dados levantados através de análise de efeito misto, isto é, de análise conjunta de variáveis preditivas e aleatórias de maneira a dar continuidade aos estudos de Klunck (2007) e Cruz (2010), os quais sugeriram o papel dos itens lexicais para a elevação sem motivação aparente.

A análise proposta parte dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001) e avança na direção da Difusão Lexical (CHEN e WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991, 1992, 1995) e da Teoria de Exemplares (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003).

O estudo aqui apresentado analisa uma amostra suplementar pertencente ao banco de dados VARSUL (Variação Linguística no Sul do Brasil), coletada em 2004 e constituída por 17 jovens (9 homens e 8 mulheres) entre 16 e 23 anos de idade que integralizaram a Educação Básica. O tratamento estatístico, por sua vez, envolverá o software Rbrul (JOHNSON, 2009), o qual possibilita a realização do modelamento do efeito misto.

O objetivo principal deste estudo é verificar o grau de favorecimento dos itens lexicais para a aplicação do processo variável de elevação sem motivação aparente quando comparado às variáveis contextuais e sociais propostas.

Com base em levantamento de ocorrências conduzido de oitiva, partiu-se da hipótese inicial de que a elevação sem motivação aparente entre os jovens porto-alegrenses é baixa. Acreditamos que o condicionamento fonético não é excluído do processo de alçamento, mas, em consonância com Oliveira (1991, 1992, 1995), tem papel secundário, permitindo localmente a elevação da vogal média sem estendê-la a todos os vocábulos com contextos fonéticos semelhantes.

Além disso, acreditamos que o alçamento ocorre, principalmente, em itens lexicais específicos e, possivelmente, por efeito de condicionamento social (KLUNCK, 2007; CRUZ, 2010).

Assim posto, esta dissertação divide-se em 6 capítulos. O primeiro capítulo aborda as diferentes perspectivas de análise sobre as vogais pretônicas do português brasileiro. O segundo capítulo trata dos pressupostos teóricos que norteiam a análise aqui empreendida. O terceiro capítulo, por sua vez, recupera os

principais estudos sobre a variação das vogais pretônicas no português brasileiro, conferindo maior enfoque ao processo de elevação sem motivação aparente no Sul do Brasil. A metodologia de trabalho é apresentada no quarto capítulo, detalhando a amostra estudada, a comunidade de fala, as variáveis operacionais e o tratamento estatístico. O quinto capítulo descreve os resultados obtidos, seguido da análise e discussão. Por fim, o sexto capítulo traz as considerações finais.

1 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O sistema vocálico do português brasileiro será descrito no presente capítulo primeiramente através da perspectiva histórica. Em seguida, o quadro geral das vogais será apresentado a partir de três teorias fonológicas distintas, a saber, a fonologia estruturalista, a fonologia gerativista e, por fim, a fonologia não-linear.

1.1 Perspectiva diacrônica

As origens da língua portuguesa remontam ao século II a.C., período inicial do domínio romano sobre o território da Península Ibérica. Com o final das Guerras Púnicas, nas quais grandes batalhas foram travadas entre Roma e Cartago pelo domínio do Mar Mediterrâneo, Roma assumiu o controle administrativo da Península, impondo suas instituições, cultura e língua entre os povos locais. Foram os soldados, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos quem trouxeram a língua latina, mais especificamente a variedade chamada vulgar, para a região (CARDOSO, 2005, p. 166).

O latim vulgar, encontrado na fala cotidiana, coexistia com o latim clássico, utilizado principalmente na atividade literária na forma escrita. Segundo Tarallo (1990, p. 94), o quadro vocálico do latim clássico era composto por quatro vogais altas, quatro vogais médias e duas vogais baixas que se distinguiam entre si através de três traços fonêmicos, a saber, o grau de avanço da língua (anterior/central/posterior), a altura (alto/baixo) e a quantidade (longa/breve), totalizando 10 vogais.

O latim vulgar em relação à variedade clássica reduziu o sistema clássico de 10 vogais para um sistema de 7 vogais mediante a eliminação do traço quantidade e a incorporação do traço qualidade, que diz respeito ao timbre ou grau de abertura das vogais, se aberta ou fechada, para a distinção entre as vogais médias baixas e médias altas.

Os inventários vocálicos das variedades clássica e vulgar aparecem lado a lado na Figura 1 a seguir².

² Os seguintes diacríticos aparecem na Figura 1: ¯ = longo, ˘ = breve, ◌◌ = aberto, ◌◌ = fechado.

Figura 1 - Inventário vocálico das vogais do latim clássico e do latim vulgar

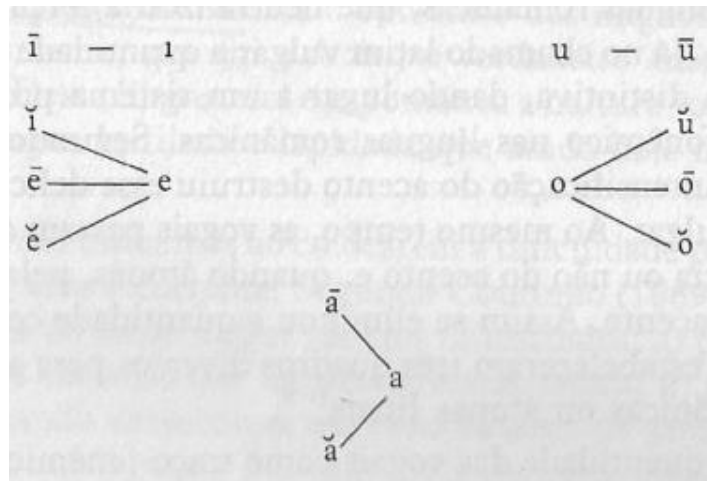
Latim Clássico	Latim Vulgar
ī	i
ĩ	
ē	e
ě	e
ǎ	a
ā	
ō	o
ō	o
ū	u
ū	

Fonte: Adaptado de Teyssier (1982, p.10).

A Figura 1 informa que as vogais altas anteriores longa e breve do latim clássico perderam a distinção de quantidade sendo incorporadas pelo latim vulgar como uma única vogal alta anterior /u/. O mesmo ocorreu com as duas vogais baixas centrais e com as duas vogais altas posteriores, que passaram, respectivamente, a uma única vogal baixa central /a/ e a uma única vogal alta posterior /i/, respectivamente, na variedade vulgar. As vogais médias do latim clássico tiveram seus traços de quantidade da vogal substituídos pelos traços de qualidade da vogal na variedade vulgar. Assim, a vogal /e/ longa passou a ter um timbre fechado, enquanto que a vogal /e/ breve passou a ter um timbre aberto. O mesmo ocorreu com as vogais /o/ breve e longa que passaram a ter um timbre aberto e outro fechado, respectivamente.

O latim vulgar entrou em contato com as línguas das diferentes tribos que habitavam a Península Ibérica e, posteriormente, com a língua árabe em face da dominação muçulmana entre os séculos VIII e XV. Desses contatos surgiram línguas românicas como o catalão, o castelhano e o galego-português. O galego-português ou português arcaico incorporou o sistema de sete vogais tônicas do latim vulgar. Em posição pretônica e postônica, contudo, esse quadro foi reduzido para 5 e 3 vogais átonas, respectivamente.

Figura 2 - Vogais pretônicas do português arcaico



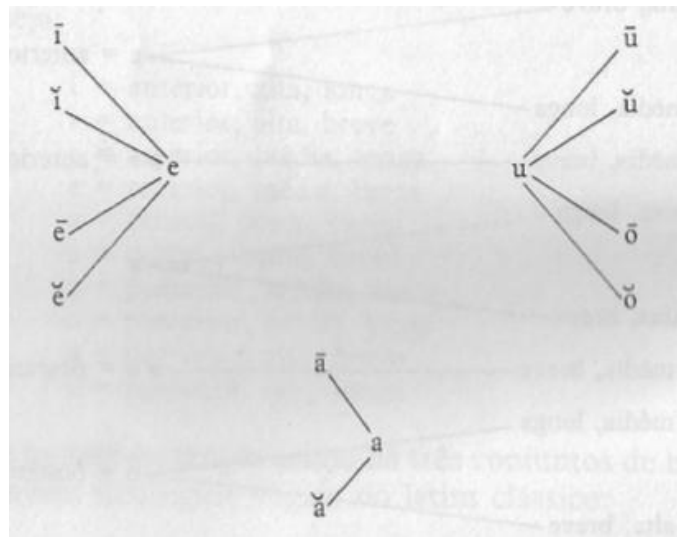
Fonte: Câmara Jr. (1976, p. 41)

A Figura 2 mostra que, no português arcaico, a aplicação do processo de neutralização – preconizado pela Escola Linguística de Praga como um fenômeno fonológico no qual ocorre a perda de distinção entre dois fonemas – foi fundamental para o estabelecimento dos quadros de vogais átonas.

Na pauta pretônica do português arcaico, a vogal /i/ breve e as vogais /e/ breve e longa perderam o contraste ou, em outras palavras, neutralizaram-se, passando a ser representadas pela vogal /e/. O mesmo ocorreu com a vogal /o/, resultante da neutralização entre as vogais /o/ longa e breve e a vogal /u/ breve. Quanto às vogais baixas breve e longa, estas foram neutralizadas e resultaram em uma única vogal baixa. Já as vogais /i/ e /u/ longas passaram às vogais altas /i/ e /u/, respectivamente.

Câmara Jr (1976) explicita que, em posição final de palavra, o quadro das vogais postônicas do português arcaico reduziu-se também por efeito de neutralização às vogais /e/, /u/ e /a/ apresentadas a seguir:

Figura 3 - Vogais postônicas finais do português arcaico



Fonte: Câmara Jr. (1976, p. 42)

Observa-se que as oposições entre as vogais /i/ longa e breve e entre as vogais /e/ longa e breve foram neutralizadas, resultando na vogal /e/. Câmara Jr (1976, p. 42) salienta que /i/ e /e/ em posição postônica final coexistiram durante algum tempo, reduzindo-se, por fim, a /e/. A vogal /u/, por sua vez, é o resultado da neutralização das vogais /o/ e /u/ longas e breves. A vogal /a/, por fim, resultou da neutralização entre suas realizações longa e breve.

Segundo Câmara Jr. (1976) foi esse sistema vocálico composto por 7 vogais tônicas, 5 vogais pretônicas e 3 vogais postônicas que chegou ao Brasil na primeira fase da colonização portuguesa.

1.2 Perspectiva estruturalista

Os estudos linguísticos desenvolvidos por Câmara Jr. (1972) foram pioneiros na descrição do português brasileiro sob o viés da teoria estruturalista. O autor investigou a variedade culta do dialeto carioca explicitando seu sistema vocálico a partir da noção de fonema como a unidade mínima distintiva de uma língua.

Câmara Jr (1972) expôs o seguinte inventário fonêmico das vogais que podem ocupar a posição tônica das palavras no português brasileiro:

Figura 4 - Sistema vocálico do português brasileiro: tônicas

Altas	/u/		/i/	
Médias	/o/		/e/	2º grau
Médias	/ɔ/		/ɛ/	1º grau
Baixa		/a/		
	Posteriores	Central	Anteriores	

Fonte: Câmara Jr. (1972, p. 33)

As sete vogais tônicas estão configuradas em quatro diferentes graus de elevação da língua (baixa, média de 1º grau, média de 2º grau e alta) e em três diferentes graus de avanço da língua (posterior, central e anterior). Além disso, apresentam-se distribuídas em relação ao arredondamento (vogais anteriores) e ao não-arredondamento dos lábios (vogais posteriores e vogal central).

O caráter distintivo das sete vogais tônicas pode ser verificado através de pares mínimos, como s[a]co, s[i]co, s[u]co, s[e]co, s[ɛ]co, s[o]co e s[ɔ]co, por exemplo. Quando as vogais tônicas são seguidas por consoante nasal (*âmago, inútil, úmido, senha, boneca*), Câmara Jr (1972) atenta para o fato de que o sistema original de sete vogais passa a cinco vogais, pois as vogais médias de 1º grau desaparecem do sistema.

O autor também destaca que a vogal baixa, quando seguida de consoante nasal, pode ser produzida com a língua um pouco mais atrás articulando a vogal baixa de maneira mais abafada, como em *tâmara, arranhão* e *cano*. Esta vogal baixa posteriorizada é, contudo, apenas uma variante posicional que não consta no sistema vocálico do português brasileiro como mais uma vogal tônica (CÂMARA JR, 1972, p. 32).

Há no português brasileiro uma redução do número de fonemas tanto na pauta postônica quanto na pauta pretônica por efeito de neutralização. Na posição postônica final, as vogais médias de 2º grau e as vogais altas neutralizam-se e, no

caso do dialeto carioca, preserva-se a vogal alta, como em bol[u] e sed[i], em detrimento de bol[o] e sed[e], respectivamente. Soma-se a esse inventário a vogal baixa [a].

Figura 5 - Sistema vocálico do português brasileiro: átonas finais

Altas	/u/	/i/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (1972, p. 34)

A Figura 5 traz a representação das vogais átonas que podem ocupar a posição postônica final em português brasileiro na variedade carioca. O quadro das vogais que ocorrem em posição postônica não-final, ou seja, as penúltimas vogais das palavras proparoxítonas, por sua vez, é composto pelas vogais altas /i/ e /u/, vogal média /e/ e vogal baixa /a/, como em *límpido*, *póstumo*, *célebre* e *tímpano*. Segundo o autor, ocorre neutralização entre as vogais médias /o/ e /u/, como em *pér[o]la* ~ *pér[u]la*, mas não entre /e/ e /i/ visto que os falantes rechaçam vocábulos como *núm[i]ro* (CÂMARA JR, 1972, p. 34).

Figura 6 - Sistema vocálico do português brasileiro: átonas não-finais

Altas	/u/	/i/
Médias	/.../	/e/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (1972, p. 34)

Na pauta pretônica, a variedade carioca de português possui cinco vogais átonas resultantes de neutralização entre as vogais médias do sistema. Cardoso (1999)³ traz evidências de que os dialetos falados nas regiões Sul, Sudeste e

³ CARDOSO, Suzana. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, V. A. (Org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: UEL, 1999.

Centro-Oeste tendem a preservar as vogais médias de 2º grau enquanto que os dialetos falados no Norte e Nordeste tendem a preservar as vogais médias de 1º grau. As vogais altas e a vogal baixa são, por sua vez, preservadas em todos os dialetos regionais.

Câmara Jr. (1972) apresenta a seguinte distribuição para as vogais pretônicas:

Figura 7 - Sistema vocálico do português brasileiro: pretônicas

Altas	/u/	/i/
Médias	/o/	/e/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (1972, p. 34)

A Figura 7 indica que as vogais médias de 2º grau são conservadas, em detrimento das vogais médias de 1º grau, na posição pretônica. A neutralização das vogais médias é verificada na derivação em palavras como p[ɛ]dra → p[e]dreiro e p[ɔ]rta → p[o]rteiro, nas quais as vogais médias baixas tônicas passam a vogais médias altas átonas quando sofrem derivação.

A pauta pretônica tem sido objeto de estudo de muitos linguistas devido à diversidade de processos sonoros que nela se verificam. Além do já citado fenômeno da neutralização, Câmara Jr (1972) explicita os processos de harmonização vocálica e de debordamento.

A presença de vogal alta em sílaba tônica condiciona o alçamento de uma vogal média pretônica, resultando na harmonização entre as duas vogais observada em qu[e]rido ~ qu[i]rido e c[o]ruja ~ c[u]ruja, por exemplo. Em face dessa constatação, Câmara Jr. (1972, p. 34) argumenta que a distinção entre as palavras *comprido* e *cumprido* ocorre apenas ortograficamente.

Já no processo de debordamento, que se caracteriza pela ausência de contraste entre dois fonemas, /e/ e /o/ pretônicos podem ser realizados como [i] e [u], respectivamente, diante de uma vogal baixa tônica nos hiatos. Assim, as palavras *pass/e/ar* e *v/o/ar* podem ser produzidas como pass[i]ar e v[u]ar.

Segundo Câmara Jr. (1972), o fenômeno do debordamento difere do de neutralização, primeiramente porque uma potencial neutralização entre as vogais médias às vezes não ocorre com vistas a garantir a clareza comunicativa (*p/e/ar* e *p/i/ar*, *s/o/ar* e *s/u/ar*) e, em segundo lugar, a morfologia garante que, na derivação, a vogal média pretônica permaneça igual a despeito da vogal tônica subsequente. É o que se observa, por exemplo, em *f/o/lha* cujo diminutivo é f[o]lhinha, porém *folhinha* (calendário) é produzida como f[u]lhinha (CÂMARA JR, 1972, p. 35).

A descrição realizada pelo autor a partir das premissas fundamentais do Estruturalismo revela o entendimento de que a língua é formada por um sistema de oposições no qual a combinação de unidades distintivas, os fonemas, produz formas ou palavras distintas.

O Estruturalismo restringiu-se a investigar os fenômenos que ocorrem na língua, ignorando os fenômenos observados na fala, em total consonância com a teoria saussuriana, a qual distanciou *langue* e *parole*. Tal perspectiva não deu margem à exploração dos processos variáveis observados na fala, atribuindo o rótulo de variação livre a quaisquer casos não explicados por alofonia, neutralização, harmonização ou debordamento.

Dessa forma, a descrição da variação encontrada em b[o]neca ~ b[u]neca e p[e]quena ~ p[i]quena, por exemplo, não é contemplada pela análise empreendida por Câmara Jr (1972) sobre a pauta pretônica do português brasileiro. Tal processo variável é comumente chamado de alçamento ou elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas e será explorado no Capítulo 3 a seguir.

Antes, passemos à descrição do sistema vocálico do português brasileiro sob o viés da teoria gerativista.

1.3 Perspectiva gerativista

O Gerativismo trata do conceito de fonema como uma unidade segmental composta por uma matriz de traços distintivos binários cujos valores paramétricos contrastam com os valores dos demais segmentos de uma língua. A noção de traço distintivo somado ao conceito de que os segmentos sonoros que compõem uma palavra estão ordenados linearmente de modo que regras fonológicas atuam sobre um segmento por vez fundamentou o estudo proposto por Lopez (1979) sobre o sistema vocálico do português brasileiro.

A autora apresentou o quadro das vogais tônicas do dialeto carioca através dos traços [+/-posterior], [+/-arredondado], [+/- alto], [+/- baixo] e [+/- elevado], este último indicando que a língua está acima da posição neutra ou de repouso (LOPEZ, 1979, p. 50), conforme a Tabela 1⁴ a seguir:

Tabela 1 - Sistema vocálico do português: posição tônica

	-bk	+bk	
	-rd	-rd	+rd
+hi, -lo, +rsd	i		u
-hi, -lo, +rsd	e		o
-hi, -lo, -rsd	ɛ		ɔ
-hi, +lo, -rsd		a	

Fonte: Lopez (1979, p. 50)

Entre as sete vogais tônicas verificadas no dialeto estudado, o traço [elevado] distingue as vogais médias baixas das vogais médias altas, enquanto que o traço [alto] distingue as vogais altas das vogais médias altas. A vogal baixa é caracterizada pelo traço [+baixo] e as oposições entre as duas vogais altas, as duas médias altas e as duas vogais médias baixas são marcadas pelo traço [posterior], o qual distingue as vogais anteriores das vogais posteriores.

Em posição não-final, o sistema original de sete vogais tônicas reduz-se às quatro vogais átonas apresentadas na Tabela 2:

⁴ Os traços utilizados por Lopez (1979) são [+/- back] (posterior), [+/- round] (arredondado), [+/- high] (alto), [+/- low](baixo) e [+/- raised] (elevado), respectivamente.

Tabela 2 - Sistema vocálico do português: posição átona não-final

	-bk	+bk
+hi	i	u
	e	
+lo		a

Fonte: Lopez (1979, p. 88)

O quadro das vogais átonas não-finais mostra que a vogal /a/ caracteriza-se pelo traço [+baixo] e que /i/ e /u/ se distinguem pelo traço [posterior]. Lopez (1979, p. 89) afirma que nas palavras proparoxítonas as vogais /o/ e /u/ não-finais neutralizam-se, como em *pér[o]la* ~ *pér[u]la*, enquanto que as vogais /e/ e /i/ não sofrem tal processo. Sua hipótese de que a alternância entre as vogais [-posterior] somente ocorre em determinados contextos morfológicos é confirmada em vocábulos como *cantáss[e]mos* ~ *cantáss[i]mos*. O sistema das vogais postônicas não-finais resulta, portanto, em um inventário de quatro vogais átonas.

No contexto postônico final, Lopez (1979) explicitou a seguinte distribuição:

Tabela 3 - Sistema vocálico do português: posição átona final

	-bk	+bk
+hi, -lo	i	u
+lo		a

Fonte: Lopez (1979, p. 89)

O quadro das vogais átonas finais reproduzido na Tabela 3 revela que as vogais [-alto, -baixo, -elevado] desaparecem do sistema, enquanto que a vogal de traço [+baixo] é preservada em posição final. Além disso, a neutralização entre /e/ e /i/ e entre /o/ e /u/, respectivamente, favorece aquelas vogais que apresentam o

traço [+alto]. Assim, o dialeto carioca adota as formas fom[i] e pont[u] em detrimento de fom[e] e pont[o], respectivamente.

O sistema vocálico das vogais pretônicas apresentado por Lopez (1979) é composto de cinco vogais átonas, conforme indica a Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 - Sistema vocálico do português: posição pretônica

	-bk	+bk
+hi	i	u
-hi -lo	e	o
+lo	a	

Fonte: Lopez (1979, p. 88)

A vogal /a/ distingue-se das demais pelo traço [+baixo], enquanto que o par /i/ e /u/ diverge de /e/ e /o/ em função do traço [alto]. Entre as vogais [+alto], o traço [posterior] marca a oposição entre a vogal anterior e a posterior, assim como opõe as duas vogais médias. Em posição pretônica, verifica-se que as vogais médias sofrem neutralização a partir da perda do traço distintivo [elevado], o qual preserva as vogais médias altas.

Ainda na pauta pretônica, Lopez (1979, p. 133) reconhece casos de harmonização vocálica verificados através do alçamento de vogais médias na presença de uma vogal alta acentuada, conforme a regra transformacional V[-baixo] → [+alto] / ___ C₁ V [+alto, + acentuado].

A referida regra explicita que as vogais /e/ e /o/ passam às vogais [i] e [u], respectivamente, quando diante de consoante seguida das vogais /i/ ou /u/ tônicas, como verificado em qu[e]rido ~ qu[i]rido e b[o]nito ~ b[u]nito, por exemplo.

Lopez (1979) não explicita qual regra seria responsável pelo alçamento das vogais médias pretônicas observada em f[o]gueira ~ f[u]gueira e [e]xagero ~ [i]xagero, por exemplo, uma vez que a teoria gerativista resume-se a explicitar regras que atuam na subjacência, ou seja, pertencentes à competência linguística do falante. A variação é considerada, portanto, um fato de performance. Assim, com

exceção à harmonização vocálica, que é considerada uma regra em razão da sistematicidade com que atua, processos variáveis tais como o alçamento sem motivação aparente, por exemplo, não são explorados pela teoria.

Segundo o modelo apresentado por Chomsky e Halle (1968)⁵, a representação fonética é o resultado da aplicação de regras fonológicas sobre a representação subjacente de segmentos ordenados linearmente. Esse arranjo linear mostrou-se limitado, contudo, ao não dar conta de fenômenos que extrapolavam o nível segmental.

Nesse sentido, as premissas desenvolvidas pela Fonologia Não-Linear, teoria fonológica que se desenvolveu no período pós-gerativista, identificou no arranjo não-linear a melhor sistematização de fenômenos complexos observados nas línguas, tais como o acento e o tom.

A descrição das vogais do português brasileiro sob o viés da fonologia não-linear será apresentada na seção a seguir.

1.4 Perspectiva da Fonologia Não-linear

Entre os modelos não-lineares desenvolvidos, a Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976) foi o modelo inicial. Segundo a referida teoria, os segmentos são independentes dos traços, ou seja, são autossegmentos. Por essa razão, os traços podem ser preservados mesmo quando o segmento desaparece, caso de algumas línguas tonais em que o segmento é apagado mas o tom permanece (GOLDSMITH, 1976).

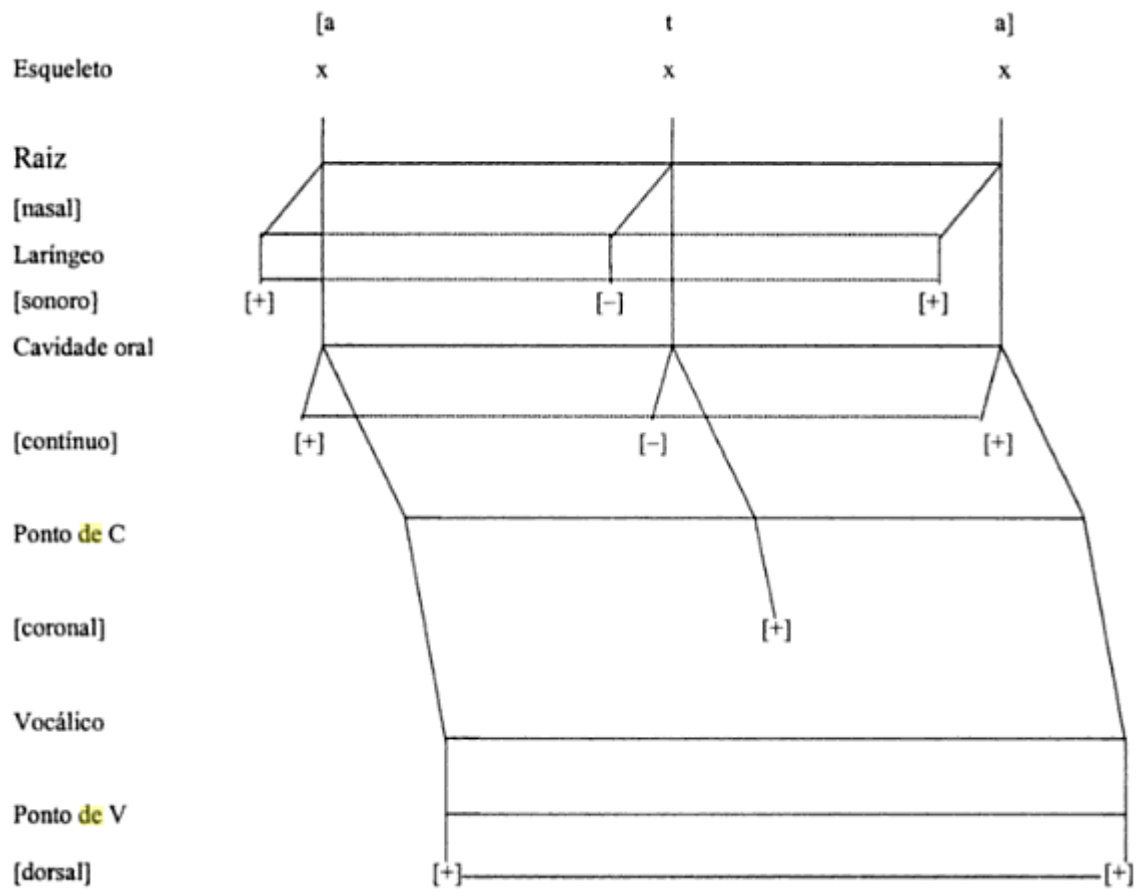
Ainda segundo o modelo, os traços segmentais e prosódicos ocupam camadas (*tiers*) distintas na representação fonológica, permitindo que os traços espraíem-se de um segmento a outro através de linhas de associação que não podem se cruzar em uma mesma camada, segundo o Princípio de Não Cruzamento de Linhas de Associação (GOLDSMITH, 1976).

Em proposta subsequente, denominada Geometria de Traços por Clements (1991)⁶, a representação multidimensional das camadas segmentais dá-se em planos, conforme a Figura 8 a seguir.

⁵ CHOMSKY, Noam. HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

⁶ CLEMENTS, G. N. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. In: *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory* 5, pp. 77-1232, 1991.

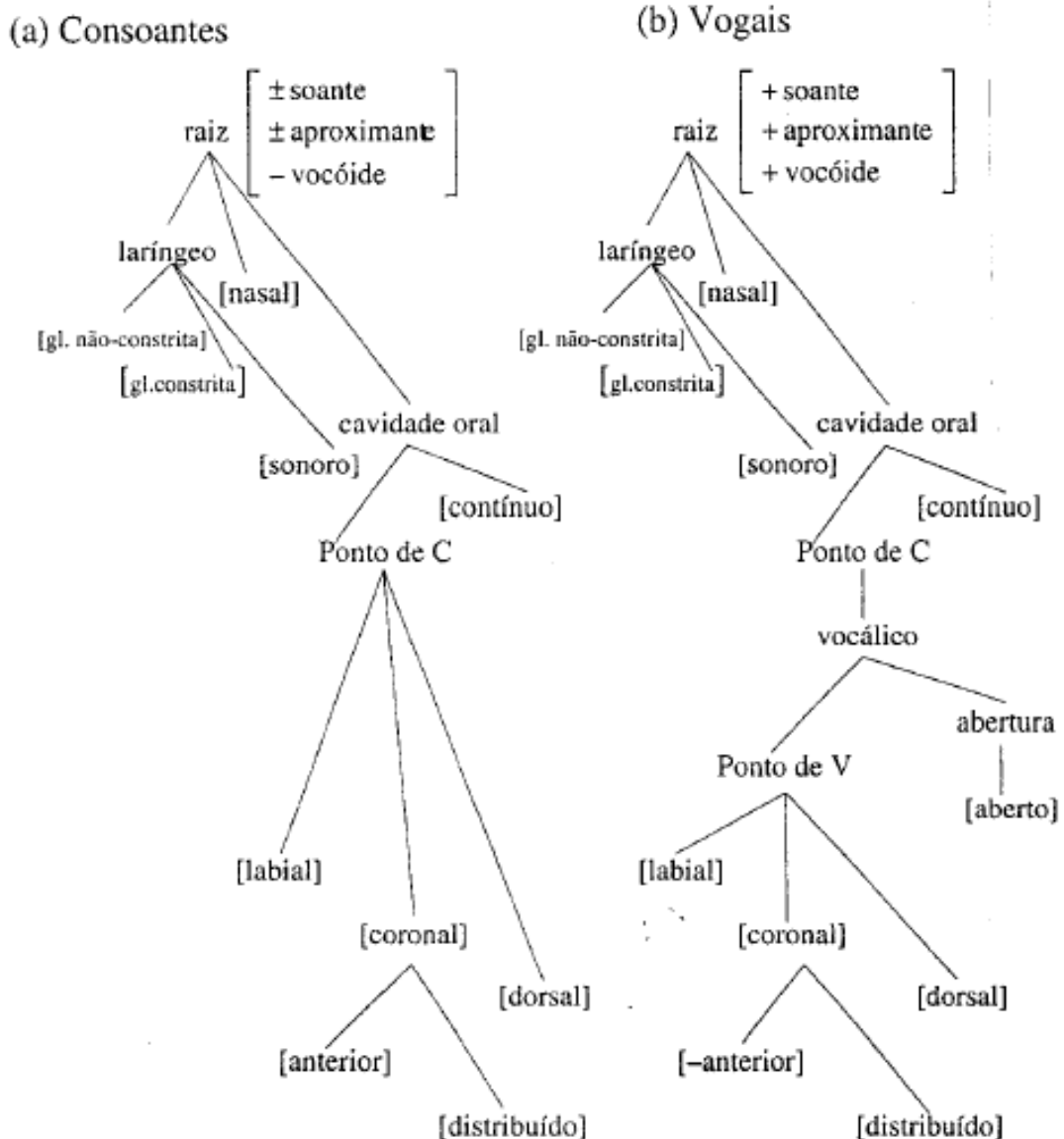
Figura 8 - Representação parcial da sequência [ata]



FONTE: Bisol (2010, p. 47 apud CLEMENTS, 1991, p.78)

Em versão posterior da Geometria de Traços, Clements e Hume (1995) propuseram que os segmentos estão organizados em nós hierarquicamente ordenados. Tal representação aparece na estrutura arbórea reproduzida a seguir:

Figura 9 - Organização hierárquica de traços em consoantes (a) e vogais (b)



Fonte: Bisol (2010, p. 50 apud CLEMENTS e HUME, 1995, p. 292)

A estrutura arbórea revela que os nós terminais (labial, coronal, dorsal, etc..) são traços fonológicos que estão ligados hierarquicamente a nós de classe (nó da laringe, nó cavidade oral, nó ponto de consoante, nó vocálico, nó ponto de vogal e nó de abertura) que, por sua vez, estão ligados ao nó de raiz, este dominado por uma unidade temporal abstrata.

A estrutura de nós relevante para o estudo dos fenômenos envolvendo vogais engloba o nó vocálico. O nó ponto de vogal representa o ponto de articulação das vogais, se labial, coronal ou dorsal. O nó de abertura, por sua vez, representa a

altura da língua na articulação das vogais através do traço [aberto] proposto por Clements (1989)⁷.

O sistema vocálico do português brasileiro possui três alturas representadas na fonologia não-linear por três diferentes configurações do traço [aberto], a saber, [+/- aberto 1], [+/- aberto 2] e [+/- aberto 3]. Os graus de abertura das sete vogais que podem ocupar a posição tônica são representados a seguir:

Figura 10 - Vogais tônicas do português brasileiro

	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
aberto 1	-	-	-	+
aberto 2	-	+	+	+
aberto 3	-	-	+	+

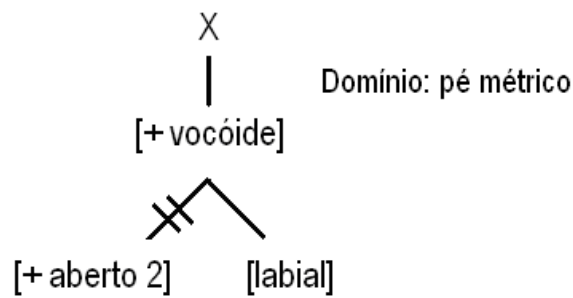
Fonte: Wetzels (1992, p. 22)

As vogais altas e as vogais médias altas diferenciam-se pelo traço [aberto 2], enquanto que as vogais médias altas e médias baixas distinguem-se pelo traço [aberto 3]. As configurações do traço [aberto] juntamente com a definição do nó ponto de vogal (se coronal, dorsal ou labial) marcam as oposições entre as vogais /i/, /e/ e /ɛ/ e suas contrapartes posteriorizadas, a saber, /u/, /o/ e /ɔ/, respectivamente. A vogal baixa, por sua vez, é caracterizada pelos traços [+ aberto 1, + aberto 2, + aberto 3].

Na posição postônica não-final, isto é, em palavras proparoxítonas, a neutralização entre as vogais médias altas e as vogais altas é expressa através do desligamento do traço [+ aberto 2] da vogal média que estiver à borda direita de um pé métrico, conforme Figura 11 a seguir:

⁷ Clements, G.N. *On the representation of vowel height*. Ms. Cornell University, 1989.

Figura 11 - Neutralização da postônica não-final

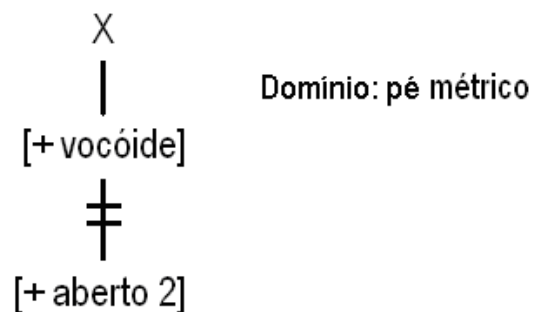


Fonte: Wetzels (1992, p. 27)

O desligamento de [+aberto2] apresentado na Figura 11 acima revela o processo inerente à alternância entre /o/ em /u/ em palavras como fósfo[r]o ~ fósfo[u]ro e abób[ro]ra ~ abób[ur]a, por exemplo.

Em posição postônica final, a perspectiva não-linear defendida por Wetzels (1992) também prevê o desligamento do traço [+aberto 2], como expressa a Figura 12 a seguir.

Figura 12 - Neutralização da vogal postônica final

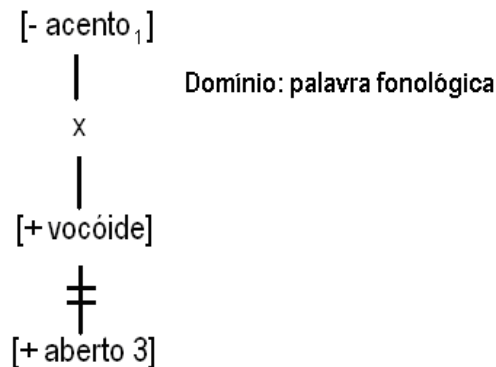


Fonte: Wetzels (1992, p. 27)

Por tratar-se de uma regra de neutralização, o desligamento do traço [+aberto 2] elimina a distinção entre as vogais altas e médias, preservando /i/ e /u/, em alguns dialetos, como em pent[i] e pont[u], e /e/ e /o/ em outros, pent[e] e pont[o].

As vogais pretônicas, por sua vez, sofrem o processo de neutralização através do desligamento do traço [+aberto 3], conforme figura abaixo.

Figura 13 - Neutralização das vogais pretônicas



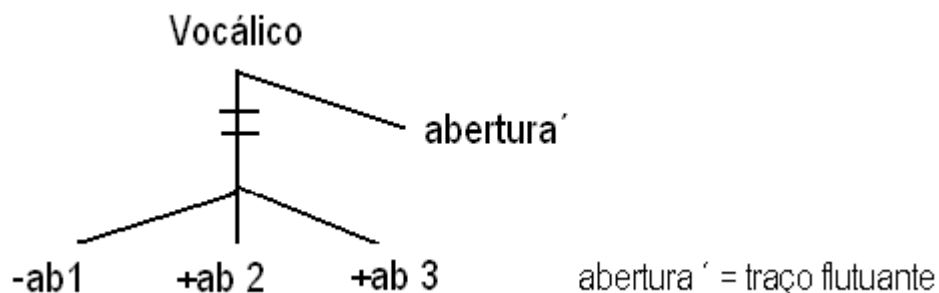
Fonte: Wetzels (1992, p. 24)

Leia-se que uma vogal não portadora do acento primário tem seu traço [+ aberto 3] desassociado, desfazendo o contraste entre as vogais médias do sistema ou, em outras palavras, neutralizando-as. Por essa razão, as vogais abertas tônicas de b/ε/lo e p/o/rta passam, na derivação, à vogais átonas, como em b/e/leza e p/o/rteiro.

Assim como Câmara Jr. (1972) e Lopez (1979), Wetzels (1992) também chama a atenção para o fenômeno da harmonização vocálica verificável na pauta pretônica do português brasileiro. O processo foi explicitado pelo autor através do desligamento do nó de abertura da vogal pretônica. Com o desligamento, o nó de abertura que fica flutuante, ou seja, vazio, acaba por assimilar o nó de abertura de uma vogal adjacente com seus respectivos traços.

A Figura 14 a seguir mostra estruturalmente o procedimento de desligamento e flutuação do nó de abertura:

Figura 14 - Visão autossegmental da harmonização vocálica



Fonte: Adaptado de Bisol (2010, p. 197).

Na Figura 14 é possível depreender o desligamento e a flutuação do nó de abertura, mas não é possível visualizar quais os traços adjacentes que serão assimilados pelo elemento flutuante que, permanece, por ora, vazio. A assimilação de traços adjacentes pode ocorrer quando o Princípio de Não-Cruzamento de Linhas de Associação (GOLDSMITH, 1976) é atendido.

No caso da harmonização vocálica, a linha de associação dos traços da vogal adjacente que serão assimilados pela vogal desassociada não atravessa a linha de associação da consoante intermediária em uma sequência CV.CV, por exemplo, pois os traços da consoante interveniente e da vogal que se espria não estão no mesmo plano⁸.

Casagrande (2004) explicou a elevação por harmonização vocálica através dos preceitos teóricos da Fonologia Autossegmental. A autora verificou que a ausência de obstáculos ao espriamento do traço de abertura da vogal alta através de segmentos consonantais simples, como [s] em *pre[s]iso* ~ *pri[s]iso*, e de segmentos complexos, como [ɲ] em *co[ɲ]ecido* ~ *cu[ɲ]ecido*⁹, permitia o alçamento da vogal média pretônica..

As três teorias fonológicas apresentadas neste capítulo explicitam que as formas *qu[e]rido* ~ *qu[i]rido* e *b[o]nita* ~ *b[u]nita*, a exemplo, são possíveis em português brasileiro mediante o respaldo de um contexto fonético motivador, a saber, uma vogal alta que dá condições para que a vogal média pretônica seja elevada. Esses casos configuram, conforme já apresentado, a harmonização vocálica, processo que já havia sido observado no português europeu do século XVI pelo gramático Fernão de Oliveira:

"das vogais, entre **u** e **o** pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns **somir** e outros **sumir** e **dormir** ou **durmir** e **bolir** ou **bulir** e outras muitas partes semelhantes" (OLIVEIRA, 2000 [1536], p. 64)¹⁰.

Outro tipo de alçamento, verificado em vogais médias pretônicas de palavras que não apresentam vogal alta em sílaba subsequente, também foi verificado no

⁸ Cf. Figura 8, p. 30.

⁹ Cf. Seção 3.1, Capítulo 3.

¹⁰ OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2000 [1536].

português europeu pelo gramático D. Jerônimo Contador de Argote no começo do século XVIII em palavras como *p/e/daço ~ p/i/daço ~ p'daço*¹¹.

O referido alçamento é igualmente observado no português brasileiro corrente, ocorrendo variavelmente em diferentes graus nas variedades regionais em palavras como *g[o]verno ~ g[u]verno* e *s[e]nhor ~ s[i]nhor* sem revelar um condicionador fonético aparente.

O capítulo a seguir versará sobre os pressupostos teóricos que fundamentaram a análise empreendida pelo presente estudo.

¹¹ SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na tentativa de melhor compreender o processo de implementação da variação sonora, diferentes perspectivas teóricas serão recuperadas, a saber, as teorias neogramática, difusionista e variacionista, as quais serão apresentadas nas seções a seguir. Além disso, faremos considerações sobre a Teoria de Exemplos.

2.1 Teoria Neogramática

A condução dos estudos sobre a linguagem que vinham sendo desenvolvidos desde a Antiguidade Clássica foi profundamente alterada no final do século XVIII pelo filólogo inglês Sir William Jones. Em seu estudo comparativo entre o sânscrito, o latim e o grego, Jones observou semelhanças gramaticais que sugeriam a existência de uma língua antepassada comum às três línguas.

Foi a partir de William Jones que o método comparativista ganhou destaque e passou a ser explorado por diversos estudiosos europeus. Segundo Câmara Jr. (1975), durante a primeira metade do século XIX, destacaram-se os estudos desenvolvidos por Franz Bopp, Jacob Grimm e August Schleicher na Alemanha. Bopp obteve visibilidade ao comparar as gramáticas do sânscrito, persa, grego, latim e alemão. Grimm conferiu um enfoque mais científico aos estudos comparativistas ao acrescentar a perspectiva histórica à análise. Schleicher, por sua vez, propôs que as línguas eram organismos vivos, tais como os animais e as plantas, e que sobre elas atuava o processo evolutivo.

Pesquisas realizadas durante a segunda metade do século XIX começaram a refletir uma postura metodológica de transição entre o método dedutivo e o método indutivo. Já o método indutivo prezava pelo rigor científico na análise de fatos empíricos, o que, na esfera dos estudos linguísticos, traduzia-se no estabelecimento de regras que davam conta de vários fenômenos de mudança sonora observáveis na fala dos indivíduos.

Segundo Faraco (2005), foi neste contexto de transição metodológica que Karl Brugmann e Hermann Osthoff, linguistas da Universidade de Leipzig, romperam com a tradição comparativista vigente. Brugmann e Osthoff publicaram em 1878 a revista *Morphologische Untersuchungen*, considerada o manifesto do movimento neogramático, no qual foi formalizada a noção de que as leis fonéticas eram

regulares e de que não haveria exceções às regras senão casos de analogia ou de empréstimo dialetal. Dois anos mais tarde, Hermann Paul, também seguidor da teoria neogramática, instituiu o pressuposto teórico de que as mudanças linguísticas decorriam da língua do indivíduo, o idioleto, e não da língua falada pela comunidade.

A hipótese neogramática previa, portanto, que a evolução histórica das línguas devia-se a leis fonéticas, regulares e inalteráveis, que promoveriam mudanças sonoras foneticamente graduais e lexicalmente repentinas. Assim sendo, na presença de condicionamento fonético, a mudança sonora afetaria simultaneamente todos os vocábulos da língua que apresentassem aquele contexto fonético específico.

Em outras palavras, a mudança neogramática caracteriza-se pela implementação regular de um processo do tipo $X \rightarrow Y / _ Z$. Já as possíveis irregularidades observadas ao final do processo seriam exceções à regra originadas por analogia ou provindas de empréstimo.

Os neogramáticos contribuíram para o desenvolvimento da teoria linguística com a noção de regularidade fonética amplamente reconhecida pela ciência linguística. Outras premissas teóricas do modelo foram, contudo, contrapostas. Um olhar mais atento para as exceções às leis fonéticas, por exemplo, revelava uma complexidade nem sempre explicada pela analogia ou pelo empréstimo dialetal (FARACO, 2005, p. 53).

Além disso, a observação de Chen e Wang (1975, p. 259) de que palavras oriundas de uma língua ingressam em outras línguas sem causar instabilidades nos sistemas que adentram é um contra-argumento ao pensamento neogramático, "since borrowing is motivated by lexical need or cultural imitation, it is unthinkable that the borrowed items are all and only those which satisfy a given phonetic condition".

Tornou-se necessário estabelecer um princípio ou lei que também regesse o produto não previsto da aplicação das leis fonéticas. Assim, buscou-se uma teoria que explicasse, primeiramente, as palavras que permaneciam intocadas pela lei fonética, apesar do potencial de aplicação gerado pelo condicionamento fonético e, em segundo lugar, as palavras que sofriam a mudança sonora mesmo na ausência do contexto fonético.

Surge, assim, a teoria difusionista cujas hipóteses de trabalho e pressupostos teóricos serão apresentados a seguir.

2.2 Difusão Lexical

Por volta da década de 1970, a partir de estudos sobre o chinês e suas variedades dialetais, Chen e Wang (1975) sugeriram que a mudança sonora era uma inovação na qual um condicionador lexical se sobreporia a um condicionador fonético. Os autores verificaram que a mudança sonora tratava-se, na verdade, de um processo de difusão lexical no qual uma mudança sonora poderia se originar mesmo na ausência de condicionamento fonético porque a mudança iniciaria em uma palavra e não em um som.

Chen e Wang (1975) corroboraram seu argumento de que o componente lexical tinha uma função primária no mecanismo de mudança sonora a partir de exemplos do sistema tonal do dialeto Cháozhou, da alternância acentual em inglês e do apagamento de /d/ final na língua sueca. Comentaremos a seguir os dois últimos casos.

Segundo os autores, palavras inglesas como *abstract*, *accent* e *addict* apresentam dois acentos tônicos que se alternam: quando são usadas como substantivos, o acento primário aparece na primeira sílaba; quando são usadas como verbos, o acento primário aparece na segunda. O levantamento de dados realizado por Sherman (1973)¹² indicou que no ano de 1570 apenas três palavras apresentavam este comportamento, a saber, *outlaw*, *rebel* e *record*. Em 1582 foram acrescentadas ao léxico da língua mais cinco palavras diatônicas. Em 1660, havia 24 palavras, em 1700 registravam-se 35 e, um século mais tarde, 70 palavras. Em 1934, o *Short Oxford English Dictionary* registrava 150 palavras diatônicas.

Chen e Wang (1975) chamaram a atenção para o fato de que a regra de alternância do acento difundiu-se gradualmente pelo léxico da língua ao longo dos séculos e que de 1.315 potenciais candidatas à regra, apenas 150 palavras realizaram-se como itens lexicais diatônicos, evidência de que a regra em questão é de cunho difusionista.

A variedade sueca falada em Estocolmo, por sua vez, mantinha o /d/ final ortográfico, mas, em sua variedade falada, apagava-o em palavras como *ved*, *hund*, *blad* e *röd*, em um processo de aplicação crescente entre palavras representativas de diversas categorias gramaticais verificada desde o século XIV. Entretanto,

¹² SHERMAN, Donald. Noun-verb stress alternation: An example of the lexical diffusion of sound change in English. *POLA Reports*, v. 17, p. 46-82, 1973.

segundo Janson (1973)¹³, formas com e sem /d/ final alternavam-se no sistema da língua à época de sua pesquisa, com o apagamento restringindo-se a um número reduzido de classes gramaticais.

O aumento das taxas de alfabetização entre os suecos na primeira metade do século XX sugere que o conhecimento ortográfico dos falantes interferiu no processo regular de apagamento de /d/ final, conservando algumas formas com apagamento e outras sem, fato característico da mudança por difusão lexical.

Os referidos estudos reforçaram a hipótese difusionista de que a mudança começaria na palavra, sem, com isso, excluir o componente fonético do processo de mudança linguística. Ao estabelecer o papel secundário do condicionador fonético, a teoria difusionista justificava a existência de itens lexicais que não eram atingidos pela mudança que se operava em outros itens lexicais com o mesmo condicionamento fonético.

A hipótese difusionista previa, portanto, que as mudanças sonoras seriam foneticamente repentinas e lexicalmente graduais, ou seja, a mudança sonora começaria abruptamente em uma palavra isolada e, a partir dela, poderia se propagar gradualmente para outras palavras com contexto fonético semelhante.

Oliveira (1991) argumenta que a diferença entre as propostas neogramática e difusionista está no ordenamento dos condicionadores envolvidos no processo. Assim, enquanto que para os neogramáticos o condicionamento fonético precede o condicionamento lexical, para os difusionistas a relação é oposta, ou seja, o condicionamento lexical antecede o condicionamento fonético.

Ao explorar o exemplo da palatalização de /t/ e /d/, Oliveira (1991, p. 103) explica que as sequências [ti] e [tʃi], por exemplo, coexistiram, mas, diante do fato que a consoante palatal [tʃ] é mais natural a [i] do que a consoante alveolar [t], a regularidade foi atingida ao final do processo. Nas palavras do próprio autor, considerando uma regra como $X \rightarrow Y / _ Z$, "(...) onde Z é um contexto fonético natural para Y a regularidade pode ocorrer; onde não o é, a irregularidade aparece e encontramos seleção lexical" (OLIVEIRA, 1991, p. 104).

Em estudo posterior, Oliveira (1992) considera a mudança sonora uma inovação na qual o contexto fonético atua mais como o estabilizador da inovação do que como condicionador, dando respaldo local à fixação da alternância sonora.

¹³ JANSON, T. Reversed lexical diffusion and lexical split: loss of -d in Stockholm. In: WANG, W. S. Y. (ed.) *The lexicon in phonological change*. The Hague: Mouton, p. 266-278, 1977.

Segundo Labov (1981, p. 304), há mudanças dos dois tipos, ou seja, mudanças neogramáticas e mudanças difusionistas, sendo que as primeiras são processos fonéticos superficiais (*low-level output rules*), enquanto que as últimas atuam no léxico subjacente.

A partir da comparação de resultados obtidos sobre diferentes processos fonológicos, a saber, a cisão do /a/ breve e outras mudanças neogramáticas em progresso no inglês falado na região da Filadélfia, Estados Unidos, Labov (1981) apresentou as principais diferenças entre as teorias neogramática e difusionista no quadro abaixo reproduzido.

Quadro 1 - Características dos modelos neogramático e da difusão lexical

CARACTERÍSTICAS	MODELO NEOGRAMÁTICO	MODELO DIFUSIONISTA
Discreto	NÃO	SIM
Condicionamento fonético	FINO	GROSSEIRO
Exceções lexicais	NÃO	SIM
Condicionamento gramatical	NÃO	SIM
Sensível ao social	SIM	NÃO
Previsível	SIM	NÃO
Possível de aprender	SIM	NÃO
Categorizado	NÃO	SIM
Entradas de dicionário	1	2
Difusão lexical no passado	NÃO	SIM
Difusão lexical no presente	NÃO	SIM

Fonte: Adaptado de Labov (1981, p. 296)¹⁴

Conforme se observa no Quadro 1 acima, as mudanças neogramáticas dizem respeito aos ajustes sonoros que ocorrem dentro de um pequeno espaço fonético e, portanto, não chegam a produzir distinção fonológica, mas são sensíveis à valoração social. Já os processos de difusão lexical apresentam ajustes fonéticos menos gradientes que os processos neogramáticos e não sofrem avaliação social.

Os fatores apresentados por Labov (1981) não são generalizáveis, segundo Oliveira (1991), no sentido de que consideram apenas as mudanças acabadas, isto é, aquelas que se acredita terem sido implementadas integralmente. A mudança sonora em progresso é apresentada através dos pressupostos teórico-

¹⁴ Tradução livre.

metodológicos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008[1972], 1994, 2001), os quais serão apresentados na seção a seguir.

2.3 Teoria da Variação

Louis Gauchat realizou em 1904 a descrição da variedade de francês falada pelos membros de uma pequena comunidade rural suíça. Sua análise revelou que a variação linguística através dos diferentes grupos etários era sistemática e que, portanto, o ponto de vista neogramático estava equivocado ao afirmar que a mudança era homogênea e que a diversidade era resultado de empréstimos dialetais.

A concepção sociológica de língua proposta pelo linguista francês Antoine Meillet e compartilhada por Gauchat, na qual a complexidade do homem e dos grupos sociais em que ele se insere reflete uma língua igualmente complexa, foi reforçada pelos resultados obtidos por Eduard Hermann. Este recontatou a comunidade estudada por Gauchat e constatou que algumas das mudanças em progresso apontadas pelo linguista duas décadas antes haviam se implementado e que outras ainda estavam em andamento, indicando um padrão de variação com indícios de motivação social.

A orientação teórica dos estudos conduzidos por Gauchat, Meillet e Hermann constitui os primórdios da sociolinguística, nome posteriormente atribuído a uma disciplina que abrange os fenômenos linguísticos que emergem no limiar entre língua e sociedade.

Foi com Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) que as bases da sociolinguística quantitativa foram lançadas, reiterando-se a noção de que formas alternantes perfeitamente encaixadas ao sistema linguístico deveriam ser investigadas com base nas relações intrínsecas entre língua e sociedade. Fala-se, portanto, de uma heterogeneidade ordenada.

Labov (2008[1972]) ressaltou que a análise linguística de seu tempo entendia a variação como resultado de mistura dialetal ou como casos de variação livre. A noção de regra variável foi proposta por Labov (1972) através de exemplos do *Black English Vernacular*¹⁵ (doravante BEV), variedade de inglês falada pela maioria dos

¹⁵ O BEV posteriormente passou a ser chamado de *Afro American Vernacular English* (AAVE).

jovens negros americanos entre 8 e 19 anos que durante muito tempo foi estigmatizada pelos falantes de inglês americano padrão, pois acreditava-se tratar de um sistema desordenado de regras que variava livremente.

O BEV tende a simplificar encontros consonantais em final de palavra, apagando [t] e [d] quando estes são a segunda consoante do encontro consonantal, como *act*, *bold* e *find*, por exemplo. Contudo, quando [t] e [d] finais são indicativos do morfema de tempo pretérito -ed, ocorre a aplicação da regra variável postulada a seguir:

Figura 15 - Regra variável de apagamento de [t] e [d]

[-contínuo] → <∅> / [+consonantal]^β <∅> _____ # #^α <-silábico>

Fonte: Labov (1972, p. 253)

A regra reproduzida na Figura 15 explicita que [t] e [d] são variavelmente apagados quando a palavra seguinte inicia com consoante. Dessa forma, têm-se as formas alternantes *I passed the test yesterday* ~ *I pass the test yesterday*, assim como *he passed away yesterday*. A forma **he pass away yesterday*, todavia, não é permitida.

A partir dessas observações, Labov (2008, p. 262) atestou que "(...) a variação tal como é mostrada no apagamento dos grupos -t, -d, não é um produto da mistura dialetal irregular, mas uma propriedade inerente e regular do sistema". Em outras palavras, o BEV era uma variedade que respeitava a gramática básica da língua inglesa, apresentando estrutura e condicionamento perfeitamente sistematizáveis.

Além de investigar processos variáveis sincrônicos, como aqueles verificados no BEV, Labov (2008[1972]) resolveu problemas de ordem histórica através do Princípio do Uniformitarismo, emprestado da Geologia, o qual prega que o conhecimento sobre os processos que operaram no passado pode ser inferido ao se observar os processos em andamento no presente. Transpondo esta sistemática para os estudos linguísticos, tem-se que

"(...) as forças que impulsionam as mudanças linguísticas em germe no presente são as mesmas que impulsionaram mudanças operadas no passado. O que, em outros termos, equivale a dizer que a língua de ontem

não era, em sua essência, diferente da língua de hoje" (LABOV, 2008, p. 183).

O Princípio do Uniformitarismo reconsiderou a dicotomia sincronia e diacronia passando a realizar estudos de tempo aparente, isto é, análises em que há estratificação dos informantes por faixas etárias com o intuito de verificar o desenvolvimento da língua a partir de diferentes gerações, porém contemporâneas.

Segundo Labov (2008), resultados de estudos de tempo real (de painel, em que há recontato com os mesmos informantes contatados anteriormente, ou de tendência, em que há comparação de amostras de uma mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo) somados às evidências do tempo aparente revelam que as mudanças primeiramente verificadas no indivíduo passam a ser verificadas posteriormente na comunidade, isto é, passam da esfera individual para a coletiva. Isso significa que duas ou mais formas que coexistem no sistema de diferentes indivíduos deixam de estar em variação quando uma das formas passa a ser utilizada categoricamente pela comunidade, configurando uma mudança.

O mecanismo de variação e mudança linguística revela um contexto de competição entre formas alternantes na qual as relações indissociáveis entre o indivíduo, a língua e a sociedade culminam em dois quadros diferentes: pode ser que uma forma vença e passe a ser representativa de um determinado grupo social ou, ainda, pode ser que as duas formas concorrente coexistam na fala do grupo de maneira estável ao longo do tempo.

A competição entre formas alternantes e sua implicação no uso social aparece claramente em dois estudos realizados por Labov, a saber, em Martha's Vineyard e em Nova York, apresentados a seguir.

Para o estudo sobre a centralização dos ditongos /aw/ e /ay/ na fala de habitantes nativos da ilha de Martha's Vineyard, Estados Unidos, no final da década de 1960, Labov (2008) realizou 69 entrevistas, bem como utilizou dados do *Linguistic Atlas of New England* coletados três décadas antes. O objetivo da pesquisa era essencialmente reconstruir a motivação social da variação sonora relacionada à centralização dos ditongos que se operava entre os habitantes da ilha.

Coletados e quantificados os dados, o autor constatou que a distribuição da centralização variava com a faixa etária do falante, bem como por grupos ocupacionais e étnicos.

O auge da centralização apareceu na faixa etária de 30 a 45 anos e justificou-se pela maior dependência econômica do grupo em relação aos turistas, dependência essa que é combatida através do maior uso de formas centralizadas tipicamente vineyardenses.

De todos os grupos ocupacionais, os pescadores exibiram o maior índice de centralização, pois eram eles os representantes da antiga cultura pesqueira da ilha.

O fator etnia também revelou-se significativo para o uso variável das formas centralizadas, sendo que os descendentes das tradicionais famílias inglesas obtiveram os mais altos índices de aplicação.

Labov (2008) também relatou que foi possível enxergar entre os entrevistados um sentimento antagônico em relação à ilha que se refletia na variação linguística: as pessoas que desejavam ficar na ilha apresentavam altos índices de centralização das vogais, enquanto que as que queriam partir exibiam pouca ou nenhuma centralização. A atitude positiva com relação à ilha era, portanto, uma variável que podia ter seu grau de favorecimento à centralização mensurado em face da atitude linguística dos informantes da amostra estudada (LABOV, 2008, p. 57). O autor concluiu que

"um padrão mesclado de condicionamento fonético irregular e frequências de uso que se alteram em faixas etárias, áreas e grupos sociais, como observamos em Martha's Vineyard, é o processo de mudança linguística na forma mais simples que mereça esse nome" (LABOV, 2008, p. 43).

Ao reconhecer a coexistência de formas linguísticas variantes utilizadas por grupos de falantes pertencentes a uma mesma comunidade de fala estratificada em termos de sexo, idade, classe social, etc., a teoria variacionista propôs um paradigma funcionalista que divergia circunstancialmente do paradigma formalista proposto pelo Estruturalismo e pelo Gerativismo, pois à Sociolinguística Variacionista interessa compreender os fenômenos da língua em uso e não a língua enquanto um sistema imanente que se concretiza subjetivamente no indivíduo.

Em relação ao estudo realizado sobre o uso de /r/ pós-vocálico, o inglês não-rótico falado nos Estados Unidos havia seguido, segundo Labov (2008), o prestígio da língua inglesa falada na cidade de Londres no final do século XIX. Entretanto, a mudança em direção a uma pronúncia com /r/ estava em andamento em Nova York

à época de sua pesquisa, ou seja, uma inversão das normas de prestígio operava-se entre os falantes das diferentes comunidades que formavam a cidade.

Assim, a hipótese inicial era de que o uso variável de /r/ pós-vocálico poderia ser capturado no seu uso em núcleos sociais menores. Para tanto, foram selecionadas três lojas de departamentos, a saber, a Saks Fifth Avenue, de *status* superior, a Macy's, de *status* médio, e a S. Klein de *status* inferior. Os resultados da pesquisa corresponderam à expectativa inicial, pois constatou-se no comportamento linguístico dos grupos o padrão de variação verificado na cidade como um todo.

Verificou-se que o uso diferenciado de /r/ ocorria na mesma ordem de sua estratificação por fatores extralinguísticos, no caso, o prestígio sócio-econômico dos clientes das lojas. Observou-se que os vendedores da loja de *status* mais alto apresentaram os valores mais altos de aplicação de /r/ pós-vocálico, os vendedores da loja de *status* médio apresentaram valores intermediários e os vendedores da loja de *status* mais baixo apresentaram os valores mais baixos de aplicação. Isso significa que os funcionários das referidas lojas tomavam emprestado o prestígio de seus clientes, reproduzindo em sua fala o modo de falar destes.

O estudo de tempo real mostrou que o uso de /r/ pós-vocálico era uma inovação recente no inglês falado em Nova York e, assim sendo, esperava-se que os informantes mais jovens fizessem maior uso de /r/. A estratificação por loja e faixa etária revelou que os vendedores mais jovens (entre 15 e 30 anos) da Saks faziam maior uso de /r/ que os vendedores jovens da Macy's e da Klein's. Já os vendedores da faixa etária intermediária (entre 35 e 50 anos) fizeram menor uso de /r/ nas três lojas pesquisadas. Os falantes mais velhos (entre 55 e 70 anos), por sua vez, fizeram menor uso de /r/ na Saks e na Klein, mas o uso de /r/ aumentou substancialmente na Macy's.

A explicação para tal comportamento, segundo Labov (2008, p. 80), é a seguinte:

"A mudança da influência do padrão de prestígio da Nova Inglaterra (ausência de *r*) para o padrão de prestígio no Meio-Oeste (presença de *r*) é sentida mais completamente na Saks. As pessoas mais jovens da Saks estão sob a influência do padrão da pronúncia de *r*, as mais velhas, não. Na Macy's, há menos sensibilidade a esse efeito entre um grande número de falantes mais jovens, que estão completamente imersos na tradição linguística da cidade de Nova York. Os repositores e vendedores jovens ainda não estão plenamente conscientes do prestígio atribuído à pronúncia do *r*. Por outro lado, as pessoas mais velhas da Macy's tendem a adotar esta pronúncia: poucas se servem do padrão mais antigo de pronúncia

prestigiada que sustenta a tendência de as pessoas mais velhas da Saks não pronunciarem o *r*".

Tal especulação somada à análise por estilo e classe social, indicou que a classe média alta passava a utilizar /r/ bastante cedo, em torno dos 20 anos de idade, enquanto que para as demais classes o uso desse padrão não é sólido, estabilizando-se relativamente aos 40 anos, entre a classe média baixa, e aos 60 anos na classe operária (LABOV, 2008, p. 85). Ainda segundo o autor, os membros de meia-idade da classe média baixa exibem a maior tendência a aumentar seu uso de /r/ pós-vocálico em estilo mais formal através de comportamentos extremos de hipercorreção, pois passaram a utilizá-lo quando sua língua básica – o vernáculo – já estava estabilizado.

A idade é uma questão importante para os estudos variacionistas, pois pode fornecer indícios relevantes sobre a mudança em progresso. O fato de que as regras fonológicas aparentemente só podem ser aprendidas até a estabilização da língua vernácula, ou seja, ao final da adolescência, torna relevante a investigação da aplicação de processos variáveis pela faixa etária mais jovem. Tal tópico será desenvolvido na seção a seguir.

2.3.1 Estabilização da língua vernácula

Sob a perspectiva da teoria variacionista, as crianças depreendem a gramática básica de sua língua materna a partir do modelo linguístico fornecido pelo indivíduo que convive mais próximo dela durante os seus primeiros anos de vida, em geral a mãe ou uma cuidadora (LABOV, 2001).

O papel central das mulheres no que diz respeito à transmissão da variação e mudança linguística é um dos pressupostos fundamentais da teoria sociolinguística, a qual identifica em uma figura feminina a principal propagadora de formas variantes, uma vez que é ela quem transmite padrões linguísticos às novas gerações.

Segundo Labov (2001, p. 415-416), entre 4 e 13 anos de idade aproximadamente, a gramática básica primeiramente aprendida pela criança sofre um processo de reestruturação vernacular desencadeado pela interação da criança com seus pares, isto é, com crianças de sua idade ou ligeiramente mais velhas do que ela.

Labov (2008, p.168) afirma que os pares eliminam os desvios do padrão dialetal do grupo por meio de pressões sociais e que esse processo culmina na cristalização ou estabilização da língua vernácula ao final da adolescência, por volta dos 17 anos. Parece, pois, que a fase final da adolescência é o período em que a língua vernácula de uma comunidade de fala emerge, de fato, em sua forma mais característica.

O pressuposto teórico inicial difundido entre os pesquisadores sociolinguistas de que os processos variáveis só podiam ser descritos e analisados após a estabilização definitiva da língua vernácula fez com que a maioria dos estudos variacionistas tradicionais descrevesse e analisasse predominantemente o comportamento linguístico da faixa etária adulta, incluindo aí apenas os indivíduos com 25 anos ou mais e excluindo os informantes mais jovens.

De encontro a essa posição, os resultados obtidos por Cedergren (1988) no estudo de tendência sobre a lenição de (ch) na Cidade do Panamá revelam picos de uso de formas inovadoras pelo grupo adolescente e um menor uso dessas formas pelas faixas etárias adjacentes. Tais picos de uso identificados na fala dos informantes quando estes tinham 20 anos de idade não foram observados quando os mesmos foram recontatados aos 35 anos, apesar de ainda fazerem uso variável da regra.

Tagliamonte e D'Arcy (2009, p. 70) entendem que os picos de uso de formas inovadoras que aparecem na adolescência são produtos de incrementos – inovações linguísticas – e que sua taxa de ocorrência responde pelo comportamento peculiar da fala dos jovens. Assim, os incrementos ocorreriam naturalmente conforme o indivíduo vai passando pelos diferentes estágios desde a aquisição da língua básica até a estabilização do vernáculo.

A partir dos pressupostos apresentados por Labov (2001), os incrementos linguísticos ocorrem para homens e mulheres em diferentes graus, tendo como ponto de partida a língua básica transmitida por seus pais ou cuidadores. De acordo com Labov (2001, p. 447), entre os 4 e 20 anos, em decorrência de reestruturação vernacular, observa-se a maior ocorrência de incrementos na fala das meninas do que na fala dos meninos. Isso significa que, quando o adolescente está prestes a atingir a estabilização (por volta dos 17 anos), observa-se o pico de uso da forma inovadora especialmente entre as mulheres.

Os incrementos linguísticos cessam quando a língua se estabiliza, cabendo ao grupo imediatamente mais jovem continuar inovando. Assim, quando esse grupo chegar ao final da adolescência e à estabilização, terá ultrapassado o grupo adolescente da geração anterior em termos de incrementos.

Sob a ótica da Teoria da Variação, acredita-se que os incrementos linguísticos são condicionados pelas estruturas social e linguística. No estudo sobre a variedade falada pelos jovens negros do Harlem (LABOV, 1972), a variação linguística claramente revelou-se sistemática quando relacionada à estrutura social vigente, pois, nas palavras de Eckert (1998, p. 164):

"Labov's work with African-American early adolescents showed correlations of linguistic variables with places in social networks as defined by peer groups that defined themselves in relation to Harlem's vernacular culture and in opposition to legitimized institutional culture".

A discussão em torno dos lugares sociais foi realizada por Eckert (1988) em seu estudo sobre a estrutura social entre dois grupos de adolescentes – Jocks and Burnouts – dos subúrbios de Detroit. A estrutura social que existia entre os adolescentes das escolas de Ensino Médio pesquisadas pela autora revelou que, para oporem-se à autoridade instituída pelos pais e pela escola, com o intuito de firmarem-se enquanto grupo e também perante os seus pares, os adolescentes adotavam uma ou outra cultura: enquanto que os Jocks, adolescentes de classe média, engajavam-se nas atividades escolares e visavam ir para a Universidade, os Burnouts, adolescentes da classe operária, envolviam-se principalmente com assuntos não escolares (drogas, violência, etc.). As consequências dessa realidade social na esfera linguística traduzem-se nas palavras da autora:

"It is reasonable to assume that the rapid development of social structure in preadolescence and adolescence is intimately associated with the development of patterns of linguistic variation, and that the social significance of variants for adolescents would be associated with the system of social differentiation arising within the cohort" (ECKERT, 1988, p.187).

O final da adolescência e a estabilização do vernáculo geralmente coincidem com o final do Ensino Médio, período em que os jovens começam a desempenhar os papéis sociais atribuídos aos adultos. A partir dos estudos de Cedergren (1988) e Sankoff (2004), Tagliamonte e D'Arcy (2009) afirmam que a variação e a mudança

linguística podem se estender durante a fase adulta contradizendo a noção tradicional de que os adultos falam uma língua supostamente estável.

O estudo de painel realizado por Sankoff (2004) sobre dois informantes de Yorkshire, Inglaterra, recontatados em intervalos de sete anos (Nicholas entre os 7 e 35 anos de idade e Neil entre 14 e 42 anos) revelou alterações significativas no uso de /u/ breve (*come, country, couple, other, London) após a adolescência. Cedergren (1988), por sua vez, identificou o aumento da frequência da lenição de (ch) nos informantes entre 40 e 70 anos, corroborando a afirmação apresentada por Tagliamonte e Darcy (2009, p. 62) de que*

"there is thus strong consensus from both trend and panel studies that individuals can shift the frequency of linguistic features well into adulthood. It seems, therefore, that the assumption of postadolescent linguistic stability that underlies much sociolinguistic research may not reflect the actual situation as accurately as initially believed".

Dessa forma, a discussão sobre a estabilização do vernáculo revela a importância da inclusão nos bancos de dados de registros de fala de informantes cada vez mais jovens, pois somente assim será possível a realização de estudos mais abrangentes e conclusivos sobre a natureza da variação e mudança linguística.

2.4 Teoria de Exemplos

A Teoria de Exemplos (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003) é um modelo de cunho lexical que vislumbra nas palavras a origem da variação e mudança linguística. Nesse sentido, o modelo vai ao encontro do modelo difusionista o qual entende que a variação e mudança sonora tem sua origem na palavra, diferentemente dos neogramáticos que atribuíam a mudança ao som.

Os pressupostos do referido modelo podem ser aplicados aos casos de variação fonética e fonológica no sentido de que o modelo dá conta de relacionar tanto o detalhamento fonético quanto a informação sociolinguística indexada às formas variantes de maneira condizente com a realidade de aplicação dos processos variáveis.

A Teoria de Exemplos fundamenta-se essencialmente na Fonologia de Uso (BYBEE, 2001), a qual defende que as línguas são adquiridas através do uso e que as gramáticas são, portanto, emergentes. Seus pressupostos teóricos dão margem

ao entendimento de que a aquisição de uma língua está atrelada ao uso, assim como o conhecimento e a competência sobre a variação e a mudança linguística também estão.

Segundo o modelo, as representações mentais são multirrepresentacionais, pois carregam em si as dimensões fonológica, semântica, etc., de uma forma linguística que é um exemplar, ou seja, uma ocorrência ou instância de uso de uma palavra, que carrega consigo diferentes informações linguísticas e extralinguísticas.

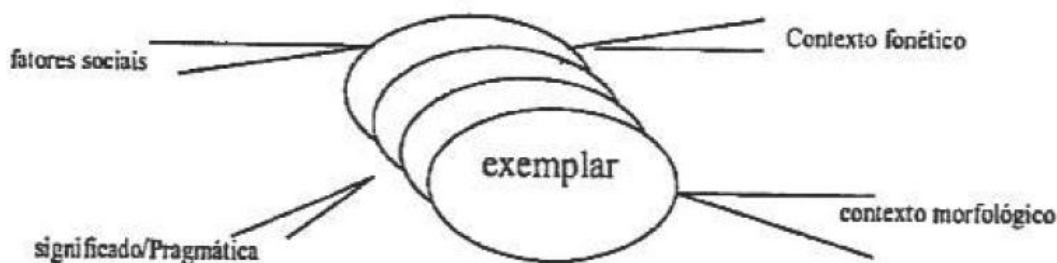
Pierrehumbert (2003) considera que tanto a informação linguística quanto a informação extralinguística estão associadas a um exemplar. Em outras palavras, o significado social também é considerado na organização e uso da língua, aproximando, nesse sentido, a Teoria de Exemplos da Teoria da Variação.

A organização do conhecimento linguístico ocorre por categorização. Segundo Haupt (2011, p. 176),

"(...) todas as amostras são armazenadas e categorizadas, criando, assim, categorias que representam as variações encontradas no uso e no processamento da língua. As palavras são armazenadas em redes que mapeiam relações de similaridade em todos os níveis e as palavras com mais similaridades são armazenadas em nuvens. Exemplos mais frequentes tornam-se mais fortes, os menos frequentes enfraquecem e, com o tempo, deixam de ser usados".

A Figura 16 abaixo reproduzida ilustra a constituição de uma nuvem de exemplares com suas múltiplas representações.

FIGURA 16 - Nuvem de exemplares



FONTE: Cristóforo-Silva (2006, p. 172)

Observa-se que a nuvem de exemplares é formada por informações gramaticais e sociais que atrelam-se inerentemente aos exemplares conforme estes são experienciados.

A Teoria de Exemplos entende que o léxico é o locus da organização gramatical e, por isso mesmo, é o componente que operacionaliza o uso linguístico. Se o léxico comporta e controla tanto informação gramatical quanto informação social, a hipótese fundamental do modelo de exemplos é de que os falantes armazenam cada forma linguística que experienciam com todo o detalhamento linguístico e extralinguístico disponível.

Os falantes vão adicionando cada exemplar a determinados grupos ou nuvens de exemplos através de um procedimento de categorização que opera com base na similaridade sendo que, dentro da nuvem, os exemplos assemelhados distribuem-se em um espaço paramétrico dinâmico.

Isso significa que, através do uso, o espaço paramétrico pode se reorganizar. Daí uma determinada instância se manter mais ao centro da nuvem em razão de sua frequência e do quão recente é para o falante (PIERREHUMBERT, 2001, p. 140). Os exemplos que ocupam a região mais periférica da nuvem dão forma à variação linguística tal qual ela é encontrada na língua. Por isso, a variação é parte do conhecimento linguístico dos falantes.

Considerando os casos de variação fonológica, a Teoria de Exemplos pressupõe que o falante possui para um mesmo fonema múltiplas realizações ou alofones dentro da nuvem de exemplos. Isso significa que os falantes armazenam informação redundante (representação fonética) e não apenas abstraem a forma subespecificada (representação fonológica) das palavras.

A escolha por uma ou outra forma variante não é aleatória, mas depende do quanto um exemplar encontra-se fortalecido no mapa cognitivo do falante por força de frequência e do quão recente é. Em outras palavras, aquele exemplar localizado mais ao centro da nuvem, quando comparado aos demais, é o exemplar que será ativado. Portanto, a variação emerge do próprio uso linguístico a partir da computação de formas variantes e do seu uso probabilístico. Nas palavras de Cristóvão-Silva (2006, p. 171),

"a abordagem probabilística da linguagem sugere instrumentais sólidos para a construção de uma teoria de linguagem que expresse um sistema dinâmico, plástico e gerenciado socialmente no uso de uma língua por seus falantes".

Supondo o exemplar *borracha*, por exemplo, as informações semântica e fonética estocadas dentro do exemplar somente são viabilizadas por efeito do *input* que, ao fornecer outras formas linguísticas, da comparação entre as diferentes formas depreende-se as características gramaticais e sociais inerentes ao exemplar.

Em outras palavras, é da comparação e conseqüente mapeamento das similaridades e diferenças entre várias formas linguísticas que as relações morfológicas, sintáticas e pragmáticas emergem. Assim, o *input* pode fornecer as formas b[o]rracha, b[u]rracha, b[u]rracharia, b[o]rracharia, b[o]rracheiro, b[u]rracheiro, etc. das quais, quando analisadas comparativamente pelos falantes/ouvintes, características gramaticais e sociais específicas emanam.

De acordo com Pierrehumbert (2003, p. 131), quando o falante entra em contato com novas ocorrências, essas são comparadas e classificadas de acordo com outras categorias já existentes. Por isso, Bybee (2001) sugere que o uso linguístico atua sobre a representação da língua, pois as formas variantes recorrentes podem resultar em mudança na representação mental de uma palavra.

3 VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O alçamento variável das vogais médias pretônicas decorre de dois processos fonológicos distintos. Enquanto que as formas p[e]rigo ~ p[i]rigo e c[o]ruja ~ c[u]ruja são produzidas mediante a aplicação da regra de harmonização vocálica, na qual uma vogal média pretônica assimila a altura de uma vogal alta subsequente, as formas s[e]nhor ~ s[i]nhor e g[o]verno ~ g[u]verno são produto da variação entre as vogais médias e as vogais altas.

Esta pesquisa, assim como Klunck (2007) e Cruz (2010), considera o último processo como um caso de elevação (ou alçamento) sem motivação aparente, uma vez que não há um contexto específico que motive a alternância verificada.

O presente capítulo tratará de alguns dos principais estudos realizados sobre a elevação das vogais médias na pauta pretônica de diferentes variedades de português brasileiro, conferindo maior foco aos estudos realizados sobre a elevação sem motivação aparente no Sul do Brasil.

3.1 Alçamento variável das vogais médias pretônicas

A variação das vogais médias pretônicas foi investigada por Bisol (1981), Battisti (1993), Schwindt (2002), Casagrande (2004), Klunck (2007) e Cruz (2010) na variedade gaúcha. Marchi e Stein (2007) investigaram o fenômeno no português falado em Curitiba, Paraná. Viegas (1987, 2001) e Oliveira (1991, 1992, 1995), por sua vez, analisaram a variedade mineira. Bortoni et al (1992), por fim, analisaram o alçamento das vogais pretônicas em Brasília, Distrito Federal.

As abordagens teóricas adotadas pelos referidos pesquisadores revelam um contraponto teórico fundamental, já apresentado em capítulo anterior, quanto à natureza da variação e da mudança sonora. Resumidamente, alguns pesquisadores entendem que a variação sonora implementa-se no nível do segmento sonoro, enquanto outros admitem que a variação implementa-se no nível da palavra. Os primeiros baseiam-se fundamentalmente na teoria variacionista laboviana (LABOV, 1972, 1994, 2001). Os últimos baseiam-se primordialmente na teoria da Difusão Lexical (CHEN e WANG, 1975).

Bisol (1981) tratou do alçamento das vogais médias pretônicas sob a ótica variacionista. Seu estudo englobou dados de fala de 32 informantes com nível primário incompleto representantes de quatro diferentes comunidades gaúchas (monolíngues da região metropolitana de Porto Alegre, bilíngues italianos de Veranópolis, bilíngues alemães da cidade de Taquara e monolíngues de Santana do Livramento na região fronteira) e de 12 informantes da região metropolitana de Porto Alegre com nível superior pertencentes ao banco de dados do projeto NURC (Norma Urbana Culta).

O referido estudo contemplou todas as palavras da amostra que apresentavam vogais médias pretônicas excluindo aquelas que apresentavam –eN e –eS em posição inicial (*especial, encantado*), hiato (*teatro, acolchado*) e prefixo (*desmentir*).

Os resultados obtidos evidenciaram o uso moderado do processo variável de elevação das vogais pretônicas no dialeto gaúcho, com uma taxa de aplicação de 21% para a vogal /e/ e 22% para /o/. O contexto vogal alta em sílaba contígua foi aquele que mais favoreceu o alçamento na amostra analisada, registrando índices de aplicação de 24% para /e/ e de 36% para /o/ quando consideradas apenas as ocorrências em que havia vogal alta condicionadora.

Segundo a autora, a sistematicidade de aplicação da elevação de uma vogal média na presença de vogal alta subsequente permite que a harmonização vocálica seja descrita como uma regra gramatical. Além da vogal alta, a autora constatou que os seguintes contextos favoreceram a elevação das vogais médias:

Quadro 2 - Fatores Condicionadores: harmonização vocálica

FATORES CONDICIONADORES	
VOGAL /e/	VOGAL /o/
vogal alta subsequente	vogal alta subsequente
velar precedente	velar precedente
velar seguinte	labial precedente
palatal seguinte	labial seguinte

Fonte: Adaptado de Bisol (1981)

Soma-se aos fatores condicionadores já mencionados o fator atonicidade permanente. Bisol (1981) afirma que vogais que permanecem átonas ao longo da derivação são as mais propícias a sofrerem a elevação.

Os contextos favorecedores apontados, no entanto, não constituem um ambiente específico de elevação, pois não se verifica a correlação categórica entre esses contextos e a alternância vocálica verificada. Em outras palavras, os referidos contextos não conferem forma a uma regra. Por conseguinte, a autora define o fenômeno variável de elevação das vogais médias pretônicas como um processo implementado, em maior ou menor grau, por condicionadores contextuais, ou seja, é um processo de natureza neogramática.

Battisti (1993) investigou a variação que ocorre nas vogais médias pretônicas em vocábulos iniciados por eN-, eS- e des- na fala de 35 informantes pertencentes a cinco diferentes comunidades com nível primário de escolaridade (metropolitanos de Porto Alegre, italianos de Veranópolis, alemães de Taquara e fronteiriços de Santana do Livramento) e metropolitanos de Porto Alegre com ensino superior.

Segundo a autora, a vogal média /e/ seguida de coda sibilante é alçada de maneira quase categórica por um motivo de ordem histórica: a realização do /e/ protético em palavras portuguesas de origem latina, como *strictus* → *estrito* e *spiritus* → *espírito*, ocorre como [i] na maioria dos dialetos portugueses atuais. Os prefixos des- e eN- também são alçados, alternando-se, respectivamente, com dis- e iN- porque relações sintático-semânticas confusas vinham, ao longo dos séculos, tornando as duas formas prefixais indistintas para os falantes, com o predomínio das produções dis- e iN-.

Em conclusão, as palavras iniciadas pelas sequências eN-, eS- e des- alçam por força de um processo variável com origens históricas bem atestadas, em que uma determinada produção se estende a outras formas assemelhadas, como em *isperança*, *iscanteio*, *inganado*, etc., numa tentativa de regularização do sistema. Sob a perspectiva variacionista, tal alçamento seria mais um caso de aplicação de uma regra neogramática.

Schwindt (2002) investigou o alçamento das vogais médias pretônicas na variedade gaúcha em amostra pertencente ao banco VARSUL coletada em 2001. O estudo, de cunho variacionista, incluiu 64 informantes representativos de quatro diferentes regiões: Porto Alegre (metropolitanos), São Borja (fronteiriços), Panambi (alemães) e Flores da Cunha (italianos).

A presença de vogal alta em sílaba subsequente foi o critério de seleção das ocorrências, sendo que os vocábulos que apresentavam vogal pretônica em posição inicial, hiato, ditongo e prefixo foram excluídos da análise.

Foram utilizados três grupos de variáveis linguísticas, a saber, aquelas relacionadas à vogal alvo (nasalidade, contexto precedente e seguinte), as relacionadas simultaneamente à vogal alvo e à vogal gatilho (contiguidade e homorganicidade) e as relacionadas à vogal gatilho (tonicidade e localização morfológica).

O autor verificou que todas as variáveis contextuais consideradas revelaram algum grau de favorecimento à aplicação da regra de harmonização. Seu estudo apresentou evidências de que o alçamento por harmonização vocálica é uma regra de uso moderado no dialeto gaúcho com índices de elevação de 36% para /e/ e 42% para /o/. Quando comparado com os resultados obtidos por Bisol (1981) duas décadas antes, observa-se que a regra permanece ativa com índices estáveis de variação, porém não estagnada.

Casagrande (2004) analisou duas amostras coletadas na cidade de Porto Alegre a partir da metodologia de trabalho variacionista. A amostra mais antiga, coletada no final da década de 1970, é a mesma amostra analisada por Bisol (1981), pertencente ao banco de dados NURC. A amostra mais recente, coletada no final da década de 1990, faz parte do banco de dados VARSUL.

A autora considerou a harmonização vocálica através dos preceitos teóricos da Fonologia Autossegmental¹⁶. Os resultados apresentados reforçam o fato de que a elevação por harmonização vocálica é um processo variável que encontra respaldo em um contexto fonético motivador.

Contrariando os resultados obtidos por Schwindt (2002), o referido estudo revelou que vinha ocorrendo uma diminuição no uso da harmonização vocálica. A vogal /e/ apresentou taxa de aplicação de 21% em 1970 e de 15% em 1990. Já a vogal /o/ apresentou taxa de 22% em 1970 e 14% no final da década de 1990. Além disso, ao comparar o comportamento linguístico capturado pelas duas amostras, observou-se a tendência de regresso da regra.

Viegas (1987) analisou o fenômeno do alçamento das vogais médias pretônicas na fala de informantes da região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Seus achados sugerem que a elevação é motivada fonética e lexicalmente. Assim, a autora propôs regras variáveis de alçamento, assim como explicitou o fato de que algumas palavras que alçam não apresentam contextos fonéticos

¹⁶ Cf. Seção 1.4, Capítulo 1.

favorecedores, bem como há contextos favorecedores que não produzem formas elevadas.

A análise proposta pela autora sugere que o léxico pode estar governando o processo variável de alçamento em casos como *Peru* (país) vs. *peru* (ave). Segundo Viegas (1987), o alçamento da forma *peru* seria justificado pela sua maior frequência quando comparada à forma *Peru*, ou seja, a elevação atingiria as palavras mais frequentes primeiramente.

Oliveira (1991) afirma que atribuir a condicionamentos fonéticos a aplicação da elevação das vogais médias pretônicas é uma tarefa em vão haja vista os muitos contra-exemplos que invalidam quaisquer tentativas de apontar uma regularidade fonética. Assim, o autor defende a posição teórica apresentada por Chen e Wang (1975), a qual assume que as mudanças sonoras são implementadas por difusão lexical, e vai mais longe ao explicitar seu entendimento sobre a mudança sonora através da seguinte citação:

"My own position is more radical than Chen and Wang's, and I will say that *all* sound changes are lexically implemented, that is, there are no neogrammarian sound changes (although we can have neogrammarian long-term end results). (...) a sound change of the form $X \rightarrow Y/Z$ may reach ultimate regularity iff Z offers a natural phonetic environment for Y " (OLIVEIRA, 1991, p. 103).

O modelo teórico defendido por Oliveira (1991)¹⁷ prevê que o léxico exerce controle primário sobre o mecanismo de variação enquanto que o componente fonético atua de forma secundária. Isso significa que, na falta de um contexto fonético natural – caso do alçamento sem motivação aparente – a vogal média pretônica alça por força de seleção lexical. Assim sendo, segundo o autor, na presença de contexto fonético natural algumas mudanças do tipo difusionista podem alcançar a regularidade no sentido neogramático – caso do alçamento por harmonização vocálica.

Oliveira (1991) sugere ainda que as palavras primeiramente atingidas pela elevação são aquelas que apresentam os traços [+comum], [+informal] e [+contexto fonético natural], traços esses que condicionam a alternância sonora. Entende-se por contexto fonético natural, nos termos de Oliveira (1991), aqueles segmentos que por sua natureza articulatória tendem a elevar os segmentos circundantes

¹⁷ Cf. Seção 2.2, Capítulo 2.

(consoantes que possuem o traço [+alto], por exemplo). A seleção lexical ocorre, portanto, em face da situação interativa na qual o falante se insere, isto é, diz respeito ao grau de formalidade da interlocução, seguido da frequência com que determinadas palavras são utilizadas. Por fim, uma forma variante pode beneficiar-se de condicionamento fonético favorável.

Em texto publicado um ano mais tarde, Oliveira (1992) retifica seu entendimento sobre o papel do componente fonético na variação e mudança sonora afirmando que o contexto fonético não é um condicionador, mas sim um fixador das alternâncias motivadas pelo léxico.

Bortoni et al. (1992) exploraram a variação das vogais pretônicas na variedade emergente de Brasília. Para tanto, analisaram a fala de 14 informantes (7 homens e 7 mulheres) entre 11 e 38 anos. Destes, 12 nasceram em Brasília, um informante nasceu no Rio de Janeiro e mudou-se para a cidade aos 7 anos e outro informante nasceu em Goiás e também mudou-se criança para Brasília, aos 4 anos. Os informantes foram separados socioeconomicamente em dois grupos, a saber, classe média baixa e classe média alta.

Ao buscar evidências de natureza neogramática entre os dados, as autoras acabaram deparando-se com evidências de que a variação e mudança sonora decorrem, muitas vezes, de condicionamento lexical.

A ausência de contexto precedente à vogal alvo, por exemplo, revelou-se significativa no alçamento de palavras iniciadas com a sequência –eS e –eN ([i]scola, [i]nfermeira). O vocábulo *entrar*, entretanto, realizou-se categoricamente com vogal média, indicando que o contexto fonético favorável não exerceu papel. Já o contexto vogal alta, a atonicidade permanente e os segmentos seguintes palatais, velares e labiais mostraram-se favorecedores da elevação das vogais médias em Brasília.

Ainda segundo as autoras, considerando os hiatos formados por *ea*, observou-se que *Ceará* e *teatro* alçaram categoricamente, enquanto que *embreagem* conservou a vogal média. Porque nenhum condicionamento fonológico específico foi apreendido das palavras alçadas, sugeriu-se que o alçamento era motivado pelo léxico.

Oliveira (1995, p. 87) sugere que o processo de seleção lexical seja revisto, entendido e analisado a partir de enunciados que carregam significação contextual. Assim, os traços [frequência] e [formalidade], apresentados em Oliveira (1992),

deveriam ser atribuídos a cada item lexical contextualmente, inscrevendo-se ao momento da elocução verbal e não intrinsecamente. Nas palavras do próprio autor,

"Continuaremos a dizer que o léxico controla as mudanças sonoras abrindo vs. fechando as portas a sua implementação ou acelerando vs. retardando a sua implementação. Veremos o léxico como um conjunto de traços que são construídos caso a caso nas situações concretas de interação verbal e não como algo previamente determinado que não pode ser alterado. Preservamos, portanto, a plasticidade do léxico" (OLIVEIRA, 1995, p 10).

O estudo sobre o alçamento das vogais pretônicas foi retomado por Viegas (2001) através da análise de palavras extraídas de textos portugueses dos séculos XII-XIV e do século XVI. A autora detectou através de uma análise histórica que muitos itens haviam entrado na língua portuguesa já na forma alçada. Daí a sua proposta de que as formas variantes deveriam ser analisadas considerando-se a história particular de cada palavra.

Viegas (2001) também apresentou evidências de que as formas alçadas seriam utilizadas com mais frequência em contextos de prestígio social menos elevado, bem como em situações familiares, menos formais. Essa tendência ou suscetibilidade ao alçamento aparece no dialeto mineiro através das formas homônimas *Peru* (país) e *peru* (ave), por exemplo, palavras que apresentam comportamento distinto quanto ao alçamento da vogal média: a forma representativa do país, mais formal, não é alçada, enquanto que a forma referente à ave, menos formal, é alçada.

Estudos específicos quanto ao alçamento sem motivação aparente das vogais médias pretônicas no Sul do Brasil foram realizados por Marchi e Stein (2007) sobre o dialeto falado em Curitiba e por Klunck (2007) e Cruz (2010) sobre o dialeto falado em Porto Alegre. Bisol (2010), por sua vez, comparou os resultados obtidos por Marchi e Stein (2007) e Klunck (2007) em uma tentativa de apontar possíveis generalizações sobre o fenômeno variável. Tais estudos serão apresentados na seção a seguir.

3.2 Elevação sem motivação aparente no Sul do Brasil

3.2.1 Marchi e Stein (2007)

Marchi e Stein (2007) conduziram uma análise variacionista sobre o alçamento sem motivação aparente no dialeto curitibano a partir de dados pertencentes ao banco VARSUL. A amostra contemplou 24 informantes, sendo 12 homens e 12 mulheres, e as ocorrências analisadas foram extraídas de palavras lexicais, como substantivos, adjetivos, verbos e alguns advérbios.

As variáveis linguísticas consideradas foram Distância da Sílabas Tônicas, Tipo de Sílabas, Altura da Vogal Precedente, Altura da Vogal Seguinte, Posição da Pretônica, Consoante Precedente, Consoante Seguinte e Nasalidade. As variáveis sociais consideradas foram Gênero (feminino e masculino), Faixa etária (25-39, 40-55 e 56 +) e Escolaridade (níveis fundamental e médio).

As taxas de aplicação da elevação das vogais médias pretônicas encontradas por Marchi e Stein (2007) foram relativamente baixas, de 7% para /e/ e de 19% para /o/.

Reproduziu-se a seguir o resumo dos fatores condicionadores da elevação de /e/ e /o/ obtidos pelas autoras.

Quadro 3 - Fatores condicionadores: Marchi e Stein (2007)

Marchi e Stein (2007) Variáveis linguísticas e sociais	Fatores condicionadores	
	Vogal /e/	Vogal /o/
Contexto Seguinte	Palatal	Labial
Contexto Precedente	-	Dorsal
Altura Vogal Seguinte	Média	Baixa
Altura Vogal Precedente	Não foi selecionada	Baixa
Distância entre a Vogal Alvo e a Sílabas Tônicas	Distância 4, Distância 2	Distância 3, Distância 4
Tipo de Sílabas	Leve	Leve
Nasalidade	Nasal	Nasal
Posição da Pretônica	Não inicial	Não foi selecionada
Gênero	Não foi selecionada	Homens
Faixa etária	40 a 55	25 a 55
Escolaridade	Secundário	Primário e Ginásio

Fonte: Adaptado de Marchi e Stein (2007)

Segundo as autoras, apesar de ter sido selecionada, os pesos relativos obtidos pelos fatores da variável Distância da Sílabla Tônica não são significativos para a elevação das vogais médias pretônicas.

Em relação ao Tipo de Sílabla, as vogais médias pretônicas localizadas em sílabas leves são mais propensas a sofrerem a elevação.

O fato de que a vogal baixa foi selecionada como favorecedora da elevação de /o/ quando considerada a Altura da Vogal Precedente causou estranheza às autoras, pois a literatura não aponta a referida variável como favorecedora do processo de elevação tanto de /e/ quanto de /o/.

Altura da Vogal Seguinte apresenta resultados opostos para uma e outra vogal. Enquanto vogal média é estatisticamente relevante para a elevação de /e/, a vogal baixa é aquela que mais favorece a elevação de /o/. As autoras salientam, contudo, que os pesos relativos muito baixos não permitem afirmar que a variável é relevante para o processo.

A posição não-inicial da vogal /e/ mostrou-se levemente mais favorecedora de que a posição inicial. A nasalidade, por sua vez, revelou-se significativamente favorecedora da elevação de /e/ e levemente favorecedora de /o/.

Nenhum fator da variável contexto precedente sobressaiu-se entre os demais em relação à elevação da vogal /e/. Já para a vogal /o/, as autoras acreditam que a recorrência das palavras *começar*, *conhecer*, *conversar* e suas flexões tenham contribuído para o favorecimento obtido. Os demais fatores mostraram-se todos desfavorecedores da elevação. Quanto à consoante seguinte, o fator palatal destacou-se como favorecedor de /o/ e o fator labial de destacou para /e/.

Quanto às variáveis sociais, Gênero foi selecionado apenas pela vogal /o/, sendo que homens favorecem mais a aplicação variável do processo do que as mulheres. No que concerne à faixa etária, os indivíduos entre 40 e 55 anos elevam mais /e/, enquanto que aqueles entre 25 e 55 elevam mais a vogal /o/. A maior escolaridade (Secundário) favoreceu a elevação de /e/ e a menor escolaridade (Primário e Ginásio) favoreceram /o/.

Resumidamente, a análise estatística indicou que apenas as variáveis Contexto Seguinte Palatal (*senhora*) e Nasalidade (*conversa*) destacaram-se como favorecedoras da elevação da vogal /e/. Já a seleção para a vogal /o/ apontou que somente Contexto Precedente Dorsal favoreceu a elevação da referida vogal.

As autoras salientam que a recorrência de alguns vocábulos (*começar, conhecer, conversar* e suas flexões) dificultaram o entendimento sobre o papel favorecedor dos ambientes fonéticos. Assim, não foi encontrado nos dados da variedade falada em Curitiba um fator condicionador sistemático para a aplicação da elevação em palavras sem vogal alta subsequente à posição pretônica.

Contudo, muito relevante é a observação de que as formas alçadas são recorrentes em grupos de palavras com radicais em comum, como *sinhor, sinhora* e *cunheço, cunhecemos*. Marchi e Stein (2007) afirmam que tal fato pode estar sinalizando que o alçamento sem motivação aparente tem por base um processo de cunho lexical.

3.2.2 Klunck (2007)

Klunck (2007) analisou uma amostra pertencente ao banco de dados VARSUL coletada em 1996 e composta por 24 informantes (12 homens e 12 mulheres) porto-alegrenses com diferentes níveis de escolaridade. Sua hipótese inicial era de que as taxas de aplicação do alçamento sem motivação aparente são moderadas no dialeto gaúcho (fato que os dados confirmam ao final da pesquisa).

Foram excluídos da amostra inicial os vocábulos que apresentavam vogal alta em sílaba subsequente (*pepino, coruja*), os vocábulos iniciados por eN-, eS- (*entulho, estudo*) e pelo prefixo des- (*desliga, desemprego*). Também foram excluídos os vocábulos em que vogais em sequência formavam ditongo ou hiato (*reunir, teatro*).

Foram consideradas as variáveis linguísticas Distância da Sílabla Tônica, Tipo de Sílabla, Altura da Vogal Precedente, Altura da Vogal Seguinte, Posição da Pretônica, Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte e Nasalidade. As variáveis sociais analisadas foram Gênero, Faixa Etária e Escolaridade.

Reproduziu-se a seguir o resumo dos fatores condicionadores da elevação de /e/ e /o/ obtidos pela autora.

Quadro 4 - Fatores condicionadores: Klunck (2007)

KLUNCK (2007) Variáveis linguísticas e sociais	Fatores Condicionadores	
	Vogal /e/	Vogal /o/
Contexto Seguinte	Palatal nasal, dorsal	Palatal nasal
Contexto Precedente	Labial, coronal	Dorsal, Palatal
Altura Vogal Seguinte	Média	Média
Altura Vogal Precedente	-	-
Distância entre a Vogal Alvo e a Sílabas Tônica ¹⁸	Distância 1	Distância 2
Tipo de Sílabas	Leve	Não foi selecionada
Nasalidade	Vogal nasal	Vogal nasal
Posição da Pretônica	Não foi selecionada	Não foi selecionada
Sexo	Homens	Não foi selecionada
Idade	Não foi selecionada	Não foi selecionada
Escolaridade	Menos escolaridade	Menos escolaridade

Fonte: Adaptado de Klunck (2007).

O fator palatal nasal em contexto seguinte à vogal alvo mostrou-se o fator mais favorecedor à elevação de /e/ e de /o/. Contudo, quanto ao comportamento da vogal /e/, 31 ocorrências de um total de 34 ocorrências referem-se às palavras *sinhor*, *sinhora* e *sinhorita*, o que significa que os resultados estão comprometidos. Já o fator dorsal revelou-se condicionador do alçamento de /e/, porém apresentou índices baixos para a aplicação da regra em /o/. O fator labial não repetiu os resultados obtidos em outros estudos (Bisol, 1981; Battisti, 1993; Schwindt, 1995; Casagrande, 2004), em que os índices de elevação foram altamente favorecedores para /e/ e levemente favorecedores à elevação de /o/. O fator coronal, por fim, mostrou-se inibidor da elevação em ambas as vogais médias.

Os fatores dorsal e palatal em contexto precedente apresentaram os índices mais altos de elevação de /o/. Quanto à vogal /e/, a relevância do fator palatal ficou comprometida em face da escassez de dados (3/37) e da ocorrência de vocábulos com um mesmo radical (*chuvendo*, *chuver* e *chuveu*). O fator labial mostrou-se relevante à aplicação da regra para a vogal /e/, enquanto apresentou um valor neutro para /o/. O fator coronal mostrou-se favorecedor da elevação de /e/.

¹⁸ Cf. Seção 4.2.2.6, Capítulo 4.

Entretanto, seu resultado foi mascarado pela ocorrência frequente dos itens *sinhor* e *sinhora*. O fator dorsal é favorecedor da elevação de /o/ corroborando resultados obtidos na pesquisa de Bisol (1981).

O fator vogal média em sílaba seguinte apresentou os valores mais altos para ambas as vogais, enquanto que as vogais baixas revelaram-se inoperantes do processo de elevação. A elevação de ambas as vogais em contexto sem motivação aparente mostrou-se pouco expressiva: 12% de aplicação em 1.979 dados de /o/ e 4% de aplicação em 2.229 dados de /e/.

Quanto ao fator vogal alta em sílaba precedente, uma investigação sobre os vocábulos elencados pelo fator revelou que de um total de 20 ocorrências, 18 ocorrências diziam respeito ao item *futebol*. Assim, não foi possível afirmar que o fator vogal alta motiva a elevação. As vogais médias e baixas, por sua vez, não ofereceram motivação para a elevação.

No que concerne à variável Distância da Sílabas Tônica, o fator distância 1 apresentou favorecimento à elevação da vogal /e/. Distância 2 mostrou-se irrelevante para o alçamento da vogal. Chama-se a atenção para o fato de que as únicas duas ocorrências para o fator distância 3 se referiam ao vocábulo *tisouraria*, indício de que talvez o léxico estivesse comprometendo os resultados obtidos. Para a vogal /o/, o fator distância 2 apresentou pouco favorecimento, enquanto que distância 1 não apresentou papel. Distância 3 apresentou índices muito baixos e pouco relevantes.

A variável tipo de sílaba foi selecionada como estatisticamente relevante apenas para a vogal média /e/. O fator sílaba leve mostrou-se mais favorecedor do alçamento de /e/ do que o fator sílaba pesada.

Em relação à nasalidade, o fator *vogal nasal* apresentou os índices mais elevados em ambas as vogais, favorecendo tanto a elevação de /o/ quanto de /e/. Esta constatação vai de encontro ao resultado obtido por Bisol (1981) que apresentou o papel relevante da vogal nasal apenas quanto à elevação da vogal /e/.

Os resultados indicaram que os homens tendiam a alçar a vogal /e/ mais que as mulheres. A autora defende que os homens, portanto, possuem o papel de inovadores, enquanto que as mulheres possuem o papel de preservadoras das formas tidas como cultas.

As duas vogais médias apresentaram resultados semelhantes quanto à elevação nos diferentes níveis de ensino: os informantes menos escolarizados

elevaram mais quando comparados aos informantes com mais anos de estudo escolar. A autora atribuiu à ortografia a influência sobre o fenômeno.

Destacamos sobre o estudo levado a cabo por Klunck (2007) o fato de que a concentração de determinados itens lexicais interferiu em muitos dos resultados obtidos para as variáveis fonológicas analisadas. Assim, ao desconsiderar palavras muito frequentes na amostra, os fatores contextuais apresentaram graus de favorecimento baixos ou neutros, indicativos de seu papel pouco significativo no alçamento sem motivação aparente da vogal /o/. Quanto à vogal /e/, os Contextos Seguintes Dorsal e Labial favoreceram sua elevação.

Klunck (2007, p. 77) concluiu que a regra de elevação sem motivação aparente não existe no sistema de variação do dialeto gaúcho, pois os baixos índices de aplicação obtidos (4% para a vogal /e/ e 12% para a vogal /o/) diriam respeito a formas alternantes que aparecem modestamente no léxico. A elevação de /e/ ocorreria esporadicamente em palavras isoladas (*sinhor, boneca, comércio*, entre outras) e a elevação de /o/ envolveria apenas palavras com o mesmo paradigma derivacional (*cumeça, cumeçando, cumeçar, cumeço, cumeçou, cumecei*, p. ex.).

Em relação aos paradigmas derivacionais, Klunck (2007, p. 84) observou que o alçamento sem motivação aparente atingiu itens lexicais que compartilhavam os seguintes itens:

Vogal /o/: *acontec-, bot-, chov-, começ-, com-, conheç-, conseq-, convers-, fog-, govern-, estof-, mostard-, sosseg-*

Vogal /e/: *pequen-, senhor-*

Diferentemente da harmonização vocálica, que ocorre em face de uma regra fonética que atua variavelmente em ambiente específico, a variação observada nos dados analisados por Klunck (2007) está limitada a alguns itens e grupos lexicais independentemente de seu ambiente fonético, sugerindo que uma regra difusionista está em atuação.

Chamamos atenção para o fato de que a elevação verificada por Klunck (2007) nos vocábulos *Montenegro, novecentos, sobremesa* e *supermercado* está ocorrendo nas vogais átonas finais de palavras compostas por justaposição e não em posição pretônica conforme interpretado pela autora. Esse apontamento reduz

ainda mais as ocorrências de elevação da vogal média pretônica, especialmente de /e/, e apresenta mais um indício de que a elevação isolada de alguns poucos vocábulos pode estar sendo motivada pelo léxico.

3.2.3 Bisol (2009)

Uma tentativa de generalização sobre a aplicação do processo de elevação sem motivação aparente no português falado no Sul do Brasil foi realizada por Bisol (2009) em estudo que comparou os resultados obtidos por Klunck (2007) e Marchi e Stein (2007).

Em relação à Altura da Vogal Seguinte, a vogal baixa desfavoreceu a elevação de /e/ e /o/, enquanto que a vogal média favoreceu a elevação de ambas as vogais em Porto Alegre. Em contrapartida, a vogal baixa favoreceu a elevação de /o/ em Curitiba.

Para o Contexto Fonológico Seguinte, o fator palatal favoreceu o alçamento das duas vogais em Porto Alegre. Em Curitiba, a palatal favoreceu e a labial desfavoreceu /e/, enquanto que o fator labial é estatisticamente significativo para a elevação de /o/. Já a consoante dorsal desfavoreceu a vogal /o/ nos dois dialetos.

Sobre o Contexto Fonológico Precedente, em Porto Alegre há um leve favorecimento por parte do segmento labial em /e/, vogal que é desfavorecida pela ausência de contexto precedente. O comportamento oposto é verificado em Curitiba, uma vez que a ausência de contexto precedente favorece o alçamento de /e/. Ainda em Curitiba, uma consoante dorsal precedente desfavorece /e/ mas favorece o alçamento de /o/.

No que concerne à tipologia de sílaba favorecedora da elevação, em Porto Alegre há favorecimento por parte da sílaba leve em /e/ e pesada em /o/. Por outro lado, a sílaba leve favorece tanto /e/ quanto /o/ em Curitiba.

Quaisquer generalizações sobre o condicionamento fonético comum aos dois dialetos são inviáveis em face dos diferentes fatores e graus de favorecimento apontados pela análise estatística. Em outras palavras, os resultados obtidos por um e outro estudo explicitam a não correspondência entre os fatores condicionadores da elevação e, em última instância, evidenciam que não há um contexto fonético específico para a aplicação da elevação que ocorre na ausência de uma vogal alta subsequente.

Em face desta constatação, Bisol (2010) sugere que o processo variável de elevação sem motivação aparente é “um processo difusionista que privilegia certas partes do léxico ou certas variedades de fala para expandir-se gradualmente, independentemente de uma específica motivação sonora” (p. 86).

3.2.4 Cruz (2010)

Cruz (2010) também analisou o alçamento sem motivação aparente das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado na cidade de Porto Alegre através das ocorrências obtidas em duas amostras pertencentes ao banco VARSUL. A amostra 1988-89 é composta por 18 informantes (9 homens e 9 mulheres) com nível de escolaridade fundamental ou médio, enquanto que a amostra 2007-09 conta com 18 informantes (9 homens e 9 mulheres) com ensino superior.

O autor, que fez uso dos mesmos critérios de exclusão de ocorrências utilizados por Klunck (2007), analisou as seguintes variáveis linguísticas: Contexto Seguinte, Contexto Precedente, Altura da Vogal Seguinte, Altura da Vogal Precedente, Altura da Vogal Tônica Não Contígua, Nasalidade, Tipo de Sílabas, Classe Gramatical e Paradigma. As variáveis sociais consideradas foram Gênero e Idade.

As taxas de aplicação da elevação das vogais médias pretônicas encontradas na amostra 1988-89 foram relativamente baixas (8,1% para /e/ e 17,8% para /o/). Na amostra 2007-09, a aplicação foi ainda mais baixa (7,9% para /e/ e 10% para /o/).

Reproduziu-se a seguir o resumo dos fatores condicionadores da elevação de /e/ e /o/ obtidos por Cruz (2010).

Quadro 5 - Fatores condicionadores: amostra 1988-89 – Cruz (2010)

CRUZ (2010) Amostra 1988-89	Fatores Condicionadores	
	Vogal /e/	Vogal /o/
Variáveis linguísticas e sociais		
Contexto Seguinte	Palatal, dorsal e labial	Palatal e labial
Contexto Precedente	Coronal e labial	Dorsal
Altura Vogal Seguinte	Média	Média
Altura Vogal Precedente	Alta	Não foi selecionada
Altura da Vogal Tônica Não Contígua	Média/baixa	Média/baixa
Tipo de Sílabas	Leve	Leve
Nasalidade	Vogal nasal	Vogal nasal
Classe Gramatical	Substantivo, adjetivo, numeral e advérbio	Verbo
Idade	51 ou mais	36-50 anos

Fonte: Cruz (2010, p. 134)

Quadro 6 - Fatores condicionadores: amostra 2007-09 – Cruz (2010)

CRUZ (2010) Amostra 2007-09	Fatores Condicionadores	
	Vogal /e/	Vogal /o/
Variáveis linguísticas e sociais		
Contexto Seguinte	Dorsal e labial	Palatal, coronal e labial
Contexto Precedente	Coronal e labial	Dorsal
Altura Vogal Seguinte	Média	Média
Altura Vogal Precedente	Alta	Baixa
Altura da Vogal Tônica Não Contígua	Não foi selecionada	Média/baixa
Tipo de Sílabas	Pesada	Leve
Nasalidade	Vogal oral	Vogal nasal
Classe Gramatical	Substantivo, adjetivo, numeral e advérbio	Verbo
Gênero	Masculino	Feminino

Fonte: Cruz (2010, p. 136)

Ao realizar o comparativo entre as duas amostras, observa-se que, no Contexto Seguinte, os fatores dorsal e labial são favorecedores de /e/, enquanto que palatal e labial são favorecedores de /o/. A amostra 1988-89 indica, entretanto, que o fator palatal favorece /e/ e que coronal favorece /o/ na amostra mais recente. Em relação à variável Contexto Precedente, em ambas as amostras, os fatores coronal e dorsal favorecem a elevação de /e/ e o fator dorsal favorece /o/.

No que concerne à altura da vogal seguinte, as vogais médias foram os contextos que mais favoreceram a elevação de ambas as vogais nas duas amostras. A variável Altura da Vogal Precedente mostrou-se relevante para a elevação da vogal /e/ em ambas as amostras, sendo que a vogal alta é o contexto mais favorecedor. Tal resultado, contudo, está distorcido em face da aplicação da elevação categórica do vocábulo *futebol* comprometendo a regularidade do processo. Já a vogal /o/ foi selecionada como estatisticamente significativa apenas na amostra 2007-09 e apontou que a vogal baixa é o contexto que mais favorece a elevação.

Altura da Vogal Tônica não contígua foi selecionada pelas duas vogais na amostra 1988-89, sendo que os fatores média/baixa são os mais favorecedores. Na amostra 2007-09, a variável é relevante apenas para /o/ e repete o fator média/baixa como mais favorecedor.

Quanto à Nasalidade, tanto na mesma sílaba quanto em sílaba seguinte, favoreceu a elevação de ambas as vogais da amostra 1988-89 e apenas a vogal /o/ na amostra 2007-09. Já a sílaba leve favoreceu a elevação das duas vogais médias pretônicas na amostra mais antiga e apenas a vogal /o/ na amostra mais recente.

Para a Classe Gramatical, substantivos, adjetivos, numerais e advérbios são favorecedoras da elevação de /e/ nas duas amostras. Verbo, por sua vez, favorece /o/.

Entre as variáveis sociais, Gênero foi selecionada como significativa somente na amostra 2007-09, sendo que homens elevam mais a vogal /e/ e as mulheres elevam mais a vogal /o/. Idade foi selecionada pela amostra 1988-89, sendo que os indivíduos com 51 anos ou mais favorecem a elevação de /e/ e indivíduos entre 36 e 50 anos favorecem a elevação de /o/.

Cruz (2010) entende que as vogais médias pretônicas sofrem paralelamente condicionamento fonético e lexical, pois é possível depreender contextos favorecedores em alguns radicais recorrentes (p[e]quen- ~ p[i]quen, fut[e]b- ~ fut[i]b-, c[o]nhec- ~ c[u]nhec-).

O autor indica que os radicais *começ-*, *conhec-*, *convers-*, *pequen-*, *futebol-*, *professor-* e *coleg-* são recorrentes na amostra e apresentam ocorrências da vogal média pretônica em sua forma alçada (CRUZ, 2010, p. 143). O alçamento também atinge palavras isoladas como *desastre*, *costela* e *sotaque*, por exemplo.

A concentração de determinados itens lexicais e radicais pode estar, todavia, distorcendo os resultados estatísticos, gerando resultados pouco conclusivos quanto ao grau de favorecimento de fatores contextuais. Isso somado à impossibilidade de extrair um padrão linguístico e/ou social regular de aplicação da elevação sem motivação aparente dá margem à hipótese de que o fenômeno variável em questão é condicionado pelo léxico.

Em face do padrão irregular de aplicação da elevação das vogais médias pretônicas na ausência de uma vogal alta subsequente, o papel do léxico foi sugerido por Cruz (2010) como atuante no processo. Em verdade, Bortoni et al (1992), Oliveira (1992, 1995), Viegas (2001), Marchi e Stein (2007), Klunck (2007), Bisol (2009) e Cruz (2010) destacaram o provável papel do léxico para a aplicação da elevação das vogais medias pretônicas.

Assim posto, a fim de investigar conjuntamente o papel do léxico e dos contextos segmentais e prosódicos na aplicação do processo variável de elevação sem motivação aparente, no próximo capítulo será apresentada a metodologia de trabalho que norteou o estudo aqui apresentado. Para tanto, trataremos da constituição da amostra, das variáveis operacionais e do procedimento estatístico de análise dos dados.

4 METODOLOGIA

O presente capítulo apresentará a metodologia de pesquisa adotada na análise do processo variável de elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas. Para tanto, divide-se em Constituição da amostra, Definição das variáveis operacionais e Metodologia de análise.

4.1 Constituição da amostra

A amostra Jovens Porto-Alegrenses faz parte do banco de dados VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), que vem sendo utilizado por estudiosos da área de Sociolinguística ao longo de quase duas décadas.

4.1.1 O VARSUL

Os idealizadores do projeto VARSUL tinham por objetivo coletar, armazenar e disponibilizar um número expressivo de dados de fala relevantes para pesquisas sobre a variação e mudança linguística no âmbito da fonologia, morfologia, sintaxe, entre outras subáreas da Linguística.

O VARSUL iniciou suas atividades em 1988 com as primeiras coletas sendo realizadas pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Hoje, o projeto é composto por mais outras três instituições além da UFRGS, a saber, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). Todas contribuem para a ampliação e manutenção do banco.

A coleta e transcrição da amostra base com dados provenientes dos três estados da região Sul foi finalizada em 1996 e conta com 288 entrevistas realizadas em 12 municípios representantes de diferentes etnias: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó, em Santa Catarina; e Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati, no Paraná.

O banco de dados foi organizado a partir da perspectiva do modelo variacionista laboviano com dados de informantes classificados de acordo com três variáveis sociais cujas estratificações são consideradas as mais significativas para os processos linguísticos variáveis, a saber, escolaridade, sexo e idade. A

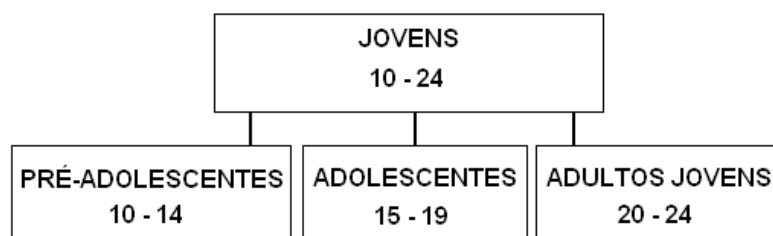
escolaridade foi distribuída em três grupos: primário, ginásio e secundário. Já a idade foi classificada inicialmente entre informantes com menos e com mais de 50 anos de idade. Posteriormente, a amostra foi reorganizada em três grupos etários: informantes entre 25 e 39 anos, informantes entre 40 e 55 e aqueles com 56 anos ou mais.

4.1.2 A amostra

A amostra referente aos jovens porto-alegrenses – pertencente à Amostra Zilles-Tasca, uma amostra suplementar do banco de dados VARSUL – foi coletada no ano de 2004 e é constituída por 20 entrevistas de 30 minutos cada com jovens egressos do ensino médio (o antigo secundário, conforme notação adotada pelo VARSUL) de escolas públicas e particulares.

Segundo definição da Organização Mundial de Saúde (1989), os indivíduos entre 10 e 24 anos de idade representam a faixa etária jovem que subdivide-se, por sua vez, em três grupos, conforme ilustra a Figura 17 a seguir:

Figura 17 - Representação estrutural da faixa etária jovem



Fonte: A Autora.

Observa-se que o grupo é subdividido nos grupos pré-adolescente (entre 10 e 14 anos), adolescente (entre 15 e 19) e adulto jovem (dos 20 aos 24 anos de idade). Indivíduos com 25 anos ou mais são considerados, portanto, adultos.

O estabelecimento de faixas etárias estanques é um recurso utilizado para fins estatísticos que reflete fases representativas do desenvolvimento biológico e social do homem. Uma vez que fatores biológicos, psicossociais e culturais interferem e dificultam uma parametrização que seja verossímil em termos de desenvolvimento real e idade dos indivíduos, referimo-nos aos integrantes da

amostra utilizada neste estudo como jovens e adotamos as subdivisões do grupo como uma referência apenas.

A amostra Jovens Porto-Alegrenses contempla exclusivamente informantes entre 16 e 23 anos, ou seja, adolescentes e adultos jovens apenas, conforme exposto em seção anterior, grupos etários não contemplados pela amostra base do VARSUL.

O procedimento de escuta das gravações e o preenchimento de fichas sociais para cada informante da amostra Jovens Porto-Alegrenses revelou que 17 informantes se adequavam aos pré-requisitos estabelecidos pelo presente estudo, conforme a relação a seguir:

- 1) falar português;
- 2) ter morado na cidade pelo menos 2/3 da sua vida;
- 3) não ter morado fora da região por mais de um ano durante a aquisição da língua materna;
- 4) ter pais que moraram na cidade pelo menos 2/3 de suas vidas.

Os informantes selecionados distribuem-se em função do sexo e da idade totalizando 9 homens e 8 mulheres conforme a Tabela 5 a seguir:

Tabela 5 - Distribuição da amostra Jovens Porto-Alegrenses

HOMENS		MULHERES	
Idade	Nº de Informantes	Idade	Nº de Informantes
16	2	16	-
17	3	17	1
18	1	18	3
19	1	19	1
20	1	20	1
21	-	21	2
22	-	22	-
23	1	23	-
TOTAL	9	TOTAL	8

Fonte: A Autora.

Observa-se na Tabela 5 acima que entre os homens entrevistados não há representantes com 15, 21, 22 e 24 anos, assim como não há mulheres com 15, 16, 22 e 24 anos.

4.1.3 A comunidade

A cidade de Porto Alegre está localizada na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, região que à época do descobrimento do continente americano pertencia à Espanha, por ordem do Tratado de Tordesilhas. O referido tratado estabelecia que as terras a serem descobertas que ficassem cem léguas a oeste da ilha de Açores pertenceriam a Portugal e que as terras encontradas além dessa distância pertenceriam à Espanha (MACEDO, 1993). Uma linha imaginária separando as terras de uma e outra nação passaria ao norte do Brasil pela ilha de Marajó, no Pará, e, ao sul, pela região onde mais tarde foi fundada a cidade de Laguna, em Santa Catarina.

Segundo Macedo (1993, p. 17), o Papa Inocêncio XI concedeu em 1676 que a jurisdição portuguesa do bispado do Rio de Janeiro se estendesse pelo sul até o rio da Prata numa tentativa de legitimar a presença portuguesa na região. Os espanhóis ali estabelecidos, no entanto, questionavam esse direito e continuamente avançavam em direção ao leste de modo a alcançar o oceano Atlântico.

No início do século XVIII, os portugueses fundaram a cidade de Laguna que, por muitos anos, funcionou como base e ponto de partida para missões de ocupação do território espanhol ao sul justificada pelo alto poder econômico da região, haja vista os enormes rebanhos que lá habitavam.

Em 1725, os portugueses conseguiram avançar desde Laguna até o canal de Rio Grande. Dois grandes sesmeiros, Jerônimo de Ornellas e Sebastião Francisco Chaves, estabeleceram-se na região ocupada e definiram os limites das áreas em que um e outro exploraria o gado: Chaves exploraria a região ao sul da área onde hoje está Porto Alegre, enquanto Ornellas exploraria a região ao norte, chamada de Viamão (MACEDO, 1993, p. 18). Assim, muitas estâncias foram instaladas com o objetivo de encarcerar o gado para posteriormente abatê-lo ou enviá-lo a São Paulo.

O aumento do negócio fez com que Portugal construísse fortificações e postos militares por toda a região com o objetivo de garantir a segurança e abastecer os pequenos povoamentos que começavam a surgir nos arredores das estâncias. Entre estes povoados, destacava-se o de Rio Grande, localizado na foz da Lagoa dos Patos.

Os portugueses continuaram avançando em direção ao Sul e entre a barra do Rio Chuí e o Rio da Prata fundaram a Colônia de Sacramento (atual Uruguai),

disputada por quase um século por espanhóis e portugueses. Foi com o Tratado de Madri, assinado em 1750, que o conflito chegou ao fim com a permuta de áreas, sendo que os espanhóis ficaram com a Colônia de Sacramento e os portugueses ficaram com a região à esquerda do rio Uruguai, onde os espanhóis fundaram parte das missões jesuíticas (MACEDO, 1993, p. 20).

Com vistas a assegurar seu domínio na região das Missões, a Coroa portuguesa providenciou a vinda de imigrantes açorianos para a localidade. Assim, a partir de 1752, os primeiros casais açorianos começaram a chegar ao Porto de Viamão que, logo em seguida, começou a ser chamado de Porto dos Casais. Os açorianos foram instalados nos arredores do porto com o objetivo de posteriormente prosseguirem viagem até as Missões. A instalação provisória, no entanto, acabou durando mais de vinte anos.

Desrespeitando o Tratado de Madri, os espanhóis avançaram sobre a vila de Rio Grande. Diante desse fato, decidiu-se estabelecer um governo português em Viamão que se tornou a primeira capital. A topografia irregular, entretanto, tornava difícil o caminho entre a capital e o lago Guaíba (que se une à Lagoa dos Patos e ao Oceano Atlântico constituindo a principal rota de saída e chegada à região). Em razão desse empecilho, o governo decidiu mover a capital para a região do porto às margens do Guaíba. Ali, em 26 de março de 1772, foi fundada a Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais.

Segundo Macedo (1993), ainda naquele ano passou a haver na freguesia uma igreja e um padre permanente que instituíram a vila de Nossa Senhora da Madre de Deus. A vila foi demarcada, os açorianos receberam suas terras de direito e, pouco tempo depois, por ordem do governo local, a vila passou ser chamada de Porto Alegre.

Em 1809, Dom João concedeu o título de município à Porto Alegre. Em 1822, logo após a Independência do Brasil, o município passou à cidade. Macedo (1968, p. 68) informa que a população era de cerca de 1.500 habitantes por volta de 1780. Estima-se que a capital possuía 11.700 habitantes em 1800, o equivalente a quase 32% da população da Capitania de São Pedro do Rio Grande.

A Capitania, contudo, há muito vinha sofrendo com os altos impostos cobrados pelo governo imperial e pelas promessas de investimentos em obras de infra-estrutura que não eram cumpridas. Através de seus principais líderes políticos – grandes estancieiros em sua maioria – as principais cidades da Capitania

reivindicavam pelas reformas prometidas. O descontentamento geral culminou na Revolução Farroupilha iniciada em 1835 quando o General Bento Gonçalves e seus apoiadores tomaram a capital.

Porto Alegre foi retomada pelos monarquistas um ano mais tarde, mas durante dois anos manteve-se sitiada pelo farroupilhas que montaram a resistência nos seus arredores. A Revolução viria a terminar dez anos mais tarde através de um acordo com as forças imperialistas.

A década de 1870 foi marcada pelo final da Guerra do Paraguai e pela chegada dos primeiros imigrantes alemães à região, que se estabeleceram principalmente nos arredores dos grandes rios da região (Rio Pardo, Rio Jacuí, Rio dos Sinos) como pequenos comerciantes e prestadores de serviços.

Durante as últimas décadas do século XIX, Porto Alegre recebeu muitos investimentos por parte do governo central. Macedo (1993) informa que usinas geradoras de energia foram instaladas, linhas de bondes foram construídas, novos estaleiros entraram em funcionamento, instalações militares foram melhoradas, entre outros.

Destaca-se neste período o crescimento intelectual da cidade com o surgimento de uma sociedade chamada Partenon Literário que se manteve em atividade por cerca de vinte anos. O grupo se reunia com o intuito de discutir literatura e assuntos como a abolição da escravatura, a proclamação da república e os direitos feministas. O Partenon deixou como grande legado cultural para a cidade a fundação de escolas noturnas, a criação de bibliotecas e encenações teatrais.

Grandes obras públicas foram iniciadas do início do século XX (abastecimento de água encanada, iluminação pública, ampliação do transporte público, etc.). Na área da educação, as faculdades de Medicina, Engenharia, Direito e Artes já estavam bem estabelecidas e escolas públicas como o Colégio Júlio de Castilhos e a Escola Técnica Parobé eram consideradas as melhores instituições de ensino da região. A indústria estava em pleno desenvolvimento, assim como a construção civil.

A população continuava a crescer com a chegada de novos imigrantes (italianos, poloneses, judeus, entre outros) oriundos da Europa em guerra e com a vinda de muitos moradores do interior do Estado em busca de postos de trabalho gerando, assim, uma demanda cada vez maior por comércio e serviços. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Porto Alegre possuía

aproximadamente 395 mil habitantes em 1950, número que saltou para 635 mil uma década mais tarde¹⁹.

O desenvolvimento econômico da capital continuou ao longo da segunda metade do século XX e Porto Alegre tornou-se uma das grandes metrópoles brasileiras, alcançando altos níveis de qualidade de vida e os melhores índices educacionais do país. Entretanto, o final do século foi marcado pelo aumento da criminalidade, por problemas de urbanização e transporte público e por cortes de investimentos em saúde e educação.

O quadro socioeconômico da cidade no começo do século XXI, época em que a amostra Jovens Porto-Alegrenses foi coletada, revela que a cidade possuía 1.409.000 habitantes, conforme dados do Censo realizado pelo IBGE em 2000²⁰.

O Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Porto Alegre²¹ informa que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade no ano 2000 era de 0,865. A expectativa de vida ao nascer era de 71,48 anos e a pirâmide etária se distribuía em 68% (indivíduos entre 15 e 64 anos), 23% (indivíduos com menos de 15 anos) e 8% (65 anos ou mais).

A taxa de alfabetização na população adulta era de 95,6%, sendo que o Ensino Fundamental era frequentado por 98,6% dos indivíduos em idade escolar e o Ensino Médio, por 91,4%. Em relação à composição étnica, a população era formada por brancos (82,4%), negros (8,7%), pardos (7,8%), índios (0,5%), amarelos (0,2%) e etnia não declarada (0,4%).

Na seção seguinte serão apresentadas as variáveis operacionais consideradas pelo presente estudo para a análise da elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas conforme produzida pelos informantes da amostra.

¹⁹ Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=3&i=P&c=1286>>. Acesso em 10/12/13.

²⁰ Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431490>>. Acesso em 10/12/2013.

²¹ Disponível em <http://www.pnud.org.br/IDH/AtlasPortoAlegre.aspx?indiceAccordion =1&li=li_AtlasRegiões Metropolitanas>. Acesso em 10/12/2013.

4.2 Definição das variáveis operacionais

4.2.1 Variável dependente

Define-se a variável dependente neste estudo como a elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas, a qual considera duas possíveis realizações das vogais médias na ausência de vogal alta em sílaba subsequente:

- a) variante alçada: s[i]nhor, g[u]verno
- b) variante não alçada: s[e]nhor, g[o]verno

Parte-se da hipótese de que a taxa de aplicação de elevação sem motivação aparente entre os jovens é baixa e de que o alçamento ocorre, principalmente, em itens lexicais específicos (cf. Capítulo 3).

4.2.2 Variáveis independentes linguísticas

4.2.2.1 Altura da Vogal Precedente

A influência da vogal precedente sobre a vogal alvo será verificada a partir de quatro fatores:

- a) vogal alta fonética: cum[e]cei, dis[o]lado
- b) vogal média: dec[o]rar, prof[e]ssor
- c) vogal baixa: nam[o]rado, A[e]manha
- d) ausência de vogal precedente: [e]xagero, H[o]landa

Os estudos de Klunck (2007) e Cruz (2010) apontaram que a variável Altura da Vogal Precedente é estatisticamente significativa apenas para a elevação da vogal /e/. Entretanto, ambos os pesquisadores observaram que tal resultado provém da alta concentração do item lexical *futebol* que é quase categoricamente elevado entre os falantes do dialeto porto-alegrense.

No presente estudo, as ocorrências de palavras que apresentaram uma vogal alta fonológica em sílaba anterior à vogal alvo foram eliminadas do levantamento de

dados com o intuito de impedir quaisquer interferências de uma vogal alta no processo.

Acreditamos que os dados extraídos da fala dos jovens confirmarão a tendência de não favorecimento à elevação por parte da variável altura da vogal precedente, tal como apontado por Klunck (2007) e Cruz (2010).

4.2.2.2 Altura da Vogal Seguinte

Os resultados apontados por Klunck (2007) e Cruz (2010) sugerem que a presença de vogais médias em sílaba subsequente à vogal alvo favorece o alçamento desta. Tal comportamento será verificado nos dados da amostra Jovens Porto-Alegrenses através dos três fatores que seguem:

- a) vogal média alta: b[e]leza, g[o]stoso
- b) vogal média baixa: n[e]gócio, g[o]stosa
- c) vogal baixa: m[e]tade, b[o]ndade

4.2.2.3 Tipo de Sílaba

A variável Tipo de Sílaba será analisada com vistas a estabelecer sua relevância para o alçamento sem motivação aparente. Consideraremos neste estudo os seguintes fatores:

- a) aberta: s[e].ma.na, c[o].lé.gio
- b) fechada: v[e]r.go.nha, c[o]m.ple.to

Estudos anteriores (KLUNCK, 2007; CRUZ, 2010) não apontam para um condicionador específico com relação a esta variável, sendo que às vezes a sílaba leve favorece e, outras vezes, a sílaba pesada favorece o alçamento das vogais pretônicas.

Uma vez que núcleo e coda constituem a rima, o núcleo tende a ser mais sensível à coda do que ao ataque silábico²². Daí sílabas fechadas com /S/, /N/ ou /R/

²² Cf. SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, SMITH (eds.) *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, 1982.

em coda terem o núcleo mais propenso a sofrer o condicionamento do segmento que ocupa a posição de coda. Acredita-se, portanto, que a vogal localizada no núcleo da sílaba fechada é mais propensa à aplicação de processos fonológicos variáveis do que a vogal localizada no núcleo de uma sílaba aberta.

4.2.2.4 Posição do Alvo

O objetivo aqui é verificar se a fronteira entre o morfema prefixal e o radical favorece ou inibe o alçamento da vogal média. Para tanto, consideraremos o comportamento variável das vogais médias nas duas localizações, conforme os fatores apresentados a seguir:

- a) no prefixo: r[e]começo, pr[e]conceito
- b) no radical: rec[o]meço, prec[o]nceito

4.2.2.5 Nasalidade

A elevação do palato mole e o movimento da língua em direção a um ponto mais alto da cavidade oral durante a articulação de uma consoante nasal faz com que as vogais adjacentes também sejam articuladas com a língua posicionada em um ponto mais alto favorecendo a elevação.

Assim sendo, torna-se relevante a análise do grau de favorecimento da nasalidade no alçamento das vogais médias altas pretônicas. Para tanto, indicaremos se a nasalidade ocorre na mesma sílaba da vogal alvo, em sílaba diferente ou, ainda, se não ocorre.

- a) oral: r[e].tra.to, p[o]r.tal
- b) nasal na mesma sílaba: c[e]n.te.lha, p[o]n.tei.ra
- c) nasal em sílaba seguinte: m[o].men.to, t[e].nen.te

Pretende-se verificar se a nasalidade presente tanto na mesma sílaba quanto em sílaba seguinte pode favorecer o alçamento, em conformidade com os resultados obtidos por Klunck (2007) e Cruz (2010) em amostras constituídas por falantes adultos.

4.2.2.6 Distância entre a Vogal Alvo e a Sílabo Tônica

Será averiguado se a distância da vogal média pretônica em relação à vogal tônica tem relevância nos casos de alçamento sem motivação aparente. Atribuímos o fator distância zero quando a vogal média aparece imediatamente antes da sílabo tônica e distância 1, 2 ou 3 conforme a vogal alvo vai distanciando-se da sílabo tônica.

- a) Distância zero: t[o]mate
- b) Distância 1: s[o]matório
- c) Distância 2: pr[o]vavelmente
- d) Distância 3: m[o]deradamente

4.2.2.7 Atonicidade da Vogal

Nossa hipótese prevê que as vogais átonas persistentes favorecem a aplicação do alçamento das vogais médias. Segundo Bisol (1981), as vogais átonas que preservam esse *status* ao longo da derivação estão mais sujeitas à variação nos casos de harmonização vocálica.

Examinaremos a validade do referido argumento nos casos de elevação sem motivação aparente através dos fatores abaixo relacionados:

- a) Vogal átona persistente: c[o]nhecer (vogal átona), c[o]nheço (átona), c[o]nhecerei (átona)
- b) Vogal átona casual (palavras derivadas): b[ε]lo (vogal tônica) → b[e]leza (átona)
- c) Vogal sem status definido (verbos): conh[e]cer (vogal átona), conh[e]ço (tônica)

4.2.2.8 Contexto Precedente

O contexto precedente será analisado tendo em vista que os diferentes modos e pontos de articulação podem motivar a elevação sem motivação aparente

das vogais médias pretônicas. Assim, a análise levará em consideração os seguintes contextos de acordo com seu ponto de articulação:

- a) Labial: p[o]lar, b[e]leza, m[o]delo, f[e]vereiro, v[e]rão
- b) Coronal [+anterior]: t[o]mada, d[e]mente, s[e]leção, z[o]mbar, n[o]vembro, cor[o]nel, l[e]trado
- c) Coronal [-anterior]: ch[o]cante, g[e]nética, conh[e]ceu, melh[o]ramentos
- d) Dorsal: c[o]légio, g[o]star, r[o]mance
- e) Ausência de contexto: h[o]rror, [e]rrado

Em conformidade com os resultados obtidos por Klunck (2007) e Cruz (2010), acreditamos que o contexto precedente em pouco favoreça o alçamento da vogal alvo.

4.2.2.9 Contexto Seguinte

O contexto seguinte será analisado tendo em vista os seus diferentes modos e pontos de articulação através dos fatores a seguir:

- a) Labial: s[e]parados, pr[o]blema, pr[o]fessor, g[o]verno
- b) Coronal [+anterior]: d[e]testo, r[e]dação, pr[e]ssão, r[o]sário, c[o]rdenação, f[e]ijão, g[e]lado
- c) Coronal [-anterior]: m[e]lhor, ar[e]jado, f[e]chado
- d) Dorsal: p[e]gueno, p[e]gar, [e]rrado
- e) Nasal: c[o]mentar, cr[o]nograma, s[e]nhora, m[e]ntal

Os fatores Labial, Coronal [+anterior], Coronal [-anterior] e Dorsal categorizam os fonemas segundo seu ponto de articulação. Entretanto, com o intuito de verificar o papel favorecedor dos contextos nasais para a elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas, decidiu-se criar o fator Nasal, o qual categoriza os fonemas segundo seu modo de articulação, englobando os fonemas /m/, /n/ e /ɲ/, bem como o arquifonema /N/.

4.2.2.10 Classe Gramatical

Estudos anteriores apontaram que a vogal /o/ alça mais em verbos e que a vogal /e/ alça mais em substantivos (KLUNCK, 2007; CRUZ, 2010). Partindo desta hipótese, verificaremos se verbos e substantivos são, de fato, as classes que mais favorecem o alçamento sem motivação aparente.

- a) Verbo: g[o]star, l[e]var
- b) Substantivo: b[o]neca, s[e]nhor
- c) Adjetivo: p[e]quena, g[o]stoso
- d) Advérbio: m[o]deradamente, [e]xatamente
- e) Nome próprio: [O]svaldo, G[e]raldo

Os fatores relacionados dizem respeito às classes de palavras chamadas lexicais. A relação das palavras funcionais (preposições, conjunções, pronomes e artigos) coletadas e não consideradas pela análise estatística final será apresentada nas seções 5.1.1 e 5.2.1.

4.2.2.11 Vocábulo

O registro ortográfico de cada ocorrência será acrescentado ao arquivo de dados com vistas a investigar o papel estatístico dos itens lexicais com relação à elevação sem motivação aparente.

Assim, o tratamento estatístico da variável de efeito aleatório Vocábulo será realizado conjuntamente com as variáveis independentes de efeito fixo propostas, conforme seção 4.3.4 a ser apresentada. Tal análise é possibilitada pelo programa computacional Rbrul que fornecerá os resultados quantitativos necessários para a análise. Buscaremos, com isso, identificar possíveis indícios de condicionamento lexical no processo de elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas.

4.2.2.12 Paradigma

Os radicais presentes na amostra serão elencados sob a variável Paradigma a fim de corroborar ou não o status estatístico referente à variável Vocábulo, ambos de natureza lexical.

4.2.3 Variáveis independentes extralinguísticas

4.2.3.1 Sexo

As diferentes atitudes linguísticas observadas entre homens e mulheres e seus papéis na produção e propagação de formas variantes são frequentemente abordados por estudos sociolinguísticos. No que concerne ao estudo do fenômeno variável aqui proposto, estudos anteriores dão conta de que os homens favorecem alçam /o/ com mais frequência do que as mulheres (KLUNCK, 2007), enquanto que a elevação de /e/ não é favorecida especificamente por um ou outro gênero (KLUNCK, 2007; CRUZ, 2010).

Essa hipótese será avaliada em relação aos jovens da amostra aqui analisada através dos seguintes fatores:

- a) feminino
- b) masculino

4.2.3.2 Idade

Considerou-se a variável Idade tanto como variável contínua quanto como variável preditiva²³. Para tanto, criaram-se dois grupos etários discretos com vistas a analisar o comportamento de um e outro grupo. Neste estudo optamos pela seguinte divisão, apoiada na notação da Organização Mundial de Saúde (1989), apresentada à seção 4.1.2:

- a) Adolescentes: informantes entre 15 e 19 anos.

²³ Cf. Seção 4.3.4, Capítulo 4.

b) Adultos Jovens: informantes entre 20 e 24 anos.

A variável Idade não foi selecionada como estatisticamente relevante para o alçamento das vogais médias pretônicas no estudo de Klunck (2007). Contudo, em relação à amostra 1988-89, Cruz (2010) obteve indícios de que os informantes com idade a partir de 51 anos tendiam a favorecer mais o alçamento da vogal /e/ do que os demais grupos etários examinados. Já para a vogal /o/, era o grupo etário intermediário (entre 36 e 50 anos) que tendia a favorecer a elevação da referida vogal.

4.2.3.3 Escolaridade

Ainda que todos os informantes tenham concluído a Educação Básica, a seguinte subdivisão foi proposta:

- a) Educação básica
- b) Educação básica + curso pré-vestibular ou curso profissionalizante

Nenhum informante frequentava a universidade à época da coleta.

4.2.3.4 Informante

A variável Informante é uma variável de controle que será analisada com o objetivo de identificar as produções individuais, atribuindo taxas de elevação a cada um dos informantes.

A consequência imediata dessa análise é a identificação de possíveis concentrações de alçamentos em determinados informantes. Essa informação é relevante, pois direciona a discussão teórica para outro viés, salientando o papel do indivíduo na variação e não o da comunidade, foco dos estudos sociolinguísticos.

4.3 Metodologia de análise dos dados

4.3.1 Coleta dos dados

A coleta dos dados foi realizada em 2004 por alunos da Profa. Dra. Ana Zilles (UFRGS) com a colaboração do PET (Programa de Educação Tutorial) Letras da PUCRS sob a orientação da Profa. Dra. Maria Tasca (PUCRS), coordenadora do VARSUL àquela época.

O instrumento utilizado foi a entrevista face a face de experiência pessoal, uma das formas de obtenção de dados de fala espontânea mais utilizadas na pesquisa sociolinguística. Seu objetivo é capturar a fala não monitorada produzida pelos falantes quando estes são questionados sobre situações marcantes e emocionantes de sua vida. Neste tipo de interação, os informantes tendem a focar na narrativa em si prestando pouca ou nenhuma atenção à língua que utilizam para fazê-la, oportunizando, assim, que o pesquisador tenha acesso ao vernáculo.

O roteiro de entrevista utilizado deu ênfase ao período final da vida escolar dos entrevistados, os quais foram instigados a falar sobre a escola, viagens, festas, atividades extracurriculares, preparação para o vestibular, etc. Além disso, os informantes foram questionados sobre seus hábitos, *hobbies*, família, trabalho, entre outros assuntos.

As entrevistas foram gravadas em fita magnética e, posteriormente, em mídia digital (CD-ROM). Além disso, os dados registrados ortograficamente em cadernos de transcrições foram posteriormente digitados e impressos em cadernos individuais. Os áudios e as transcrições encontram-se disponíveis no VARSUL, localizado na Faculdade de Letras da PUCRS.

4.3.2 Critérios de seleção de ocorrências

A escuta das ocorrências relevantes para a investigação do alçamento sem motivação aparente das vogais médias pretônicas foi realizada de oitiva. O levantamento inicial desconsiderou as palavras que apresentavam:

- vogal alta em sílaba subsequente à vogal alvo (p[e]pino, c[o]ruja, m[e]tículoso), pois estão sujeitas ao processo variável de harmonização vocálica;
- eN-, eS- e prefixo des- iniciais ([e]nsopado, [e]spelhado, d[e]scolar), sequências apontadas em trabalhos anteriores como favorecedoras do alçamento (BATTISTI, 1993);
- vogais em sequência (ea, eo, oa, oe) que formam ditongo ou hiato (t[e]atro, c[o]alho, c[o]entro), a exemplo de Klunck (2007) e Cruz (2010);
- vogal alta fonológica em sílaba precedente à vogal alvo (fut[e]bol, is[o]por) a fim de eliminar qualquer interferência da vogal alta no alçamento;
- palavras compostas por justaposição (sobr[e]nome, set[e]centos), pois a vogal alvo dessas palavras localiza-se, na verdade, em posição átona final e não em posição pretônica.

Entre os critérios de seleção de ocorrências, os três primeiros itens foram utilizados por Klunck (2007) e Cruz (2010) em seus respectivos estudos. Os últimos dois, por sua vez, são critérios inéditos propostos pelo presente estudo que visam eliminar dados irrelevantes para a análise do processo variável de elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas.

Quanto ao penúltimo critério, muitos dos resultados apresentados por Klunck (2007) e por Cruz (2010) revelam interferências causadas pelo vocábulo *futebol*, um vocábulo frequente e quase categoricamente elevado na variedade falada em Porto Alegre. Parece-nos que uma vogal alta fonológica em sílaba precedente à vogal média pretônica pode estar favorecendo a elevação desta, nos moldes da harmonização vocálica, por assimilação. Daí eliminarmos toda e qualquer ocorrência de vogal alta fonológica em contexto anterior à vogal média alvo.

Em relação ao último critério, os estudos de Klunck (2007) e Cruz (2010) consideraram palavras como sobr[e]mesa ~ sobr[i]mesa e sup[e]rmercado ~ sup[i]mercado como casos em que houve aplicação da elevação sobre uma vogal pretônica. No entanto, ambas as palavras são formadas por justaposição, ou seja, a vogal alvo está localizada em posição postônica final e não em posição pretônica. Por esse motivo, as palavras formadas por justaposição foram eliminadas deste estudo.

Atendidos os critérios de seleção acima mencionados, obteve-se um total de 2.412 ocorrências da vogal /e/ e 1.924 ocorrências totais da vogal /o/. Decidiu-se, no entanto, restringir a análise apenas às ocorrências da vogal alvo em palavras lexicais (substantivos, pronomes, nomes próprios, adjetivos, verbos e alguns advérbios), eliminando da análise as ocorrências em palavras funcionais. Segundo Dubois (1978, p. 297)²⁴, palavras funcionais

"(...) indicam certas relações gramaticais entre os sintagmas que constituem uma frase (preposições), ou entre as frases (conjunções), ou que marcam a fronteira de um sintagma nominal que elas determinam (artigos). As palavras funcionais se distinguem dos morfemas lexicais porque são não-autônomos, que só têm sentido relativamente à estrutura gramatical em que entram".

As palavras lexicais, por sua vez, são palavras autônomas no sentido de que seu significado é explicitado independentemente do apoio de outras palavras. Além disso, a lista de palavras lexicais não é exaustiva, ou seja, novas palavras podem ser acrescentadas ao conjunto já existente. Por isso que advérbios que recebem os sufixos -mente, -inho, -zinho são considerados palavras lexicais.

A amostra referente à vogal /e/ é composta por 2.249 ocorrências em palavras lexicais (Apêndice A) e 163 ocorrências de palavras funcionais (Quadro 9). A vogal /o/, por sua vez, apresentou 1.770 ocorrências em palavras lexicais (Apêndice B) e 154 dados em palavras funcionais (Quadro 16).

O último critério de seleção proposto diz respeito à frequência com que os dados aparecem na amostra. Tendo em vista que muitas palavras lexicais apresentavam ocorrências escassas (1 ou 2 ocorrências, na maioria das vezes), revelando-se pouco frequentes na amostra, optou-se por desconsiderar todos os vocábulos com menos de 5 ocorrências. Tal procedimento justifica-se porque a computação de um número significativo de itens lexicais de baixa frequência na amostra gera resultados que não podem ser tomados como representativos.

Assim, considerando apenas os dados frequentes na amostra, o conjunto de dados de /e/ resumiu-se a 1.562 ocorrências distribuídas entre 86 palavras lexicais e 1.268 ocorrências totais da vogal /o/ distribuídas em 84 palavras lexicais²⁵.

²⁴ DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

²⁵ As relações dos itens lexicais mais frequentes na amostra encontram-se na Seção 5.1.2, no caso da vogal /e/, e na Seção 5.2.2, no caso da vogal /o/, nos quadros que reproduzem o cruzamento entre a variável dependente e a variável Vocábulo.

Os mesmos critérios de seleção foram aplicados aos dados elencados por paradigma derivacional. Realizado o levantamento inicial, selecionaram-se apenas os radicais presentes em palavras lexicais. Em seguida, desconsideraram-se aqueles radicais com menos de 5 ocorrências na amostra. O levantamento final por Paradigma resultou em 1.883 ocorrências de /e/ em palavras lexicais e 1.516 ocorrências de /o/ em palavras lexicais.

Resume-se no quadro abaixo o número total de ocorrências resultante da aplicação dos critérios de seleção apresentados nesta seção.

Quadro 7 - Número de ocorrências por Vocábulo e por Paradigma

CLASSIFICAÇÃO LEXICAL	VOGAL /e/	VOGAL /o/
Vocábulo	1.562	1.268
Paradigma	1.883	1.516

Fonte: A Autora.

4.3.3 Codificação das ocorrências

Os dados foram inicialmente transcritos em sua forma fonética e as dúvidas que surgiram durante o levantamento de oitiva foram submetidas ao tratamento do *software* Praat (versão 5.3.56)²⁶, programa computacional que realiza a análise acústica do segmento sonoro.

Em um segundo momento, as transcrições foram codificadas no programa Excel (Microsoft Office Excel 2003) através de símbolos que foram atribuídos a cada um dos fatores das variáveis propostas. A palavra *colega*, a exemplo, foi codificada da seguinte maneira:

fmnmarsopkcz

O símbolo f indica que o informante é do sexo feminino. m indica que o informante integralizou a educação básica, mas não prosseguiu estudando. n refere-se à variante não alçada, ou seja, é a resposta da variável dependente. Os demais

²⁶ BOERSMA, Paul. WEENINK, David. *Praat*. 2013. Disponível em <<http://www.praat.org/>>. Acesso em 06/07/2013.

símbolos referem-se ao comportamento da vogal alvo em relação a cada variável linguística independente, a saber,

n = ausência de vogal precedente

m = vogal seguinte média

a = vogal alvo localizada em sílaba aberta

r = vogal alvo localizada no radical

s = substantivo

o = vogal alvo oral

p = vogal alvo átona persistente

k = contexto precedente dorsal

c = contexto seguinte coronal [+anterior]

z = vogal alvo localizada imediatamente antes da sílaba que contem a vogal tônica da palavra

O arquivo com os dados codificados foi salvo na extensão .csv (*Comma Separated Value*) para ser lido posteriormente pelo programa estatístico Rbrul, descrito a seguir.

4.3.4 Instrumento de análise estatística

O instrumento de análise estatística utilizado foi o programa computacional Rbrul versão R i386 3.0.2²⁷. O referido programa foi desenvolvido por Daniel Ezra Johnson (JOHNSON, 2009) em linguagem de programação R, que é, portanto, a plataforma onde o programa deve ser executado. Tanto a plataforma R quanto o programa Rbrul estão disponíveis para *download* gratuito e, uma vez instalados corretamente, é possível performar cálculos de regressão logística em um computador com acesso à internet.

O programa Rbrul realiza o tratamento estatístico de dados variáveis através de uma análise multivariada, isto é, uma análise que considera simultaneamente todas as variáveis supostamente envolvidas no processo (JOHNSON, 2009).

²⁷ Disponível em <<http://cran.r-project.org>>. Acesso em 23/09/2013.

Guy e Zilles (2007, p. 33) explicam que o objetivo da análise estatística é separar, quantificar e testar a significância de fatores contextuais em uma variável linguística com vistas a compreender o comportamento dos diferentes processos variáveis verificados nas línguas. A pesquisa variacionista busca indicar qual ou quais os fatores que mais favorecem a aplicação de uma regra variável, sejam eles sociais e/ou linguísticos.

Assim que o ambiente R é carregado, surge na última linha de comando o símbolo `>`. É altamente recomendado manter o programa atualizado. Assim, deve-se digitar o comando `update.packages` após o símbolo `>` toda vez que a plataforma R for carregada, antes de iniciar o programa Rbrul.

Realizados *download* e instalação dos pacotes atualizados, deve-se digitar o comando `source("http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul.R")`. O símbolo `>` aparecerá novamente e deve-se digitar `rbrul()`. Com isso, o programa Rbrul entra em funcionamento fornecendo um menu inicial, no qual é possível carregar/salvar dados, reiniciar ou sair do programa.

Após o usuário escolher a opção carregar/salvar dados, o programa perguntará qual caractere separa as colunas do arquivo de dados. Essa pergunta é muito relevante, pois para cada tipo de arquivo em que os dados foram salvos será necessário informar um determinado caractere. Assim, um arquivo produzido em Excel e salvo na extensão `.csv` pode ser aberto se indicarmos vírgulas (*commas*) ou ponto-e-vírgulas (*semicolon*) como o caractere que separa os dados. Por outro lado, para um arquivo salvo no formato `.tkn` deve-se informar os caracteres `tf` (*token file*).

É de suma importância que o arquivo de dados esteja configurado de maneira que o programa leia a informação corretamente. Cada linha da planilha de dados Excel deve referir-se a uma única ocorrência (*token*). Além disso, a variável dependente (*response*) e as variáveis independentes (*predictors*) devem ocupar cada qual uma coluna.

Ao carregar o arquivo desejado, o programa fará a leitura do mesmo e fornecerá o resumo dos seus dados. Basicamente, serão apresentadas todas as variáveis contidas no arquivo, o número de fatores que constitui cada variável, os fatores registrados para cada variável e o número total de ocorrências registradas no arquivo.

Logo abaixo do resumo dos dados surge um menu de opções para configuração dos dados, o qual possibilita carregar outro arquivo de dados, ajustar

os dados já carregados, realizar tabulação cruzada (*crosstabs*), processar os modelos de regressão logística disponíveis, plotar, restaurar os dados, reiniciar ou sair do programa. Deve-se escolher o número do comando desejado e digitá-lo no cursor.

A partir desta etapa, o programa realizará o passo-a-passo necessário para que o procedimento estatístico escolhido seja realizado. Para isso, o próprio programa apresentará as perguntas necessárias e o usuário deverá respondê-las de acordo com os comandos também fornecidos pelo programa.

Antes de realizar os cálculos propriamente ditos, é altamente recomendado realizar o cruzamento dos dados. Ao realizar esta etapa será possível localizar possíveis erros no arquivo de dados, assim como controlar o número de células em que não há dados ou em que há concentração de dados. O objetivo desse procedimento e a sua operacionalização serão apresentados detalhadamente a seguir.

Uma análise detida das ocorrências levantadas revelou a distribuição não harmônica dos dados nas células originadas do cruzamento entre variáveis. Em outras palavras, verificou-se a falta de ortogonalidade entre diversos grupos de fatores das variáveis sob estudo. Conforme Guy (1998), a ortogonalidade diz respeito à distribuição equilibrada dos dados em todas as células resultantes do cruzamento entre as variáveis consideradas.

A existência de células vazias, com nenhuma ocorrência ou ocorrências desproporcionalmente distribuídas, culmina em interpretações equivocadas a respeito do fenômeno variável. A pouca ortogonalidade gera um problema metodológico que impossibilita o tratamento estatístico adequado dos dados, pois interfere no cálculo da regra variável atribuindo significância estatística irreal aos fatores considerados. A análise de grupos de fatores ortogonais ou quase ortogonais possibilita a identificação adequada dos fatores que mais condicionam a aplicação de uma regra variável.

Além disso, é indispensável que os grupos de fatores co-ocorram livremente e não sejam sub ou super categorias uns dos outros (GUY e ZILLES, 2007, p. 52). Isto significa que as ocorrências sob os rótulos dos fatores de uma determinada variável não podem estar associadas às ocorrências relacionadas aos fatores de outra variável.

A fim de verificar o grau de ortogonalidade dos dados da amostra, bem como a interação entre os fatores de diferentes variáveis, realizou-se o procedimento de cruzamento ou *crosstabs*. Uma vez identificada a baixa aplicação do processo variável (ver seções 5.2 e 5.3 a seguir), realizaram-se cruzamentos entre as variáveis linguísticas e a variável dependente²⁸. Tal cruzamento é justificado nos casos de baixa aplicação de um fenômeno variável, pois o referido cruzamento explicita quais vocábulos são inerentemente invariantes – possibilitando a exclusão das ocorrências irrelevantes para a análise – e viabilizando a análise das ocorrências variantes.

A exemplo, o cruzamento entre a variável Posição do Alvo e a variável dependente, reproduzida no Quadro 8 a seguir, revela que todas as ocorrências de alçamento de /e/ estão classificadas sob o fator radical, enquanto que o fator prefixo não registra ocorrências de aplicação.

Quadro 8 - Cruzamento entre a variável Posição do Alvo e a variável Dependente – vogal /e/

POSIÇÃO DO ALVO	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
Radical <i>p[e]queno</i>	1.532	30	1.562
Prefixo <i>r[e]começar</i>	0	0	0
TOTAL	1.532	30	1.562

Fonte: A Autora.

A variável Posição do Alvo é, portanto, irrelevante para a análise da vogal /e/ pretônica haja vista que uma variável deve ser obrigatoriamente formada por pelo menos dois fatores que registram dados de aplicação que são comparados relativamente quanto ao seu grau de favorecimento à aplicação do processo variável.

Em relação à vogal /o/, quanto ao cruzamento entre a variável Altura da Vogal Precedente e a variável Dependente, o Quadro 9 a seguir informa que em um total de 24 ocorrências não é verificado nenhum alçamento no contexto Vogal Média.

²⁸ Conforme sugestão de Daniel Johnson (comunicação particular).

Quadro 9 - Cruzamento entre a variável Altura da Vogal Precedente e a variável Dependente: vogal /o/

ALTURA DA VOGAL PRECEDENTE	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
Vogal média <i>l<u>o</u>c[o]mover</i>	24	0	24
Vogal baixa <i>a<u>d</u>[o]rando</i>	94	0	94
Ausência de vogal precedente <i>f[o]gueira</i>	1.113	37	1.150
TOTAL	1.231	37	1.268

Fonte: A Autora.

Tal fato permite-nos inferir que neste contexto possivelmente não há variação (pode ser que haja variação, porém ela não foi capturada pelos dados da amostra). Sobre o comportamento da Vogal Baixa, poderíamos sugerir que a possibilidade de variação é menos provável, uma vez que não há alçamentos em 94 ocorrências totais. Por fim, há variação de fato no contexto em que não há vogal em sílaba precedente à vogal média alvo, como em *f[o]gueira* e *ch[o]veu*.

O procedimento de *crosstabs* tal como conduzido revela que a variável Altura da Vogal Precedente possui somente um fator inerentemente variável. Seria metodologicamente inválido incluir a referida variável em uma rodada de cálculos, uma vez que sabemos desde já que a variabilidade está restrita a este único contexto. Uma vez que a variável Altura da Vogal Precedente é constituída por apenas um fator ortogonal, justifica-se a sua exclusão da iteração estatística.

A realização dos *crosstabs* segundo tal orientação culminou em uma computação diferenciada dos dados que apresenta vantagens metodológicas em termos de análise e interpretação do fenômeno variável, pois elimina possíveis erros ocasionados pela computação de um número significativo de ocorrências invariantes na amostra. A concentração de dados invariantes no cálculo de regressão logística gera erros e distorce os resultados sobre o processo variável invalidando-os.

Para verificarmos a ortogonalidade da amostra em termos de dados variantes e invariantes, realizaram-se para cada vogal alvo os cruzamentos entre a variável Vocábulo e a variável dependente e entre a variável Paradigma e variável dependente. Os referidos cruzamentos são reproduzidos nas seções a seguir, as quais pretendem apresentar e discutir os resultados obtidos para as duas vogais médias pretônicas.

Os dados foram submetidos ao tratamento estatístico do programa Rbrul de modo a verificar a significância de variáveis linguísticas e sociais para a aplicação variável do fenômeno de elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas.

O Rbrul realiza a análise de regressão logística, ou seja, explica uma variável dependente através de variáveis independentes multifatoriais. O modelo logístico pode ser formalizado através da fórmula abaixo:

Figura 18 - Fórmula do cálculo de regressão logística

$$P_{ijk...}/(1-P_{ijk...}) = P_0/(1-P_0) \times P_i/(1-P_i) \times P_j/(1-P_j) \times \dots$$

Fonte: Guy e Zilles (2007, p. 42)

Guy e Zilles (2007, p. 41) explicam a referida fórmula afirmando que "(...) P_i representa o valor associado com o fator i , P_0 representa uma 'probabilidade de *input*' global que estabelece o nível geral de aplicação da regra, e P_{ijk} representa a probabilidade de aplicação da regra no contexto dos fatores i, j, k ".

O cálculo de regressão logística levado a cabo pelo Rbrul considera o efeito misto de variáveis preditivas e aleatórias. Variáveis preditivas são aquelas cuja realização das variantes é parametrizada por fatores pré-definidos, como a variável Classe Gramatical, por exemplo, em que todas as ocorrências são rotuladas por um dos fatores Substantivo, Verbo, Pronome, Advérbio e Adjetivo. Uma variável é do tipo aleatória se os dados por ela analisados pertencem a uma população ampla que não pode ser averiguada em sua totalidade pelo pesquisador. Além disso, seus fatores aleatórios em geral não podem ser replicados por outros estudos. Item Lexical, por exemplo, é tratado como uma variável de efeito aleatório, pois sobre si não é possível prever qual item lexical vai ser utilizado pelo falante diante de um universo amplo de possibilidades. Assim, cada item lexical em que ocorre a vogal alvo é interpretado como um valor ou fator.

Para realizar o modelamento dos dados é necessário escolher a opção *Modelling* no menu principal e, na sequência, informar qual é a variável dependente e se a resposta desta variável é binária ou contínua. O segundo passo é informar quais variáveis independentes serão consideradas na rodada de cálculos e se há entre elas variáveis contínuas ou de efeito aleatório.

Feita essa configuração, um novo menu é aberto e aqui deve-se escolher uma opção de modelagem. A análise do tipo *step-up/step-down* é recorrentemente utilizada uma vez que realiza a partir de um único comando dois procedimentos complementares, as análises *step-up* e *step-down*. No nível *step-up*, o programa adiciona ao modelo, uma a uma, as variáveis que apresentaram algum grau de favorecimento à aplicação da regra variável na rodada zero (*Run 0*). No nível *step-down*, o programa aplica o procedimento inverso, isto é, retira, uma a uma, aquelas variáveis que revelaram desfavorecimento à aplicação do processo.

Os resultados obtidos no *step-up* e no *step-down* devem corresponder, isto é, o modelamento de um nível de análise deve corroborar o modelamento do outro nível. Se os modelos coincidirem ("*step-up and step-down match*"), ao final da análise *step-up/step-down*, o programa fornecerá os resultados quantitativos obtidos pela melhor iteração. Caso o modelo estatístico não consiga performar o modelamento, é possível realizar uma nova análise adicionando ou excluindo variáveis desde que haja uma justificativa linguística ou estatística para tal.

O modelamento dos dados fornece os valores *logodds* para variáveis fixas e *intercepts* para variáveis aleatórias, além de peso relativo (*factor weight*), igualmente relevantes para a interpretação adequada do fenômeno de natureza variável.

Coefficientes *log-odds* negativos indicam que o fator não é estatisticamente significativo para a aplicação da regra variável e valores *logodds* positivos indicam que há favorecimento à aplicação da regra. Os resultados obtidos para *factor weights* são lidos da seguinte maneira: valores acima de 0,5 indicam o favorecimento do fator para a aplicação do processo variável; valores abaixo de 0,5 indicam o desfavorecimento da aplicação; valores iguais ou muito próximos a 0,5 indicam a neutralidade de aplicação do processo.

Para conhecer a porcentagem de ocorrências em que houve aplicação do processo variável, a média de aplicação (*grand mean*) deve ser multiplicada por 100.

O programa Rbrul também calcula o desvio (*deviance*), o qual tende a diminuir quando se adiciona mais variáveis independentes ao modelo. O programa

também calcula os graus de liberdade (*degrees of freedom*)²⁹, o valor de p ³⁰ e o índice Nagelkerke R^2 ³¹.

Investigaremos neste estudo se os itens lexicais possuem papel favorecedor no processo de elevação sem motivação aparente. Para tanto, as variáveis Vocábulo e Paradigma serão submetidas à análise estatística do Rbrul como variáveis aleatórias em iterações diferentes. Acredita-se que a análise quantitativa de efeito misto poderá indicar se o condicionador da elevação sem motivação aparente é contextual e/ou lexical.

A inclusão de uma variável aleatória ao estudo sobre a elevação sem motivação aparente de /e/ e /o/ pretônicos é o elemento inédito deste estudo quando comparado aos trabalhos que o precederam. Em verdade, os estudos de Klunck (2007), Marchi e Stein (2007) e Cruz (2010) utilizaram o programa Goldvarb-X (SANKOFF, D. et al, 2005³²), o qual não possui uma ferramenta estatística que possibilita a análise conjunta de variáveis aleatórias e preditivas. Com a criação do Rbrul, a possibilidade de averiguar essa relação tornou-se uma realidade.

No capítulo a seguir serão apresentadas a análise e discussão dos resultados obtidos para as vogais /e/ e /o/.

²⁹ "(...) degrees of freedom can be understood as a measure of how much precision an estimate has. (...) As the degrees of freedom increase, the probability density function becomes more and more similar to that of the standard normal" (BAAYEN, 2008, p. 63).

³⁰ Cf. Guy e Zilles (2007, p. 4).

³¹ "(...) R^2 quantifies the proportion of the variance in the data that is captured and explained by the regression model" (BAAYEN, 2008, p. 88).

³² SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali. SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

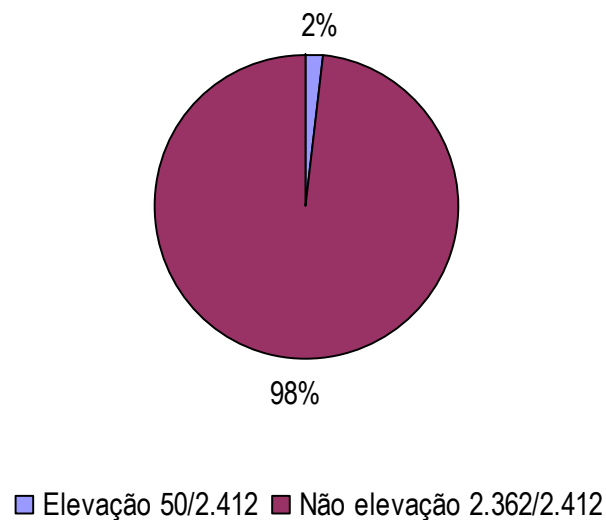
O presente capítulo está organizado de maneira a apresentar os resultados obtidos e a análise dos resultados sobre o processo de elevação sem motivação aparente das vogais /e/ e /o/ pretônicas, respectivamente. Por fim, faz-se algumas considerações sobre os resultados a partir da Teoria de Exemplares.

5.1 Vogal /e/

5.1.1 Frequência global de aplicação – vogal /e/

A frequência de aplicação global da elevação sem motivação aparente de /e/ pretônico, consideradas as palavras lexicais e funcionais, foi de 2%, conforme apresentado no gráfico a seguir.

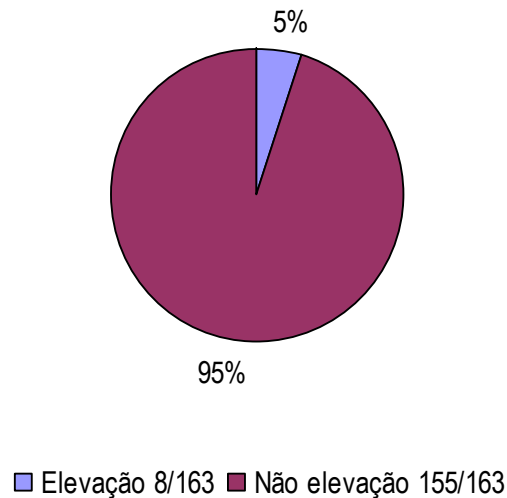
Gráfico 1 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras lexicais e funcionais: vogal /e/



Fonte: A Autora.

A frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente de /e/ entre as palavras funcionais foi de 5%, conforme apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 2 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras funcionais: vogal /e/



Fonte: A Autora.

As ocorrências extraídas de palavras funcionais correspondem a 7% do total de ocorrências elencadas para a vogal /e/. O Quadro 10 a seguir reproduz a relação de palavras funcionais levantadas na amostra Jovens Porto-Alegrenses:

Quadro 10 - Palavras funcionais: vogal /e/

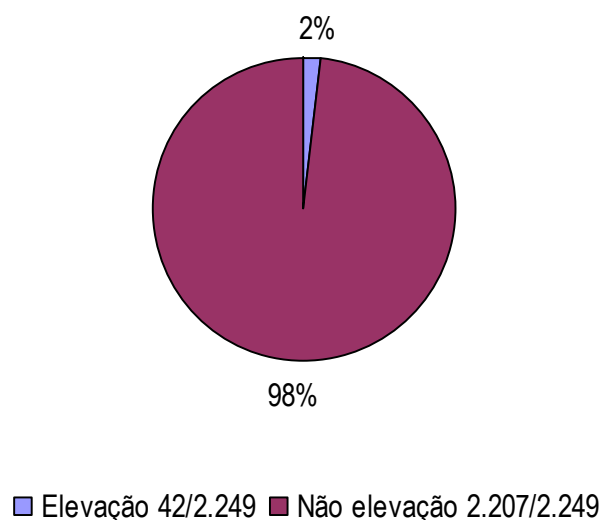
PALAVRA	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
apesar	12	0	12
demais	0	7	7
depois	130	0	130
recém	3	0	3
repente	10	0	10
senão	0	1	1
TOTAL	155	8	163

Fonte: A Autora.

O Quadro 10 informa que das seis palavras funcionais levantadas na amostra, apenas duas sofrem o alçamento variável, a saber, *demais* e *senão*. Acreditamos que o vocábulo *demais* é um advérbio possivelmente interpretado pelos falantes como a soma de *de* + *mais*. O mesmo ocorre com a conjunção *senão* que pode ser interpretada como *se* + *não*. Se assim o for, em ambas as palavras a vogal média figura em clíticos, ou seja, não são vogais pretônicas.

A frequência de aplicação global da elevação sem motivação aparente de /e/ apenas entre as palavras lexicais foi de 2%, conforme apresentado no Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras lexicais: vogal /e/

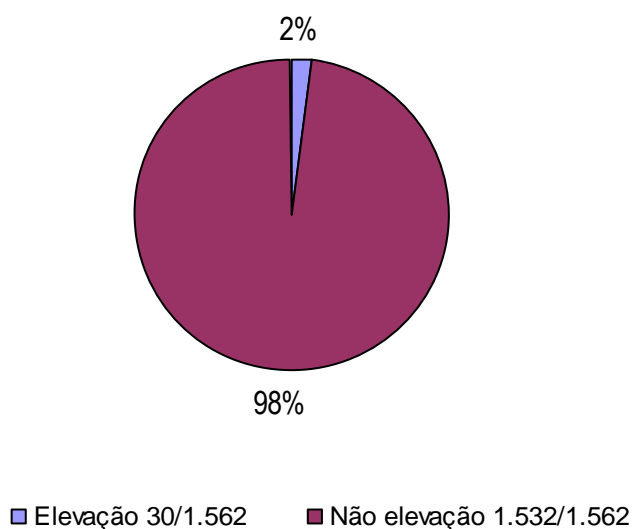


Fonte: A Autora.

As ocorrências extraídas de palavras lexicais correspondem a 93% do total de ocorrências elencadas para a vogal /e/.

Por fim, a frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente para o conjunto de dados composto pelas palavras lexicais mais frequentes na amostra foi de 2%, conforme apresentado no Gráfico 4 a seguir.

Gráfico 4 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre as palavras lexicais mais frequentes: vogal /e/

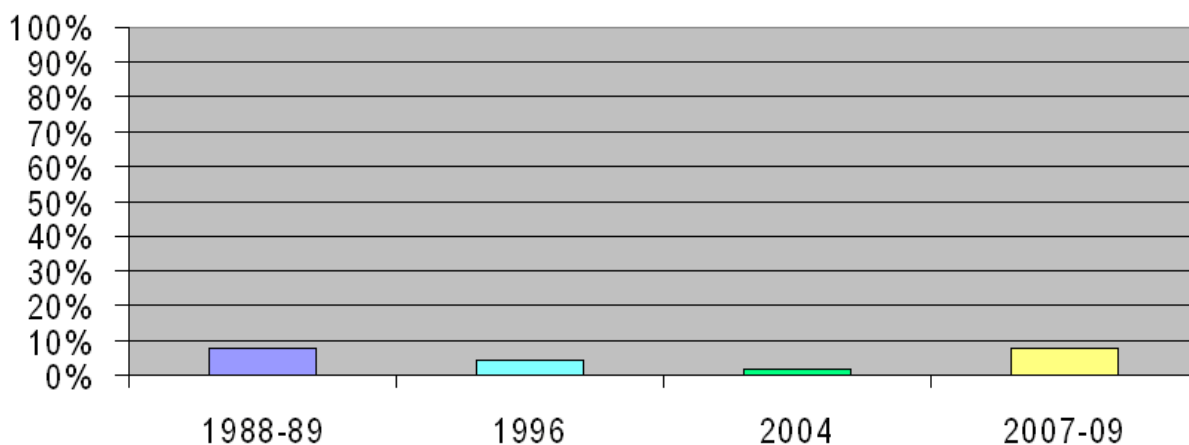


Fonte: A Autora.

Observa-se entre os jovens porto-alegrenses uma saliente predileção pela conservação da vogal /e/ pretônica com 98% do total de ocorrências permanecendo inertes à aplicação do processo variável. A baixa aplicação do alçamento para a vogal anterior, todavia, era esperada em conformidade com os resultados obtidos por Klunck (2007) e Cruz (2010).

O Gráfico 5 a seguir relaciona em ordem cronológica os índices de aplicação da elevação sem motivação aparente da vogal /e/ pretônica apontados por Klunck (2007) e Cruz (2010) para três diferentes amostras e o índice informado pelo presente estudo em relação à amostra coletada em 2004.

Gráfico 5 - Frequência de aplicação da elevação nas amostras coletadas em Porto Alegre em 1988-89, 1996, 2004 e 2007-09: vogal /e/



Fonte: A Autora.

A amostra coletada há 25 anos apresentou taxa de aplicação da elevação sem motivação aparente de 8,1% (N = 2.083) (CRUZ, 2010), enquanto que a amostra coletada sete anos mais tarde registrou taxa de aplicação de 4% (N = 2.229) (KLUNCK, 2007). A amostra coletada em 2004 teve um índice de 2% (N = 1.562) e a amostra mais recente de 7,9% (N = 3.243) (CRUZ, 2010).

Os índices de aplicação registrados pelos diferentes estudos atuam apenas como um referencial de comparação, tendo em vista que diferentes critérios metodológicos foram utilizados por cada trabalho. Basicamente, as diferenças estão relacionadas às faixas etárias examinadas e aos critérios de seleção de ocorrências.

Klunck (2007) e Cruz (2010) analisaram o comportamento linguístico de mais de um grupo etário, contemplando os grupos jovem, adulto e idoso. O estudo aqui proposto, por sua vez, contempla apenas o grupo jovem³³. Além disso, o presente estudo considera apenas os dados que atendem integralmente aos critérios de seleção de ocorrências³⁴.

Ocorre que a baixa taxa de aplicação da elevação sem motivação aparente de /e/ registrada entre os jovens porto-alegrenses possivelmente se deve ao tratamento conferido aos dados em termos de metodologia de trabalho, a qual gerou a redução do número de ocorrências e, conseqüentemente, de casos de elevação. O mesmo se aplica à taxa de aplicação encontrada para a vogal /o/ a ser apresentado na seção 5.3 a seguir.

³³ Cf. Seção 4.1.2, Capítulo 4.

³⁴ Cf. Seção 4.3.2, Capítulo 4.

Apesar disso, diante das evidências, corroborou-se entre o grupo jovem a tendência ao uso pouco expressivo da vogal posterior alçada na ausência de uma vogal alta em sílaba subsequente, tal qual ocorre entre os falantes adultos e idosos, conforme resultados apresentados por Klunck (2007) e Cruz (2010).

A seção seguinte abordará os procedimentos estatísticos que antecederam a análise linguística da amostra referente à vogal /e/.

5.2.2 Procedimentos estatísticos

Conforme já explicitado na seção 4.3.4, para processos variáveis de aplicação baixa, o procedimento de cruzamento entre a variável dependente e a variável Vocábulo captura detalhes significativos sobre a amostra fornecendo informações fundamentais para a operacionalização adequada dos dados. O referido cruzamento está reproduzido no quadro a seguir.

Quadro 11 - Cruzamento entre a variável Vocábulo e a variável dependente: vogal /e/

VOCÁBULO	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
acontecendo	9	0	9
adolescência	6	0	6
adolescente	10	0	10
Alemanha	7	0	7
alemão	5	0	5
aprendendo	5	0	5
aprender	20	0	20
aproveitar	18	0	18
atenção	24	0	24
chegar	21	0	21
chegava	14	0	14
chegou	15	0	15
cheguei	17	0	17
começando	5	0	5
começar	34	0	34
começaram	5	0	5
comecei	59	0	59
começou	13	0	13
conhecendo	5	0	5
conhecer	34	0	34

VOCÁBULO	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
conversando	20	0	20
conversar	21	0	21
conversava	6	0	6
depende	20	0	20
dependendo	16	0	16
dezembro	6	0	6
eletrônica	16	0	16
errada	5	0	5
errado	27	0	27
evangélica	4	2	6
exemplo	15	0	15
federal	8	0	8
feijão	6	0	6
fevereiro	12	0	12
geralmente	19	0	19
legais	7	0	7
legal	115	0	115
levar	5	0	5
matemática	40	0	40
melhor	41	0	41
melhorar	6	0	6
melhores	12	0	12
mercado	11	0	11
metade	13	0	13
negócio	13	0	13
negócios	5	0	5
nervoso	5	0	5
pedaço	7	0	7
pegar	8	0	8
pegava	6	0	6
peguei	13	0	13
pensamento	6	0	6
pensando	8	0	8
pensar	19	0	19
pensei	10	0	10
pequena	0	12	12
pequeno	0	10	10
perfeita	5	0	5
pessoa	121	0	121
pessoas	158	0	158
preparar	5	0	5

VOCÁBULO	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
pressão	7	0	7
pretendo	16	0	16
professor	43	0	43
professora	25	0	25
professoras	6	0	6
professores	61	0	61
provavelmente	5	0	5
querendo	5	0	5
querer	7	0	7
questão	22	0	22
redação	30	0	30
referente	14	0	14
relação	23	0	23
resolver	6	0	6
respeita	5	0	5
respeito	5	0	5
resposta	6	0	6
restaurante	6	0	6
semana	27	0	27
senhora	2	6	8
telefone	10	0	10
tentando	7	0	7
tentar	16	0	16
tentei	5	0	5
verão (subst.)	7	0	7
TOTAL	1.532	30	1.562

Fonte: A Autora.

Deve-se atentar para alguns fatos fundamentais explicitados pelo referido cruzamento, o qual elencou um total de 86 vocábulos. Primeiramente, observa-se que a maioria dos dados não varia, pois 82 vocábulos registraram a não aplicação categórica da elevação, ou seja, são vocábulos invariantes. Além disso, há 2 itens lexicais que são elevados categoricamente, a saber, *pequeno* e *pequena*, que, por isso mesmo, também devem ser considerados invariantes. Por fim, extraímos a informação de que apenas dois itens lexicais são inerentemente variáveis, a saber, *evangélica* e *senhora*.

O cruzamento entre a variável Paradigma e a variável dependente também tornou explícito o caráter predominantemente invariante da amostra Jovens Porto-Alegrenses em relação à vogal /e/.

Quadro 12 - Cruzamento entre a variável Paradigma e a variável dependente: vogal /e/

PARADIGMA	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
aceit	5	0	5
acert	5	0	5
acontec	14	0	14
adolesc	19	0	19
alem	14	0	14
aprend	26	0	26
apresent	12	0	12
aproveit	30	0	30
atenc	25	0	25
cheg	78	0	78
começ	117	0	117
comemor	12	0	12
conhec	42	0	42
convers	54	0	54
coorden	6	0	6
deix	11	0	11
demonstr	5	0	5
demor	6	0	6
depend	38	0	38
desenh	7	0	7
detest	5	0	5
dezembro	6	0	6
eletr	22	0	22
err	40	0	40
evangel	4	4	8
exempl	26	0	26
fech	7	0	7
feder	8	0	8
feij	6	0	6
fevereiro	12	0	12
jpg	121	0	121
lev	20	0	20
matematic	37	0	37
melhor	67	0	67
merc	13	0	13
metade	13	0	13
negoc	18	0	18
nerv	6	0	6
peg	37	0	37
pens	53	1	54

PARADIGMA	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
pentelh	7	0	7
pequen	0	22	22
perd	7	0	7
perfeit	10	0	10
personag	5	0	5
pessoa	287	0	287
prefer	5	0	5
prepar	23	0	23
press	8	0	8
prest	8	0	8
pretend	16	0	16
profess	137	0	137
quebr	6	0	6
quer	12	0	12
quest	23	0	23
receb	7	0	7
reclam	6	0	6
redaç	29	0	29
refer	16	0	16
relac	23	0	23
resolv	11	0	11
respeit	14	0	14
respost	8	0	8
restaurante	6	0	6
seman	31	0	31
semestr	5	0	5
senhor	3	8	11
sent	12	0	12
separ	12	0	12
telefon	8	0	8
temper	6	0	6
tent	35	0	35
vend	5	0	5
ver	5	0	5
verg	5	0	5
TOTAL	1.848	35	1.883

Fonte: A Autora.

O conjunto de dados levantado por Paradigma totalizou 76 radicais. Destes, apenas 2 radicais se mostraram inerentemente variantes (*evangel-* e *senhor-*), somando 19 ocorrências. Os 74 radicais invariantes totalizaram 1.864 dados, cerca de 99% do total de ocorrências.

Na próxima seção serão discutidos os resultados obtidos em relação à vogal /e/.

5.1.3 Discussão dos resultados

No que concerne à vogal média posterior, o cruzamento entre a variável dependente e a variável Vocábulo transpareceu a natureza predominantemente invariante da amostra ao revelar que a variação está restrita a alguns poucos itens lexicais, em verdade, a dois vocábulos em um total de 86 vocábulos (o que corresponde a 0,8% do total de ocorrências). Em outras palavras, a invariabilidade da vogal /e/ pretônica está significativamente presente entre os jovens porto-alegenses entrevistados.

Propôs-se uma rodada geral de cálculos que considerou apenas as ocorrências de palavras lexicais frequentes na amostra e as variáveis operacionais ortogonais em relação à variável dependente, a saber, Sexo, Escolaridade, Faixa Etária, Vocábulo, Altura da Vogal Seguinte, Tipo de Sílabas, Nasalidade, Contexto Precedente, Contexto Seguinte e Distância da Sílabas Tônica.

O programa estatístico selecionou Vocábulo como a única variável estatisticamente significativa para a elevação sem motivação aparente de /e/, conforme resultados reproduzidos a seguir.

Tabela 6 - Elevação da vogal /e/: Vocábulo - rodada geral

VOCÁBULO	INTERCEPTS	APLICAÇÃO	%	PESO RELATIVO
pequena	35.334	12/12	100	1,0
pequeno	28.121	10/10	100	1,0
evangélica	20.432	2/6	33,3	1,0
senhora	19.506	6/8	75	1,0
acontecendo	0	0/7	0	0,22
Alemanha	0	0/5	0	0,22
começar	0	0/34	0	0,22
conhecendo	0	0/5	0	0,22
conhecer	0	0/34	0	0,22
dezembro	0	0/6	0	0,22
errada	0	0/6	0	0,22
...
TOTAL DE APLICAÇÃO		30/1.562		
Desvio: 305.500				Média: 0,02

Fonte: A Autora.

Observa-se na Tabela 6 anterior a surpreendente atribuição de peso relativo 1,0 a um item lexical como *evangélica*, o qual apresenta taxa de aplicação de apenas 33,3%, tendo em vista que o mesmo peso relativo é atribuído aos itens *pequena* e *pequeno*, estes com frequência de aplicação de 100%. Também surpreende o fato de que itens lexicais com 0% de aplicação gerou pesos relativos de 0,22.

A presença massiva de itens invariantes faz com que aos poucos itens variantes fossem atribuídos pesos relativos muito altos. Tal situação gera resultados irreais que projetam comportamentos não verificáveis linguisticamente. Por conseguinte, quaisquer conclusões sobre resultados desse tipo são equivocadas e devem ser descartadas.

Entretanto, a constatação de que as discrepâncias encontradas no resultado gerado pelo programa estatístico decorrem do reduzido número de dados variantes e do extenso número de dados invariantes, por si só já fortalece a hipótese inicial de que a elevação sem motivação aparente para a vogal /e/ pretônica está restrita a alguns poucos vocábulos.

Ainda que o programa Rbrul seja capaz de modelar os dados na presença de nocautes positivos e negativos (diferentemente de outros programas estatísticos que processam regras variáveis), o conjunto de dados da vogal /e/ apresenta uma concentração extrema de itens lexicais invariantes (1.548 ocorrências em 1.562 ocorrências totais, ou seja, 99,1% do total) que o programa estatístico não consegue modelar, gerando diversos erros ao longo da rodada de cálculos.

Quaisquer formas com 100% ou 0% de aplicação são, por definição, invariantes e, quando muito frequentes em uma amostra, não devem ser consideradas na análise quantitativa a fim de atender ao argumento estatístico fundamental, o qual reitera que, ao cálculo de regra variável, somente formas predominantemente variantes devem ser submetidas.

Em outras palavras, o fenômeno de elevação sem motivação aparente tal como aqui se apresenta para a vogal /e/ indica que não estamos lidando com um processo variável inerente, mas sim com casos isolados em que a vogal média pretônica /e/ realiza-se como alta variavelmente. Tal hipótese, contudo, somente poderá ser totalmente corroborada ou refutada em face de uma nova coleta controlada de dados que contemple um número expressivo de ocorrências de vocábulos verdadeiramente variáveis no dialeto em questão.

A análise estatística que mescla variáveis de efeito fixo e de efeito aleatório tem como exigência fundamental a submissão de um conjunto de dados suficientemente grande para que os fatores de condicionamento sob avaliação sejam capazes de projetar o comportamento linguístico inerente ao fenômeno. Essa premissa é essencial para que os resultados apresentados possam ser interpretados como projeções dos hábitos linguísticos de uma determinada comunidade de fala.

Em face do número reduzido de ocorrências e com o intuito de investigar o fenômeno tal qual ele se apresenta na amostra Jovens Porto-Alegrenses, lançou-se mão de uma estratégia de análise na qual abdicamos do resultado estatístico. Desse modo, investigar-se-á o comportamento variável de /e/ considerando-se todas as palavras lexicais que sofreram elevação na amostra, sejam eles frequentes ou pouco frequentes.

Desse modo, o Quadro 13 a seguir relaciona os vocábulos que serão analisados neste estudo com relação à elevação sem motivação aparente da vogal /e/.

Quadro 13 - Vocábulo alçados na amostra: vogal /e/

VOCÁBULO	NÃO ELEVACÃO	ELEVACÃO	TOTAL
desavenças	0	1	1
descarado	0	1	1
destacar	0	2	2
devagar	0	2	2
emagrecer	1	1	2
evangélica	4	2	6
evangélicas	0	2	2
exagero	0	1	1
pequena	0	12	12
pequeno	0	10	10
pequenos	0	1	1
senhor	1	2	3
senhora	2	6	8
TOTAL	8	43	51

Fonte: A Autora.

A análise consistirá em apontar possíveis condicionamentos linguísticos, considerando-se simultaneamente a história individual de cada palavra e ponderando-se sobre quaisquer indícios de condicionamento social.

5.1.3.1 Altura da Vogal Precedente

Ausência de vogal precedente nem favoreceu nem desfavoreceu a elevação de /e/ nos estudos de Klunck (2007) e Cruz (2010), apresentando pesos relativos todos próximos do ponto neutro. Já na amostra aqui analisada, todos os itens lexicais que alçaram na amostra submetem-se ao fator ausência de vogal precedente.

No entanto, a identificação do mesmo contexto entre itens que invariavelmente não alçam na amostra, como ch[e]gava, f[e]deral e p[e]daço, impossibilita que se ateste a ausência de vogal precedente como um condicionador específico da elevação da vogal /e/.

Por outro lado, a aplicação irregular do alçamento fortalece a suspeita de que o processo é implementado pela via lexical atingindo algumas palavras e não outras.

5.1.3.2 Altura da Vogal Seguinte

Klunck (2007) e Cruz (2010) indicaram em seus estudos o relativo grau de favorecimento das vogais médias em posição seguinte para o alçamento de uma vogal média pretônica.

O fator vogal média apresentou peso relativo favorecedor, enquanto que a vogal baixa revelou-se inoperante no processo de elevação conforme investigação levada a cabo por Klunck (2007). Já os resultados obtidos por Cruz (2010) indicam que o fator Vogal Média favoreceu o alçamento da vogal /e/ na amostra 88-89 devido à alta frequência de itens lexicais que compartilham o radical *pequen-*, dos itens lexicais *senhor*, *senhora* e *futebol* e dos vocábulos iniciados por *des-*, sendo que a exclusão dos referidos vocábulos gerou a não seleção da variável.

Na amostra em exame, entre os vocábulos que alçaram, a vogal baixa e as vogais médias em sílaba subsequente à vogal alvo /e/ são recorrentes, especialmente entre as palavras que compartilham a sequência *des-* (*d[e]scarado*, *d[e]stacar*). Além disso, o vocábulo *senhora* também é relativamente frequente na amostra, assim como os vocábulos que derivam do radical *pequen-*.

Poder-se-ia concluir com base nos dados obtidos entre os jovens porto-alegrenses e nos resultados de Cruz (2010) que a elevação da vogal /e/ está restrita a alguns poucos itens lexicais relativamente frequentes. Assim, o processo variável de alçamento da vogal /e/ não estaria atrelado aos contextos de aplicação da variável Altura da Vogal Seguinte, mas sim aos itens lexicais.

5.1.3.3 Tipo de Sílabas

A variável Tipo de Sílabas foi selecionada como estatisticamente relevante no estudo de Klunck (2007) com o fator sílaba leve mostrando-se mais favorecedor do alçamento de /e/ do que o fator sílaba pesada. Cruz (2010), por sua vez, encontrou indícios de que a frequência de itens lexicais como *pequeno* e *pequena* estaria interferindo nos resultados obtidos, configurando a influência do léxico na variável. A amostra 1988-89 indicou a sílaba leve como mais favorecedora, enquanto que a amostra 2007-09 indicou a sílaba pesada.

Entre os jovens falantes do dialeto porto-alegrense, a tipologia de sílaba não se caracteriza como favorecedora da elevação, uma vez que tanto sílabas abertas

(p[e].que.na) quanto sílabas fechadas (d[e]s.ta.car) aparecem no grupo de palavras que alçaram na amostra (ver Quadro 13).

O comportamento favorecedor por parte de um ou outro tipo de sílaba também não é verificado entre as palavras categoricamente invariantes, como n[e].gó.cio e a.pr[e]n.der, por exemplo. Dessa forma, a variável Tipo de Sílaba enfraquece-se como uma variável condicionadora da elevação.

5.1.3.4 Posição do Alvo

Segundo Klunck (2007), o prefixo des- é quase categoricamente alçado em contextos de harmonização vocálica, como em d[e]sliga e d[e]snutrido, por exemplo. Viaro (2004) explica que historicamente o referido prefixo deriva dos prefixos variantes latinos dis- (*discernir*) e de- (*decapitar*).

Todavia, entendemos que a sequência des- que aparece nos itens lexicais *destaca*, *desavenças* e *descarado* não é prefixo, mas sim parte da raiz da palavra. Segundo Luft (1967), "para que exista prefixo reconhecível, é preciso que o radical corresponda a um vocábulo autônomo ou forma livre: *contradizer* = *contra* + *dizer*; *inverdade* = *in* + *verdade*" (p. 80). Transpondo este raciocínio para as palavras aqui analisadas, *tacar* e *avenças* não são formas livres em português, logo, *destacar* e *desavenças* não são formados por prefixação.

A forma *descarado* resulta de derivação parassintética, ou seja, há o acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo à base da palavra, sendo que *descar-* não é uma forma livre assim como *carado* também não é. Uma vez que sincronicamente a raiz é *descarad-*, acreditamos que a memória morfológica dessa palavra tenha sido perdida, isto é, des-, nesse caso específico, não é interpretado como prefixo indicativo de ausência ou negação, mas como parte da raiz da palavra.

Ainda que des- não seja prefixo nas palavras levantadas na amostra, a sequência des- sofre elevação tal como se fosse prefixo. Acreditamos que as palavras *destacar*, *desavenças* e *descarado* alçam por força do processo de analogia em uma tentativa de regularização lexical, que, por sua vez, fortalece a hipótese de que o alçamento sem motivação aparente de /e/ ocorre por força do léxico e não por conta do condicionamento fonético.

5.1.3.5 Classe Gramatical

Não há entre os itens lexicais alçados uma classe gramatical predominante quando considerados os resultados de Klunck (2007) e Cruz (2010). Klunck (2007) aponta que o alçamento de /e/ ocorre em palavras isoladas, mas mais recorrentemente entre substantivos. Essa não é, todavia, a realidade dos dados obtidos entre os informantes jovens porto-alegrenses, pois o alçamento atingiu tanto substantivos (*senhor, senhora*), quanto adjetivos (*descarado, pequeno*, entre outros) e verbos (*emagrecer, destacar*) de forma difusa.

Quanto aos dados analisados, a classe dos adjetivos foi aquela que mais alçou, com frequência de aplicação de 88,2%, seguido da classe dos substantivos (76,9%) e dos verbos (75%).

5.1.3.6 Nasalidade

O fator vogal nasal apresentou elevado índice de favorecimento à elevação da vogal /e/ no estudo de Klunck (2007). Cruz (2010) corroborou esse resultado nos dados da amostra 1988-89. Contudo, a frequência de determinados itens lexicais interferiu nos resultados obtidos, uma vez que houve concentração de vocábulos como *senhora*, por exemplo, na amostra 88-89. Na amostra 2007-09, por outro lado, o fator vogal oral revelou-se mais favorecedor do que o fator vogal nasal para a elevação.

O presente estudou buscou avaliar qual o papel da nasalidade quando esta pertence à mesma sílaba da vogal alvo, à sílaba seguinte ou, ainda, quando não faz parte da ocorrência. Contudo, tal avaliação não foi possível uma vez que todos os itens alçados que apresentavam nasalidade tinham-nas recorrentemente em sílaba seguinte (*emagrecer, senhor e senhora*).

Salienta-se, todavia, que em relação ao conjunto de ocorrências das palavras mais frequentes na amostra³⁵, todos os itens lexicais que apresentaram nasalidade em sílaba seguinte, a saber, *Alemanha, alemão, matemática e semana*, são categoricamente invariantes.

³⁵ Cf. Quadro 11 Seção 5.2.2.

Sabe-se que coarticulação de uma vogal média pretônica com uma consoante nasal pode ocasionar a elevação da referida vogal média que a precede em razão da elevação do palato mole e a movimentação da língua em direção a um ponto mais alto do trato oral. Acredita-se que um contexto fonético natural, nos termos de Oliveira (1991)³⁶, tal como o apresentado, pode facilitar a elevação de uma vogal pretônica, sem que ocorra a aplicação simultânea da elevação em todas as palavras que compartilham o referido contexto. Daí itens lexicais como *senhor* e *senhora* elevarem-se variavelmente.

A nasalidade apresenta, portanto, mais um indício de que por mérito exclusivo do condicionamento fonético não é possível justificar os casos de elevação encontrados na amostra. Consequentemente, vislumbra-se mais uma evidência de que o léxico tem papel primário no processo variável de alçamento sem motivação aparente de /e/, gerando determinadas formas alçadas que tomam partido de um contexto fonético natural – uma consoante nasal seguinte, por exemplo – para fixarem-se.

5.1.3.7 Contexto Precedente

Segundo Klunck (2007), o fator consoante labial precedente mostra-se relevante à aplicação da regra para a vogal /e/, assim como o fator coronal. Entretanto, os resultados foram mascarados pela ocorrência frequente dos itens *sinhor* e *sinhora*. Ao eliminar itens lexicais muito frequentes, Cruz (2010) não encontrou grau de favorecimento à elevação por parte da variável contexto precedente.

Na amostra aqui analisada, com o alçamento de /e/ a consoante coronal /d/ sofre palatalização, passando à consoante africada [dʒ]. Conforme já explicitado³⁷, a sequência des- alterna-se com dis- historicamente e, ao que parece, também sofre o efeito de analogia com palavras que apresentam a referida sequência diante de vogal alta em sílaba subsequente (*desnutrido*, *desmentir*).

Além disso, a consoante labial precedente aparentemente não é favorecedora da aplicação variável de /e/ pretônico. Fundamentalmente, o alçamento concentra-se nas formas *pequena* e *pequeno* enquanto que os demais itens lexicais que

³⁶ Cf. Seção 3.2

³⁷ Cf. Seção 3.1, Capítulo 3.

apresentam consoantes labiais antecedendo a vogal média (*federal, verão e metade*) são itens categoricamente invariantes na amostra.

Observa-se que os vocábulos *exagero, emagrecer, evangélicas* e *evangélica* juntos alçaram 6 ocorrências em 11 ocorrências totais e estão todos rotulados sob o fator Ausência de Contexto Precedente, o qual poderia ser considerado favorecedor da elevação aparente, não fosse o fato de que os itens lexicais *errado, errada, eletrônica* e *exemplo* somam 63 ocorrências categoricamente invariantes na amostra. A elevação parece, de fato, estar restrita a alguns poucos itens lexicais no que diz respeito à vogal /e/.

Embora o alçamento na ausência de contexto precedente seja verificado historicamente (*ecclesĩa > igreja*), a ausência de segmento na posição de ataque silábico não se revela significativa para a implementação sincrônica da elevação de /e/ pretônico em português. Na verdade, observa-se que a alternância atinge algumas palavras que apresentam o referido contexto e não outras com o mesmo potencial de aplicação.

Ao que tudo indica, não estamos tratando da implementação de uma regra, mas sim do processo difuso de alçamento através do léxico. Mais uma vez, a constatação de que o alçamento atinge itens lexicais isoladamente corrobora a noção de que a elevação sem motivação aparente resulta de seleção lexical.

5.1.3.8 Contexto Seguinte

No estudo de Klunck (2007), o fator palatal nasal mostrou-se favorecedor à elevação de /e/. Contudo, 31 ocorrências de um total de 34 ocorrências referem-se às palavras *sinhor, sinhora* e *sinhorita*, o que significa que tal condicionamento não se verifica. O fator dorsal também revelou-se condicionador, porém atrelado às ocorrências frequentes de *pequeno* e *pequena*.

Segundo Cruz (2010), os altos índices de elevação das palatais e dorsais não expressam o papel de favorecimento do fator à elevação de /e/, pois a maior parte das ocorrências refere-se a itens específicos que ocorrem com frequência na amostra: para o fator palatal, 30 de 33 ocorrências referem-se ao vocábulo *senhora*; para o fator dorsal, 40 das 41 ocorrências envolvem o radical *pequen-*.

O suposto grau de favorecimento das consoantes seguinte dorsal (*pe[k]eno*) e palatal nasal (*se[n]or*), apontado como significativo nos trabalhos de Klunck (2007) e

Cruz (2010), decorre da frequência de algumas palavras na amostra. O mesmo pode ser dito em face dos dados aqui analisados, pois *senhor*, *senhora* e *pequeno*, *pequena* são alguns dos itens lexicais mais recorrentes na amostra, conforme apresentado no Quadro 10.

Além disso, na amostra coletada em 2004, consoantes labiais, coronais e dorsais ocorrem em posição seguinte à vogal /e/ pretônica alçada, assim como são recorrentes entre palavras que não alçaram (*Alemanha*, *desenhar*, *pecado*).

Ainda sobre o papel de uma consoante labial seguinte (*emagrecer*, *evangélica*) para o alçamento de /e/. Em termos articulatórios, uma consoante labial favorece a anteriorização de uma vogal, mas não a elevação, e, portanto, não há razões para atribuir à consoante labial o papel condicionador para o alçamento verificado em /e/.

5.1.3.9 Atonicidade

Bisol (1981) chamou a atenção para o papel altamente favorecedor da atonicidade para a elevação de /e/ nos casos de harmonização vocálica. Tal fato também é verificado nos itens lexicais que alçaram sem motivação aparente na amostra Jovens Porto-Alegrenses, pois as palavras apresentadas no Quadro 12 se mantêm átonas ao longo de toda derivação, o que parece propiciar a variação.

É interessante salientar que, no caso sob análise, a vogal pretônica alça não por força de um contexto fonético favorecedor, mas por força de contextos prosódicos favorecedores. Assim, o processo de alçamento estaria atrelado ao sistema acentual do português. Os casos de neutralização verificados na pauta postônica e pretônica do português fortalecem a hipótese de que o ambiente átono propicia a aplicação de processos variáveis.

Contudo, para que o contexto prosódico fosse apontado como condicionador específico da elevação sem motivação aparente da vogal /e/ pretônica, seria necessário incluir a variável Atonicidade à rodada de cálculos e esta ser selecionada como estatisticamente significativa para a aplicação variável do alçamento. Tal procedimento, contudo, não foi viabilizado neste estudo em relação à vogal /e/ devido ao número muito reduzido de ocorrências alçadas.

5.1.3.10 Distância entre a Vogal Alvo e a Sílabas Tônicas

O grau de proximidade a que se encontra a vogal média da sílaba tônica não parece favorecer ou desfavorecer a elevação das palavras indicadas no Quadro 12, uma vez que [e].ma.gre.cer está a duas sílabas de distância da sílaba tônica, [e].xa.ge.ro está a um sílaba e p[e].que.no é seguida imediatamente pela sílaba tônica. Não há, portanto, um padrão predominante que sistematize a aplicação da elevação entre as palavras que alçaram no dialeto porto-alegrense.

Além disso, Distância da Sílaba Tônica caracteriza-se como uma variável prosódica. Em razão da suspeita já levantada sobre a variável Atonicidade, a investigação sobre o sistema acentual do português em amostras que apresentem mais dados de aplicação poderá contribuir para o melhor entendimento do processo de elevação variável das vogais médias pretônicas.

5.1.3.11 Vocábulo

Os itens lexicais *pequena* e *pequeno* alçam categoricamente entre os jovens porto-alegrenses. Chama-se atenção para o fato de que esses vocábulos derivam do Latim Vulgar Hispânico *peccuīnu* que deriva, por sua vez, do latim vulgar *pittīnu* (CUNHA, 1986).

Segundo Castilho (2006), entre os anos 600 e 1000 d.C. falou-se na Europa variedades de latim resultantes da dialetação do Latim Vulgar. Na região geográfica onde hoje se encontram Portugal e Espanha, o Latim Vulgar Hispânico foi a variedade que se desenvolveu. Durante esse período, a região foi invadida por diversos povos bárbaros, entre eles os germânicos. O autor explica que

"(...) com a invasão germânica formou-se um sentimento nacional e entre os séculos VI e IX o Latim Vulgar Hispânico, matizado pelos germanismos, começou a dialetar-se nos diversos Romances de que surgiram a partir do século X as línguas românicas ibéricas. (...) a invasão germânica não conseguiu extinguir o Latim da Península Ibérica, pelo contrário, acelerou as mudanças de que resultariam o Galego, o Português e o Espanhol, reforçando a latinidade nesta parte da Europa" (CASTILHO, 2006, p. 19).

O Latim Vulgar Hispânico é, portanto, o estágio intermediário entre o latim vulgar e o galego-português, ou seja, é a variedade que deu origem, posteriormente, à forma *pequeno*. Concluí-se, assim, que a forma mais antiga *pittīnu* do latim vulgar,

com vogal alta, não coexistiu com a forma *pequeno* do galego-português. Sob a ótica da Teoria da Variação³⁸, duas formas coexistem e da competição entre elas uma forma pode sair vencedora. Assim, ao que tudo indica, *peccuīnu* e *pequeno* coexistiram durante algum momento e da competição entre as duas formas *pequeno* saiu vencedora. Daí o seu registro no português corrente.

Ainda que a vogal alta tenha sido uma realidade em latim vulgar e uma vogal alta apareça em sílaba subsequente tanto em latim vulgar quanto em latim hispânico, a elevação da vogal /e/ pretônica em *pequeno* entre os jovens porto-alegrense parece ser um processo variável que ocorre por força de seleção lexical e não por condicionamento fonético, uma vez que os falantes conhecem apenas a realidade sincrônica da língua que falam.

Tal hipótese é reforçada pelo fato de que as raízes de origem latina *senhor-*, *destac-*, *evangel-*, *desavenç-*, *exager-*, *emagrec-* e *pens-* alçaram na amostra aqui analisada apesar de não contarem com o precedente de uma forma latina com vogal alta da qual supostamente poderiam recuperar essa informação.

À semelhança do que fez Viegas (2001)³⁹, elencamos as palavras que alçaram na amostra com suas respectivas raízes latinas no Quadro 14 a seguir.

Quadro 14 - Raízes latinas das palavras alçadas na amostra: vogal /e/

LATIM	PORTUGUÊS
<i>pittīnu</i> , seguido da forma <i>peccuīnu</i> (latim hispânico)	pequen-
<i>seniōre</i> seguido de <i>senhor</i> no séc. XIII (galego-português)	senhor-
<i>destaccāre</i>	destacar-
<i>evangelīcus</i> (latim eclesiástico)	evangel-
<i>adventīa</i>	desavenç-
<i>exaggerāre</i>	exager-
<i>emacrescēre</i> , seguido de <i>emagrecer</i> no séc. XIII (galego-português)	emagrec-
<i>pensāre</i>	pens-

Fonte: Adaptado de Cunha (1986)

Em face da constatação de que diacronicamente não há justificativa para a elevação sem motivação aparente da vogal /e/ pretônica nas palavras extraídas da amostra, considera-se o léxico como responsável pela implementação das formas alternantes em uso.

³⁸ Cf. Seção 2.3, Capítulo 2.

³⁹ Cf. Seção 3.1, Capítulo 3.

A hipótese de que formas variantes são implementadas pelo léxico é fortalecida pela impossibilidade de deprendermos um contexto fonético específico que condicione a elevação da vogal /e/ pretônica.

A noção de que as formas alçadas seriam a representação pós-lexical de formas subjacentes não alçadas implica em aceitar que a forma subjacente sofre os efeitos de uma regra fonológica que faz com que estas palavras venham à superfície com a vogal pretônica alçada. Fosse esse o caso, teríamos uma taxa de aplicação da elevação sem motivação aparente significativa e sistemática.

Assim, as formas variantes com que nos deparamos podem ser entendidas como inovações que podem cristalizarem-se em uma determinada variedade. Por conseguinte, se a implementação de uma forma variante cabe ao léxico e não à aplicação de uma regra fonética e/ou prosódica, uma determinada alternância pode não regularizar-se, atingindo algumas formas e não outras.

Os processos analógicos são apontados pela teoria difusionista como facilitadores da implementação de variação linguística. Daí os difusionistas apostarem que a variação é implementada pelo léxico (condicionador primário) aproveitando-se, ocasionalmente, de contextos fonéticos propícios (condicionadores secundários) (OLIVEIRA, 1992, 1995). A propagação do alçamento é mediada pelo léxico, ocorrendo gradualmente entre palavras assemelhadas por força da analogia. Nesse estágio, um contexto fonético favorecedor tende a facilitar a fixação da forma alçada.

Caberia a pergunta sobre qual o mecanismo que vem sendo empregado pelos falantes na escolha entre uma e outra forma variante nos casos de elevação sem motivação aparente da vogal /e/. A sociolinguística variacionista tem muito a dizer a esse respeito, pois sua premissa básica é de que a opção por uma forma variante não é aleatória, mas sim condicionada pelo uso social das formas alternantes, o qual condiz com normas de avaliação compartilhadas por um grupo de falantes⁴⁰. Tal relação aparece nos dados levantados por este estudo através das formas variantes [i]nvangélica ~ [i]vangélica que atuam como formas linguísticas marcadoras de diferenças sociais⁴¹.

⁴⁰ Cf. Seção 2.3.1, Capítulo 2.

⁴¹ Devido ao reduzido número de ocorrências na amostra, não foi possível estabelecer se a diferenciação social que decorre dos referidos vocábulos é de caráter socioeconômico ou educacional.

Já que não se depreendeu de nenhuma variável linguística e/ou social (conforme será visto na sequência) considerada um fator específico atestadamente condicionante da elevação sem motivação aparente da vogal /e/, a lógica difusionista é aquela que melhor dá conta do processo variável tal qual ele se apresenta na amostra aqui estudada. Ao que tudo indica, item lexical ou palavra é o construto linguístico que reúne em si as propriedades necessárias para a implementação variável do alçamento de /e/ pretônico.

5.1.3.12 Paradigma

A partir do levantamento por radical, buscaram-se argumentos que corroborassem a hipótese de que a elevação sem motivação aparente se propaga palavra por palavra e de que os radicais seriam o principal meio no qual essa propagação ocorre.

Registraram-se entre os radicais mais frequentes na amostra 36 ocorrências da vogal alvo em sua forma alçada. Reproduziu-se a seguir a relação dos radicais mais frequentes na amostra Jovens Porto Alegrenses.

Quadro 15 - Paradigmas alçados na amostra: vogal /e/

PARADIGMA	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
pequen-	0	23	23
evangel-	4	4	8
senhor-	3	8	11
pens-	53	1	54
TOTAL	60	36	96

Fonte: A Autora.

Os alçamentos concentraram-se em quatro radicais, a saber, *evangel-*, *pens-*, *pequen-* e *senhor-*. Entretanto, o alçamento categórico do radical *pequen-* e a baixíssima aplicação do processo variável em *pens-* reduziu a relação de radicais variáveis a apenas dois paradigmas variantes. O radical *pens-* registrou um único alçamento em 54 ocorrências totais. A depreensão do grau de favorecimento desse

radical fica, portanto, prejudicada, tendo em vista o modo como os dados apresentam-se.

Mais uma vez o cálculo de regressão logística foi inviabilizado à semelhança do que ocorreu na análise a partir dos vocábulos. A análise resumiu-se, portanto, à investigação qualitativa dos paradigmas variáveis obtidos na amostra.

Sob o radical *pequen-* tem-se as formas *pequeno*, *pequena* e *pequenos* que alçaram categoricamente dando margem à previsão de que se um vocábulo como *pequenas* tivesse ocorrido na amostra, a tendência entre os falantes seria na direção de produzi-lo em sua forma alçada.

A taxa de aplicação da elevação no radical *senhor-* (*senhor* e *senhora*) foi de cerca de 75%, sugerindo que se os itens lexicais *senhores* e *senhoras* tivessem ocorrido na amostra a probabilidade de aplicação da elevação nos referidos vocábulos seria de 3 em cada 4 ocorrências. Essa inferência, contudo, fica prejudicada em face de uma descoberta significativa.

Duas das três ocorrências do vocábulo *senhor* foram realizadas por um mesmo informante que, curiosamente, alça a vogal /e/ somente uma das vezes. Verifica-se com isso que além da variação no grupo também há variação no indivíduo. A variação intra-indivíduo será considerada à luz da Teoria de Exemplares, a ser apresentada ao final deste capítulo.

A observação detida do radical *evangel-*, constituído por 8 ocorrências totais, revela que um mesmo falante (Informante Q) é responsável pelas 4 formas alçadas registradas. As demais ocorrências foram produzidas por outros dois informantes, P. e R. Por conseguinte, não podemos afirmar categoricamente que o radical *evangel-* é favorecedor da elevação, pois os índices obtidos pontuam o papel individual de um informante específico.

Chamamos a atenção para o fato de que os informantes P. e Q., apesar de serem amigos e frequentarem o mesmo culto religioso, apresentam um comportamento oposto: P nunca alça, enquanto Q sempre alça, considerando-se os dados capturados pelas gravações.

Sob o viés da Teoria da Variação, esperava-se encontrar um comportamento homogêneo entre P. e Q., tendo em vista que ambos frequentam a mesma igreja e o uso do radical *evangel-* restringe-se na maioria das vezes a esse espaço. Os referidos informantes teoricamente fazem parte de uma mesma comunidade de fala,

daí a expectativa de que fizessem o mesmo uso da vogal /e/ no radical *evangel-* refletindo, assim, o padrão sociolinguístico do grupo.

Por fim, a constatação de que os itens lexicais *senhora* e *evangélica* alçam, assim como alçam as palavras derivadas *senhor* e *evangélicas*, é um indício de que o alçamento variável atinge principalmente itens lexicais que compartilham o mesmo radical. Ao que tudo indica, o alçamento variável propaga-se através dos radicais sobretudo por força da analogia, em uma tentativa de alcançar a regularização lexical.

A relação paradigmática entre os itens lexicais alçados na amostra configura, portanto, mais um indício de que o alçamento sem motivação aparente de /e/ é um processo incipiente de variação linguística que atua predominantemente no nível lexical.

Acreditamos, ainda, que a frequência de uso favoreça a fixação de uma forma variante no léxico. Para tanto, buscamos uma correlação entre os radicais alçados na amostra e a sua frequência no *corpus* Brasileiro disponibilizado por Berber Sardinha. Tal *corpus* constitui o maior acervo da variedade brasileira de língua portuguesa, com mais de 1 bilhão de ocorrências e cerca de 870 milhões de palavras.

As frequências de uso dos radicais de palavras lexicais que alçaram na amostra Jovens Porto-Alegrenses estão relacionadas no Quadro 16 a seguir.

Quadro 16 - Frequência de uso no *corpus* Brasileiro: vogal /e/

RADICAL	Nº DE OCORRÊNCIAS POR MILHÃO ⁴²
desavenç-	1,5
descarad-	0,3
destac-	142,3
devagar	3,1
emagrecer	1,7
evangel-	9,2
exager-	5,9
pequen-	265,1
senhor-	228,5

Fonte: Adaptado de Berber Sardinha (2012).

⁴² Acesso em 29/11/2013.

Palavras e radicais são considerados frequentes em uma língua se apresentam pelo menos 30 ocorrências por milhão de palavras. Tal índice foi estipulado a partir do *corpus* da língua inglesa produzido pela Brown University em 1964.

Entre os radicais alçados na amostra Jovens Porto-Alegrenses, apenas os radicais *destac-*, *pequen-* e *senhor-* são frequentes no *corpus* consultado. Coincidentemente, dois desses três radicais alçam categoricamente, a saber, *destac-* (142,3 ocorrências por milhão) e *pequen-* (265,1 ocorrências por milhão), enquanto que o radical *senhor-* (228,5 ocorrências por milhão) alça na amostra com uma frequência relativamente alta de 72%.

Ao que parece, os radicais que mais tendem a alçar na amostra também são radicais frequentes no *corpus* analisado. Tem-se, assim, um indício de que a seleção lexical parece favorecer-se da alta frequência com que determinados radicais são usados para fixar-se na língua.

5.1.3.13 Sexo

Na análise por itens lexicais variantes, a correlação entre sexo e elevação da vogal /e/ pretônica não é verificada nos dados disponíveis, tendo em vista que as mulheres alçaram 21 dados e os homens 22 em um total de 51 ocorrências.

Os pesos relativos pouco favorecedores obtidos nos estudos de Klunck (2007) e de Cruz (2010) são indicativos de que a aplicação do processo variável não é destacadamente favorecida por um determinado sexo.

5.1.3.14 Faixa etária

Em relação ao comportamento linguístico predominante por faixa etária, o grupo adolescente alçou 33 dados, enquanto que o grupo adulto jovem alçou apenas 10. Esse valor está distorcido, tendo em vista que os dois grupos são constituídos por um número desigual de informantes, o primeiro com 12 informantes, o último com 5.

A variável Idade não foi selecionada pelo programa estatístico no estudo levado a cabo por Klunck (2010), mas foi selecionada no estudo de Cruz (2010), indicando leve favorecimento por parte do grupo idoso, o qual apresentou taxa de

frequência de aplicação da elevação de 10,2% (N = 754). Todavia, não é possível estabelecer comparações entre o estudo aqui realizado e o estudo levado a cabo por Cruz (2010) no sentido de que cada um explora a variável Idade através de faixas etárias distintas.

5.1.3.15 Escolaridade

A distribuição por células sociais revela que a amostra é composta por 8 informantes que integralizaram apenas a Educação Básica e por 9 informantes que, uma vez egressos do Ensino Médio, prosseguiram nos estudos, realizando curso pré-vestibular ou curso profissionalizante.

A computação dos dados da vogal /e/ explicitou que os informantes que cursaram somente a Educação Básica alçaram 17 ocorrências, enquanto que os informantes com mais anos de escolarização alçaram 26 ocorrências.

Quando comparados os resultados para os informantes com Ensino Fundamental e com Ensino Médio, Klunck (2007) encontrou um comportamento levemente favorecedor por parte dos informantes com Ensino Fundamental. A análise estatística realizada por Cruz (2010), por sua vez, não selecionou a variável Escolaridade como relevante para o alçamento da vogal /e/ pretônica.

Ainda que a estratificação por escolaridade utilizada em cada estudo seja diferente, esperava-se que os informantes mais escolarizados fizessem menor uso da forma alçada, uma vez que a maior exposição à língua escrita poderia determinar a preferência pelas formas consagradas pela ortografia. Tal comportamento, entretanto, não foi confirmado entre os jovens porto-alegrenses.

Nossa suspeita, baseada nos pressupostos da Teoria de Exemplos⁴³, é de que os falantes percebem e abstraem as diferentes produções de uma mesma forma linguística (em termos de detalhamento fonético e informação social indexada) em seu léxico mental, mas ativam apenas uma dessas formas na produção. No caso aqui verificado, a opção do informante pela forma elevada não parece ser condicionada pela maior ou menor exposição à cultura letrada, mas à ativação da forma variante mais recorrente em sua variedade linguística.

⁴³ Cf. Seção 2.4, Capítulo 2.

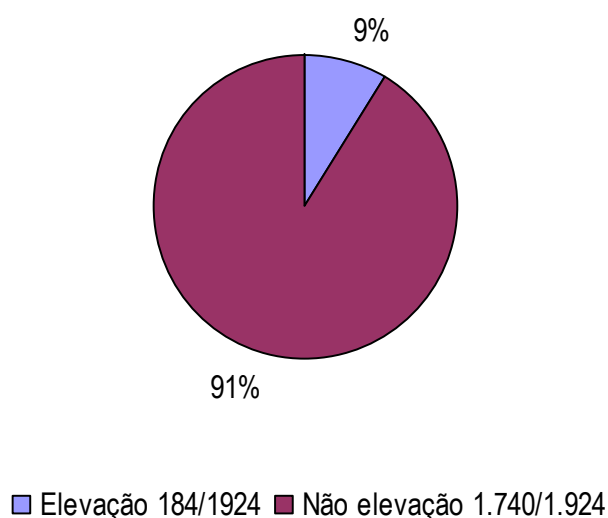
5.2 Vogal /o/

Nesta seção trataremos das frequências de aplicação da elevação da vogal /o/, dos procedimentos estatísticos e da análise linguística desenvolvida a partir dos resultados obtidos.

5.2.1 Frequência global de aplicação

A frequência de aplicação global da elevação sem motivação aparente de /o/, consideradas as palavras lexicais e funcionais, foi de 9% na amostra, conforme apresentado no Gráfico 6 a seguir.

Gráfico 6 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras lexicais e funcionais: vogal /o/

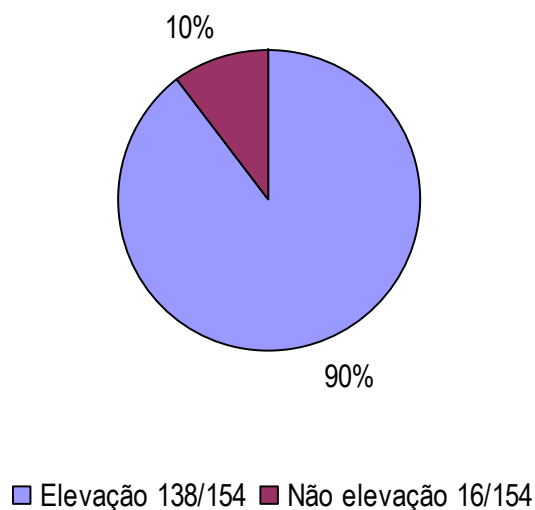


Fonte: A Autora.

Conforme pode-se observar no gráfico anterior, de um total de 1.924 ocorrências, a vogal /o/ apresentou frequência global de aplicação do alçamento sem motivação aparente de 9% (184 ocorrências), enquanto que 91% (1.740 ocorrências) não sofreram elevação.

A frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente de /o/ entre as palavras funcionais foi de 90%, conforme apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 7 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras funcionais:
vogal /o/



Fonte: A Autora.

As ocorrências extraídas de palavras funcionais correspondem a 8% do total de ocorrências elencadas para a vogal /o/. O Quadro 17 a seguir reproduz a relação de palavras funcionais levantadas:

Quadro 17 - Palavras funcionais: vogal /o/

PALAVRA	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
conforme	1	0	1
porém	2	0	2
porque	13	138	151
TOTAL	16	138	154

Fonte: A Autora.

O Quadro 17 informa que das três palavras funcionais levantadas na amostra, apenas uma sofre o alçamento variável da vogal /o/ pretônica, a saber, a conjunção *porque*. À semelhança do que ocorreu com as palavras funcionais que alçaram para a vogal /e/, o alçamento atinge a vogal /o/ átona de um clítico, aqui, *por*.

A frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente de /o/ entre as palavras lexicais foi de 3%, conforme apresentado no Gráfico 8 a seguir.

Gráfico 8 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente entre palavras lexicais: vogal /o/

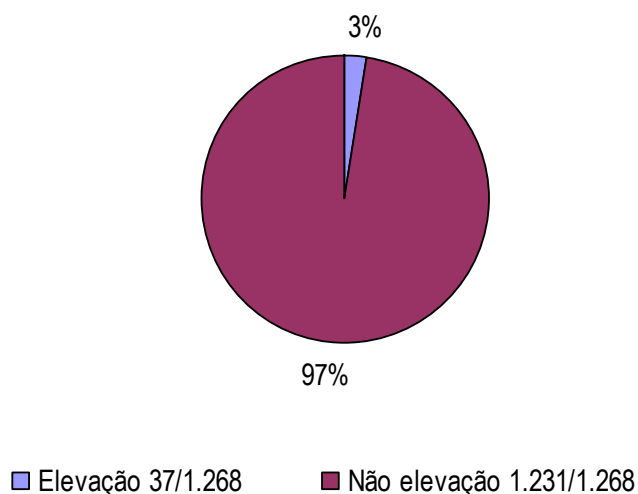


Fonte: A Autora.

As ocorrências extraídas de palavras lexicais correspondem a 92% do total de ocorrências elencadas para a vogal /o/.

Somente as ocorrências em palavras lexicais frequentes nas amostras foram tratadas estatisticamente. Assim, a vogal /o/ apresentou frequência de aplicação do alçamento sem motivação aparente entre as palavras lexicais frequentes de 3% (N = 1.268), como se pode observar no Gráfico 9 abaixo.

Gráfico 9 - Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente em palavras lexicais mais frequentes: vogal /o/

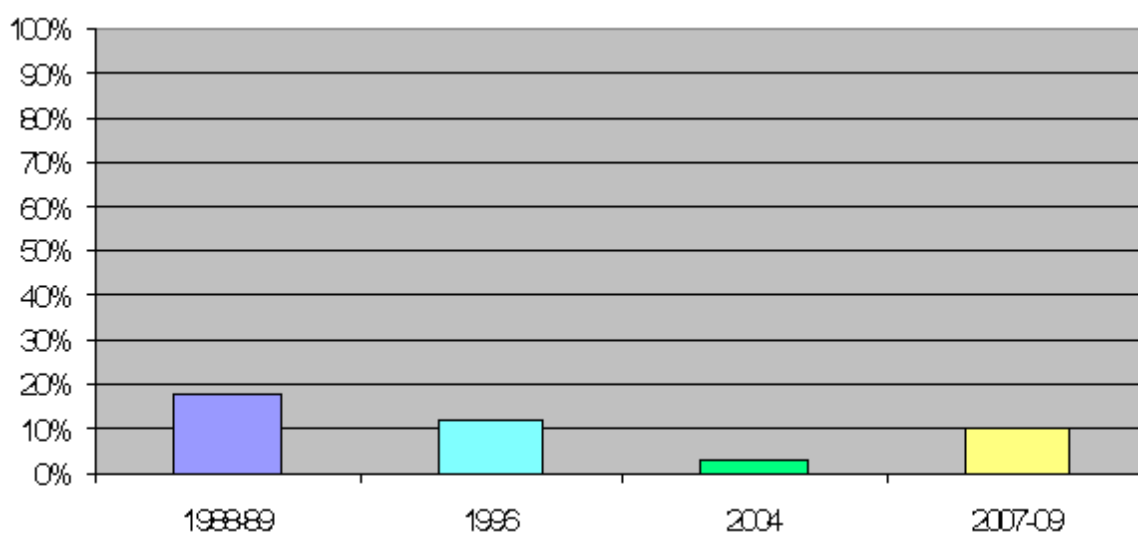


Fonte: A Autora.

A baixa taxa de aplicação da elevação sem motivação aparente para a vogal /o/ era esperada na amostra Jovens Porto-Alegrenses, à semelhança do que ocorreu nas amostras analisadas por Klunck (2007) e Cruz (2010).

O gráfico a seguir relaciona as taxas de aplicação da elevação sem motivação aparente obtidas pelos estudos citados, bem como relaciona a taxa de aplicação expressa no Gráfico 10 anterior.

Gráfico 10 - Frequência de aplicação nas amostras coletadas em Porto Alegre em 1988-89, 1996, 2004 e 2007-09: vogal /o/



Fonte: A Autora.

A amostra coletada em 1988-89 apresentou taxa de aplicação de 17,8% (N = 2.083), enquanto que a amostra coletada em 1996 indicou 12% (N = 2.229). A amostra Jovens Porto-Alegrenses apontou taxa de 3% (N = 1.268) e a amostra mais recente, de 10% (N = 3.243).

Os índices apresentados servem apenas como um referencial de comparação, tendo em vista que diferentes critérios metodológicos foram utilizados por cada estudo. Todavia, o comparativo confirma entre os jovens porto-alegrenses a tendência à baixa aplicação da elevação sem motivação aparente da vogal /o/ encontrada nos demais grupos etários.

5.2.2 Procedimentos estatísticos

Tendo em vista a baixa taxa de aplicação da elevação sem motivação aparente verificada para a vogal /o/, realizou-se o cruzamento entre a variável Vocábulo e a variável dependente com o intuito de antecipar possíveis dificuldades metodológicas em relação ao grau de variabilidade da amostra. O Quadro 18 a seguir reproduz o referido cruzamento.

Quadro 18 - Cruzamento entre variável Vocábulo e variável dependente: vogal /o/

VOCÁBULO	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
acontece	17	0	17
acontecendo	9	0	9
adolescência	6	0	6
adolescente	10	0	10
aproveita	7	0	7
aproveitar	18	0	18
botar	8	0	8
botei	5	0	5
botou	6	0	6
chorar	5	0	5
colega	15	0	15
colegas	18	0	18
colégio	113	1	114
colocar	10	0	10
começa	11	3	14
começando	5	0	5
começar	32	2	34
começaram	5	0	5
comecei	57	2	59
começo	18	1	19
começou	12	0	12
comédia	11	0	11
comendo	0	5	5
comer	13	16	29
comparar	5	0	5
completamente	7	0	7
comprar	11	0	11
conceito	5	0	5
concordo	4	2	6
concorrer	6	0	6
conhece	6	0	6
conhecendo	5	0	5
conhecer	34	0	34
conheço	10	0	10

VOCÁBULO	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
consegue	11	0	11
conselho	5	0	5
contar	6	0	6
contato	10	0	10
controlar	6	0	6
conversa	6	1	7
conversando	17	3	20
conversar	21	0	21
conversava	6	0	6
coragem	5	0	5
correndo	7	0	7
correr	5	0	5
gostando	7	0	7
gostar	11	0	11
gostava	34	0	34
gostei	50	0	50
horário	6	0	6
horários	6	0	6
jogando	6	0	6
jogar	18	0	18
jogava	7	0	7
jornal	16	0	16
melhorar	6	0	6
momento	9	0	9
morava	7	0	7
namorado	17	0	17
namorando	8	0	8
namorar	6	0	6
noção	9	0	9
normal	23	0	23
normalmente	7	0	7
novela	15	0	15
olhava	6	0	6
poder	15	1	16
problema	56	0	56
problemas	41	0	41
professor	43	0	43
professora	25	0	25
professoras	6	0	6
professores	61	0	61
programa	19	0	19
programação	6	0	6
provavelmente	5	0	5
resolver	6	0	6
rodei	5	0	5
romance	5	0	5

VOCÁBULO	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
tocar	9	0	9
totalmente	12	0	12
vocação	14	0	14
vontade	20	0	20
TOTAL	1.231	37	1.268

Fonte: A Autora.

O cruzamento revela que, das 84 palavras levantadas, 75 são palavras invariantes (1.064 ocorrências). Salienta-se que o vocábulo *comendo* apresentou elevação categórica (5 alçamentos em 5 ocorrências) e, por isso mesmo, é considerado invariante. Além disso, o item lexical *colégio* apresentou uma única ocorrência elevada em um total de 114 ocorrências, o que aponta para a sua pouca variabilidade.

Por conseguinte, identificaram-se apenas 9 palavras variantes no conjunto de dados de /o/, a saber, *comer*, *concordo*, *começa*, *conversando*, *conversa*, *poder*, *começo*, *começar* e *comecei*, os quais somaram 204 ocorrências totais e 31 alçamentos.

O cruzamento entre a variável Paradigma e a variável dependente, reproduzido no Quadro 19 a seguir, também tornou explícito o caráter predominantemente invariante da amostra Jovens Porto-Alegrenses em relação à vogal /o/.

Quadro 19 - Cruzamento entre variável Paradigma e variável dependente: vogal /o/

PARADIGMA	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
acontec	31	0	31
adolesc	19	0	19
ador	6	0	6
aproveit	41	0	41
bot	23	0	23
chor	8	0	8
coleg	148	1	149
coloc	32	0	32
com	15	21	36
começ	144	9	153
comed	11	0	11
comemor	16	0	16
compar	7	0	7
compr	16	0	16

PARADIGMA	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
conceit	8	0	8
concentr	5	0	5
concord	4	2	6
concorr	8	0	8
conhec	63	0	63
conseg	15	0	15
conselh	5	0	5
cont	7	0	7
contat	10	0	10
contrat	5	0	5
control	7	0	7
convers	61	5	66
coorden	6	0	6
corag	5	0	5
corr	12	0	12
form	9	0	9
gost	105	0	105
govern	3	2	5
hora	12	0	12
horr	5	0	5
jog	43	0	43
jornal	16	0	16
melhor	10	0	10
moment	9	0	9
mor	11	0	11
morr	8	0	8
namor	35	0	35
noç	9	0	9
norm	25	0	25
novel	16	0	16
olh	17	0	17
personag	5	0	5
pod	19	1	20
problem	97	0	97
profess	135	0	135
program	31	0	31
projet	7	0	7
resolv	10	0	10
rod	10	0	10
romanc	5	0	5
roub	4	0	4
roup	1	0	1
toc	13	0	13
tom	13	0	13
troc	5	0	5
vocac	14	0	14

PARADIGMA	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
volt	15	0	15
vontad	20	0	20
TOTAL	1.475	41	1.516

Fonte: A Autora.

O conjunto de dados elencado para a análise por paradigma derivacional é constituído por 62 paradigmas sendo que, destes, 56 são paradigmas invariantes (1.268 ocorrências totais). Chama-se atenção para o paradigma *coleg-* que, com 1 alçamento em 149 ocorrências, não pode ser tratado como paradigma variante. Assim, levantaram-se apenas 6 paradigmas variantes, os quais totalizaram 248 ocorrências.

Procedeu-se a uma rodada geral que considerou todas as ocorrências em palavras lexicais mais frequentes na amostra.

A pouca ortogonalidade verificada entre as variáveis Posição do Alvo, Altura da Vogal Precedente, Altura da Vogal Seguinte, Contexto Precedente e Contexto Seguinte e variável dependente impediu que as mesmas fossem incluídas na rodada, que considerou apenas as variáveis relacionadas a seguir:

- Tipo de Sílabas;
- Nasalidade;
- Atonicidade;
- Distância da Sílabas Tônicas (amalgamados os fatores Distância 1 e Dist. 2);
- Sexo;
- Faixa Etária;
- Escolaridade;
- Vocábulo (variável aleatória).

As variáveis Vocábulo, Escolaridade e Faixa Etária foram selecionadas como estatisticamente significativas para a elevação de /o/ nos níveis *step-up* e *step-down*, conforme os resultados apresentados a seguir.

Tabela 7 - Elevação da vogal /o/: Vocábulo - rodada geral

VOCÁBULO	INTERCEPTS	APLICAÇÃO	%	PESO RELATIVO
comendo	12.943	5/5	100	1,0
comer	9.608	16/29	55,2	1,0
concordo	9.225	2/6	33,3	1,0
começa	7.991	3/14	21,4	0,999
conversa	7.982	1/7	14,3	0,999
conversando	7.687	3/20	15	0,999
começar	6.937	2/34	5,9	0,997
começo	6.619	1/19	5,3	0,996
poder	6.564	1/16	6,2	0,996
comecei	5.701	2/59	3,4	0,991
colégio	4.496	1/114	0,9	0,971
chorar	-0.003	0/5	0	0,273
rodei	-0.004	0/5	0	0,273
começando	-0.010	0/5	0	0,271
correr	-0.010	0/5	0	0,271
jogando	-0.011	0/6	0	0,271
conversava	-0.013	0/6	0	0,271
...
TOTAL DE APLICAÇÃO		37/1.268		
Desvio: 196.648		Graus de liberdade: 4		Média: 0,029

Fonte: A Autora.

Os resultados indicados pela rodada geral revelaram-se problemáticos. A atribuição de peso relativo 0,996 ao vocábulo *poder*, que alçou somente uma vez em 16 ocorrências totais, somente se justifica pela inclusão de inúmeros vocábulos invariantes no cálculo. A alta concentração de itens lexicais cuja taxa de aplicação é 0% interfere no cálculo de peso relativo realizado pelo programa estatístico, atribuindo pesos muito altos às poucas palavras que alçam mesmo que estas apresentem frequência baixa de elevação (*começa* 21,4%; *conversando* 15%; *conversa*, 14,3%).

Ao comparar a forma *comendo*, alçada categoricamente, com as formas *comer* e *concordo* observamos outro problema. Embora o primeiro item lexical apresente taxa de elevação de 100%, o segundo apresente 55% e o terceiro 33,3%, essas três frequências de aplicação muito distintas registraram o mesmo peso

relativo. A atribuição de peso relativo 1 para vocábulos que não alçam categoricamente ou quase categoricamente somente ocorre por efeito de um número muito reduzido de itens lexicais variantes que, quando comparados com uma grande concentração de itens que não alçam, exprimem um grau de favorecimento à elevação inverossímil.

Uma vez que o conjunto de dados analisado constitui uma amostra predominantemente invariante, conclui-se que os resultados obtidos para Escolaridade e Faixa Etária também estão comprometidos. Os resultados quantitativos obtidos nesta rodada devem, portanto, ser descartados.

Em face da impossibilidade de obter-se uma rodada de cálculos válida a partir de todos os dados elencados para /o/, realizou-se uma nova rodada apenas com os dados referentes às palavras variantes na amostra. A relação dos vocábulos variantes aparece no Quadro 20 a seguir.

Quadro 20 - Vocábulos variantes: vogal /o/

VOCÁBULO	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
comer	13	16	29
concordo	4	2	6
começa	11	3	14
conversando	17	3	20
conversa	6	1	7
poder	15	1	16
começo	18	1	19
começar	32	2	34
comecei	57	2	59
TOTAL	173	31	204

Fonte: A Autora.

Novos cruzamentos foram feitos e relações pouco ortogonais foram encontradas entre a variável dependente e as variáveis Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Altura da Vogal Precedente, Atonicidade e Posição do Alvo. Assim, apenas as variáveis relacionadas a seguir foram analisadas na rodada de cálculos:

- Altura da Vogal Seguinte;
- Tipo de Sílabas;

- Nasalidade;
- Distância da Sílabas Tônicas;
- Sexo;
- Faixa etária;
- Escolaridade;
- Vocábulo.

No nível *step-up*, o programa estatístico selecionou as variáveis Vocábulo, Faixa Etária e Sexo como estaticamente significantes para a elevação de /o/. Já a seleção proposta pelo nível *step-down* indicou Vocábulo, Distância da Sílabas Tônicas, Faixa Etária, Altura da Vogal Seguinte, Sexo e Nasalidade como variáveis relevantes para o alçamento.

Segundo as orientações disponíveis aos usuários do programa Rbrul⁴⁴, quando os dois níveis de análise coincidem têm-se a melhor modelagem dos dados. Por outro lado, quando não há correspondência, algumas medidas devem ser tomadas. Deve-se averiguar, primeiramente, se alguma variável interage com outra variável e, se assim o for, deve-se rodá-las em iterações diferentes. Esse não foi, entretanto, o caso dos dados que estamos analisando.

Na realidade, observou-se a concentração significativa de ocorrências alçadas produzidas por um mesmo informante, fato que ocasionou resultados divergentes obtidos por um e outro nível de análise. Descreveremos esse fato na seção dedicada à discussão dos resultados obtidos pelas variáveis sociais Sexo e Idade⁴⁵.

Antes, trataremos dos resultados obtidos na rodada.

5.2.3 Discussão dos resultados

5.2.3.1 Vocábulo

Reproduzimos abaixo o resultado obtido pela variável Vocábulo na rodada.

⁴⁴ Disponível em http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul_manual.html

⁴⁵ Cf. Seções 5.2.3.2 e 5.2.3.3, Capítulo 5.

Tabela 8 - Elevação da vogal /o/: Vocábulo - 1ª rodada

VOCÁBULO	INTERCEPTS	APLICAÇÃO	%	PESO RELATIVO
comer	1.790	16/29	55,2	0,848
concordo	0.436	2/6	33,3	0,590
começa	0.246	3/14	21,4	0,544
conversa	0.176	1/7	14,2	0,526
conversando	0.058	3/20	15	0,497
começo	-0.290	1/19	5,3	0,411
poder	-0.307	1/16	6,2	0,407
começar	-0,502	2/34	5,9	0,361
comecei	-0.973	2/59	3,4	0,260
TOTAL DE APLICAÇÃO		31/204		
Desvio: 139.494		Graus de liberdade: 4		Média: 0,15

Fonte: A Autora.

Os itens lexicais *comer*, *concordo*, *começa*, *conversa* e *conversando* apresentaram *intercepts* positivos, ou seja, são vocábulos estatisticamente favorecedores da aplicação da elevação ainda que em diferentes graus. Os vocábulos *começo*, *poder*, *começar* e *comecei*, por outro lado, apresentaram *intercepts* negativos os quais são indicativos do grau desfavorecedor dessas palavras à aplicação do fenômeno variável analisado.

A análise por pesos relativos revela que a palavra *comer* é aquela que mais favorece o alçamento. A palavra *concordo*, por sua vez, apresenta leve favorecimento à aplicação da regra. Já os vocábulos *começa*, *conversa* e *conversando* estão muito próximos do ponto neutro, não necessariamente favorecendo ou desfavorecendo a elevação. Os itens lexicais *poder*, *começar* e *comecei*, por fim, são desfavorecedores da elevação.

Entre os jovens porto-alegrenses, o uso da forma *comer* em sua forma alçada (13 ocorrências) co-ocorre com a forma não alçada (16 ocorrências) havendo leve preferência pela última. No entanto, a forma derivada *comendo* é alçada categoricamente. A tendência à regularização à favor da forma alçada é evidenciada pelo peso alto (0,848) apresentado pelo vocábulo *comer*.

O item lexical *concordo* alça na amostra com uma frequência relativamente baixa (33%). Entretanto, a sequência c[o]N- é recorrente entre outros dados que

alçam (*conversa, conversando*). O prefixo coN- é herdado do latim vulgar (*concordar > concordāre; conversar > conversāre*) e preferido pelos falantes da amostra em detrimento da forma c[u]N-. Ainda assim, *concordo* apresenta uma tendência levemente mais alta à elevação (peso relativo 0,590) do que as formas *conversa* e *conversando* (0,526 e 0,497, respectivamente).

Também proveniente do latim, *começa* (*começar > cominitiāre*) apresenta em sua forma mais arcaica uma vogal alta em sílaba subsequente à vogal /o/. Conforme já explicitado sobre a vogal /e/, acredita-se que os contextos fonéticos possam ter papel secundário na elevação das vogais médias pretônicas. Assim, não acreditamos que uma alternância sonora tal como *começa* ~ *cumeça* resulte de um contexto fonético condicionador recuperado pela história da língua.

Os diferentes graus de favorecimento obtidos pelas palavras derivadas do radical *começ-* (0,544 atribuído à forma *começa*, 0,411 para *começo*, 0,361 para *começar* e 0,260 para *comecei*) estão em plena consonância com os preceitos da teoria difusionista, pois observa-se nitidamente que a variação atinge alguns itens lexicais específicos e não atinge outros, ainda que muito assemelhados: os itens lexicais *começam, começa, começo, começar* e *comecei* alçaram na amostra com diferentes taxas de frequência, enquanto que *começando, começaram, começasse* e *começou* não alçaram.

Por fim, levantou-se uma única ocorrência alçada do vocábulo *poder* (do latim vulgar *potēre*), forma preterida entre os falantes da amostra, com taxa de aplicação de 6% e peso relativo de 0,407.

Observa-se entre os vocábulos alçados na amostra que os contextos consoante dorsal precedente ([k]_oncordo, [k]_onversando, [k]_onversa) e consoante nasal seguinte (co[m]endo, co[m]versa, co[n]jecer) são muito recorrentes, o que dificulta avaliar se tais contextos possuem papel na aplicação do processo variável.

Entre os vocábulos que não alçaram na amostra⁴⁶ não foi possível depreender um padrão de regularização fonética, isto é, não se extraiu nenhum contexto fonético específico que pudesse estar inibindo a elevação de /o/. Pelo contrário, observou-se que o item *começando*, teoricamente um vocábulo com potencial de alçamento, tendo em vista que possui consoante dorsal em contexto

⁴⁶ Cf. Apêndice B

precedente e consoante nasal em contexto seguinte, não alça, ainda que suas formas derivadas *começa*, *começar*, *começo* e *comecei* alcem.

Têm-se, assim, uma evidência de que o alçamento variável de /o/ na ausência de uma vogal alta subsequente não é efeito de condicionadores fonéticos. Ao que tudo indica, a variação se propaga pelos itens lexicais aos moldes da teoria difusionista atingindo algumas palavras e não outras. Isso significa que o alçamento ocorre independentemente do ambiente fonético/fonológico por efeito de seleção lexical.

Se o papel dos contextos fonéticos fosse significativo para a aplicação do alçamento, acredita-se que o tratamento estatístico tornaria esse fato evidente através da seleção de pelo menos uma variável linguística contextual. No entanto, ainda que o resultado estatístico obtido através do programa computacional não seja conclusivo (tendo em vista o tamanho reduzido da amostra), a seleção da variável *Vocábulo*, somada ao *status* não favorecedor das variáveis contextuais à elevação, por si só sugere que o mecanismo de variação atuante na elevação da vogal /o/ é de natureza predominantemente lexical.

5.2.3.2 Idade

A variável *Idade* foi analisada sob duas perspectivas, a saber, como variável preditiva e como variável contínua. Primeiramente, seguem os resultados obtidos para *Faixa Etária*, definição atribuída à variável *Idade* quando considerados os fatores *Adolescente* e *Adulto Jovem*.

Tabela 9 - Elevação da vogal /o/: Faixa Etária - 1ª rodada

FAIXA ETÁRIA	LOGODDS	APLICAÇÃO	%	PESO RELATIVO
Adolescente	0.797	27/143	18,9	0,689
Adulto jovem	-0.797	4/61	6,6	0,311
TOTAL DE APLICAÇÃO		31/204		
Desvio: 139.494	Graus de liberdade: 4		Média: 0,15	p = 0.014

Fonte: A Autora.

Faixa etária foi a primeira variável selecionada pelo programa estatístico como favorecedora da elevação da vogal /o/ depois da variável Vocabulo.

O grupo Adolescente apresentou peso relativo de 0,689, favorecendo a elevação, enquanto que o grupo Adulto Jovem obteve 0,311, desfavorecendo a aplicação variável, o que indica diminuição da frequência de elevação de /o/ pretônico após o período de adolescência.

Embora ressalvas devam ser feitas no sentido de que o grupo adolescente é mais numeroso do que o grupo adulto (o primeiro com 12 informantes, o segundo com 5), o coeficiente *logodds* negativo obtido na rodada em que Idade foi considerada uma variável contínua informa, através da correlação negativa (-0.253), que, com o aumento da idade, há diminuição da frequência de aplicação da elevação da vogal /o/ pretônica, confirmando, assim, o resultado apresentado pela análise conduzida a partir da variável preditiva.

A variável Idade não foi selecionada como estatisticamente relevante no trabalho de Klunck (2007), porém Cruz (2010) identificou na amostra 1988-89 que os informantes entre 36 e 50 anos favoreciam mais a elevação de /o/ quando comparados aos demais informantes contemplados pela amostra. Segundo o autor, o comportamento da vogal /o/ revela indícios de variação estável, pois a faixa etária intermediária produz mais alçamentos do que os jovens e os idosos. No entanto, as faixas etárias investigadas pelo autor não contemplam as idades dos informantes que constituem a amostra aqui analisada, impedindo quaisquer comparações.

A variável Faixa Etária/Idade será retomada na seção seguinte, quando os resultados serão revistos.

5.2.3.3 Sexo

A variável Sexo foi a segunda variável selecionada pelo programa estatístico. Os resultados são apresentados na Tabela 10 seguinte.

Tabela 10 - Elevação da vogal /o/: Sexo - 1ª rodada

SEXO	LOGODDS	APLICAÇÃO	%	PESO RELATIVO
Feminino	0.530	20/86	23,3	0,629
Masculino	-0.530	11/118	9,3	0,371
TOTAL DE APLICAÇÃO		31/204		
Desvio: 139.494	Graus de liberdade: 4	Média: 0,15		p = 0.0245

Fonte: A Autora.

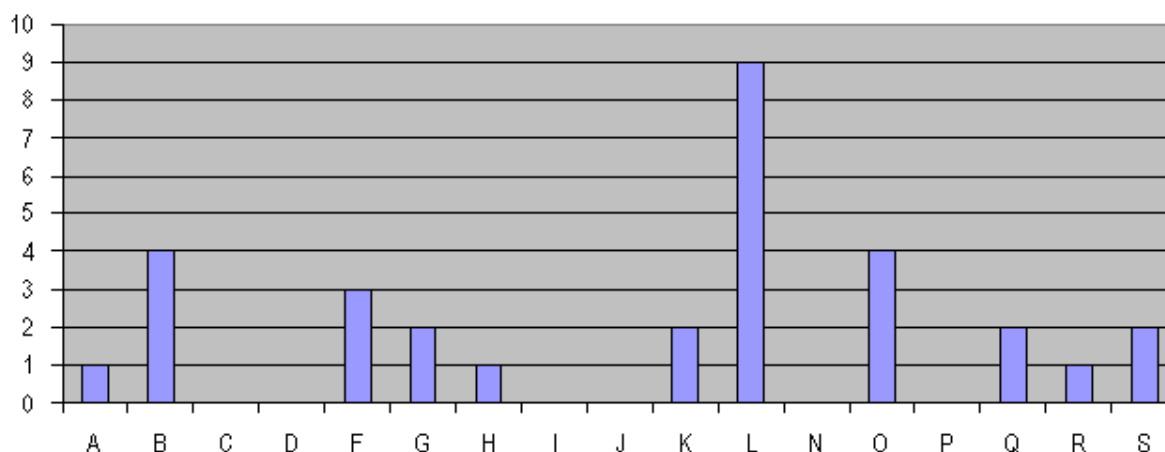
O grau de favorecimento da elevação de /o/ entre as mulheres da amostra Jovens Porto-Alegrenses foi de 0,629. Já os homens apresentaram peso relativo de 0,371, indicativo de desfavorecimento da elevação. Tal resultado evidencia, portanto, tendência maior por parte das mulheres em alçar a vogal posterior em posição pretônica.

O comportamento oposto foi verificado no estudo levado a cabo por Klunck (2007). Seus resultados indicaram que os homens tendiam a alçar mais a vogal /o/ do que as mulheres. Cruz (2010), por sua vez, constatou um comportamento muito parecido entre homens e mulheres na amostra 2007-09, com os pesos relativos de ambos os sexos próximos do ponto neutro.

A fim de corroborar ou não o resultado apontado para Sexo na amostra Jovens Porto-Alegrenses, tornou-se necessária a verificação da variável de controle Informantes. A observação dos resultados com base na análise por informante revela que 6 dos 17 informantes entrevistados não apresentaram nenhuma ocorrência alçada. Além disso, verificou-se que L., 19 anos, informante do sexo feminino, foi aquela que concentrou o maior número de alçamentos (9 dados) na amostra. Seu comportamento destoa dos demais informantes em razão de sua taxa de aplicação ser quase quatro vezes maior do que a taxa de aplicação média dos demais informantes que alçaram a vogal /o/.

Apresentamos no Gráfico 11 a seguir o comparativo entre o número de ocorrências elevadas por cada um dos informantes da amostra.

Gráfico 11 - Número de ocorrências alçadas por Informante: vogal /o/



Fonte: A Autora.

Ao que tudo indica, o comportamento da informante L. é responsável pela seleção da variável extralinguística Sexo como estatisticamente significativa para a elevação de /o/ pretônico. Para confirmar tal suspeita, uma nova rodada foi realizada a partir da exclusão dos dados da informante L.

Conforme esperado, a nova rodada selecionou apenas a variável Vocábulo como estatisticamente significativa para a elevação sem motivação aparente de /o/. Além de refutar os resultados apresentados para Sexo, tal resultado revela que a seleção da variável Faixa Etária, apresentada na seção anterior, também deu-se em virtude da concentração de ocorrências alçadas constatada, e não propriamente pelo papel da variável. Desse modo, conclui-se que, a elevação sem motivação aparente da vogal /o/ pretônica não é sensível à valoração social, resultado em conformidade com os pressupostos difusionistas⁴⁷.

Em relação ao papel conjunto das variáveis Sexo e Idade na amostra Jovens Porto-Alegrenses, não se observa o papel diferenciado por Labov (2001)⁴⁸ entre mulheres adolescentes e homens adolescentes, já que o comportamento linguístico observado neste estudo diz respeito apenas a uma única informante adolescente.

Labov (2001) afirma que os picos de uso das formas inovadoras ocorrem entre as mulheres adolescentes em decorrência de incrementos que ocorrem desde a aquisição da língua básica, passando pela reestruturação vernacular e culminando na estabilização do vernáculo ao final da adolescência.

⁴⁷ Cf. Seção 2.2, Capítulo 2.

⁴⁸ Cf. Seção 2.3.1, Capítulo 2.

Partindo do pressuposto difusionista de que os alçamentos atingem palavras e não sons, acreditamos que a plasticidade do léxico, a qual perdura além da idade de aquisição de regras fonológicas, garante a implementação de um processo variável tal como a elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas. Assim sendo, podemos propor a hipótese de que a frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente de /o/ não se estabiliza com a cristalização do vernáculo ao final da adolescência. Em outras palavras, poder-se-ia supor que a frequência de aplicação do processo variável sob análise independe da idade dos falantes, prosseguindo ao longo da vida.

Reproduzimos abaixo o resultado obtido para a variável Vocábulo após a exclusão das ocorrências produzidas pela informante L.

Tabela 11 - Elevação da vogal /o/: Vocábulo - 2ª rodada

VOCÁBULO	INTERCEPTS	APLICAÇÃO	%	PESO RELATIVO
comer	2.706	15/28	53,6	0,926
concordo	1.459	2/6	33,3	0,783
poder	0.028	1/16	6,2	0,464
conversando	-0.014	1/17	5,9	0,453
começo	-0.055	1/18	5,6	0,443
começar	-0.471	1/32	3,1	0,344
conversa	-0.474	0/6	0	0,344
começa	-0.699	0/11	0	0,295
comecei	-0.917	1/58	1,7	0,251
TOTAL DE APLICAÇÃO		22/192		
Desvio: 106.223		Graus de liberdade: 2		Média: 0,115

Fonte: A Autora.

Observamos que os itens lexicais *comer* e *concordo* são favorecedores da elevação de /o/ apresentando pesos relativos acima de 0,75. Já os vocábulos *poder*, *conversando* e *começo* não favorecem assim como não desfavorecem a aplicação variável do alçamento, pois ficaram muito próximos do ponto neutro. Por fim, os vocábulos *começar*, *conversa*, *começa* e *comecei* são relativamente desfavorecedores da elevação da vogal /o/ pretônica.

Os resultados obtidos para a variável Vocábulo diferem na primeira e segunda iterações no sentido de que o grau de favorecimento obtido por alguns itens lexicais na primeira iteração são falseados, pois são produto do papel individual da informante L. Esse é o caso dos vocábulos *começa* e *conversa*, por exemplo, cujas ocorrências alçadas são todas produzidas por L.

A conclusão é que, entre as variáveis linguísticas e sociais consideradas, a variável Vocábulo é de fato aquela que estatisticamente se mostra favorecedora da elevação da vogal /o/, sendo que alguns itens lexicais específicos são os responsáveis pela variação tal como observada entre os jovens porto-alegrenses.

Diante do fato de que uma determinada informante foi responsável por uma parcela considerável da variação verificada no grupo, pode-se instigar uma breve discussão sobre o papel individual dos falantes para a aplicação de fenômenos variáveis verificados no grupo.

Segundo Gomes e Paiva (2002), a variação no grupo e no indivíduo é um tópico central para os estudos linguísticos. Nas palavras das próprias autoras, "o problema a resolver é: a sistematicidade da variação observada no uso linguístico se reflete na fala de cada indivíduo ou resulta da co-existência de diferentes gramáticas?" (p. 124).

A sociolinguística variacionista apregoa que os padrões de variação são inerentes à língua e se legitimam no uso ao associarem-se a determinados grupos sociais, os quais podem se segmentar por sexo, etnia, ocupação profissional, classe social, etc. Isso significa que o sistema delimita as variantes possíveis de antemão e que cada forma variante é adotada por um grupo mais ou menos homogêneo.

A Teoria de Exemplos, por sua vez, entende que as formas variantes são armazenadas no léxico mental dos indivíduos na medida em que experienciam diferentes ocorrências de uma mesma forma.

Amostras muito reduzidas dificultam a apreensão de padrões de variação presentes no grupo e no indivíduo. Tal é o caso da amostra Jovens Porto-Alegrenses. Acreditamos, contudo, que os alçamentos de /o/ verificados na fala dos informantes da amostra decorrem de condicionadores linguísticos específicos que, no caso da elevação sem motivação aparente, parecem ser de cunho lexical.

5.2.3.4 Paradigma

O papel primário do léxico na elevação da vogal /o/ é reforçado pelo fato de que é possível reconhecer semelhanças no eixo paradigmático entre os itens lexicais que alçaram, como, por exemplo, nos vocábulos *comendo*, *comer*, *conversando*, *conversa*, *começa*, *começar*, *começo* e *comecei*.

Essa concentração de determinados radicais tornou relevante a averiguação da relação paradigmática entre os vocábulos da amostra. Foi proposta, assim, uma nova rodada na qual se considerou a variável Paradigma e os dados levantados em relação aos radicais mais frequentes na amostra.

No entanto, a exemplo do que ocorreu na rodada geral com a variável Vocábulo, a natureza predominantemente invariante da amostra impediu que o programa estatístico modelasse os dados adequadamente, produzindo resultados distorcidos.

Em face da natureza predominantemente invariante da amostra, realizou-se uma nova rodada apenas com os radicais variantes abaixo relacionados.

Quadro 21 - Radicais variantes: vogal /o/

PARADIGMA	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
com	15	21	36
começ	144	9	153
concord	4	2	6
convers	61	5	66
govern	3	2	5
pod	19	1	20
TOTAL	246	40	286

Fonte: A Autora.

As variáveis independentes listadas a seguir foram consideradas na referida rodada por serem ortogonais ou quase ortogonais em relação à variável dependente:

- Sexo;
- Faixa etária;
- Escolaridade;

- Tipo de Sílabas;
- Nasalidade;
- Paradigma.

O programa estatístico selecionou apenas Paradigma como estatisticamente significativo para o alçamento de /o/. Tal resultado é apresentado na tabela a seguir.

Tabela 12 - Elevação da vogal /o/: Paradigma

PARADIGMA	INTERCEPTS	APLICAÇÃO	%	PESO RELATIVO
com	1.796	21/36	58,3	0,850
govern	0.746	2/5	40	0,664
concord	0.588	2/6	33,3	0,628
convers	-0.795	5/66	7,6	0,298
pod	-0.860	1/20	5	0,284
começ	-1.093	9/153	5,9	0,239
TOTAL DE APLICAÇÃO		40/286		
Desvio: 191.068		Graus de liberdade: 2		Média: 0,14

Fonte: A Autora.

Os radicais *com-*, *govern-* e *concord-* apresentaram coeficiente *intercepts* positivo. Em outras palavras, esses radicais favorecem a elevação de /o/. O peso relativo 0,850 assevera o fato de que o radical *com-* é altamente favorecedor da elevação de /o/. Para o radical *govern-* obteve-se o peso relativo 0,664, também favorecedor. O radical *concord-* também revelou um comportamento levemente favorecedor.

Os paradigmas derivacionais *convers-*, *pod-* e *começ-*, por sua vez, mostraram-se desfavorecedores à aplicação do processo variável.

Ao comparar os radicais investigados por Klunck (2007), os investigados por Cruz (2010) e aqueles extraídos das entrevistas com os jovens porto-alegrenses, constatou-se que os radicais *começ-* e *com-* são comuns e frequentes nas três amostras. Em relação à amostra aqui investigada, o radical *convers-* também é recorrente.

Observou-se a predominância de formas derivadas desses verbos entre os alçamentos elencados. Além disso, constatou-se que a aplicação do fenômeno

variável não é categórica pela via paradigmática, ou seja, nem todas as palavras derivadas de um radical altamente favorecedor sofrerão o alçamento, assim como nem todas as palavras derivadas de um radical desfavorecedor ficarão intocadas pelo processo.

O radical *com-*, por exemplo, tem peso relativo alto (0,850) sendo que *comendo* alça categoricamente, enquanto que *comer* alça com uma frequência de apenas 55,2%. O radical *começ-*, por sua vez, apresentou peso relativo desfavorecedor (0,239), sendo que os itens lexicais *começam*, *começa*, *começo*, *começar* e *comecei* alçam na amostra com diferentes taxas de frequência, enquanto que *começando*, *começaram*, *começasse* e *começou* não alçam.

Essa análise reforça o argumento de que o alçamento ocorre em itens específicos e que sua propagação pelo léxico tende a ocorrer paradigmaticamente através de radicais em comum. Já a irregularidade de aplicação da elevação através dos radicais assevera a noção de que o alçamento não decorre fundamentalmente de condicionamento fonético, mas, ao que parece, por efeito de seleção lexical.

Apresentamos no Quadro 22 a seguir as formas alçadas e as suas respectivas raízes latinas.

Quadro 22 - Raízes latinas das palavras alçadas na amostra: vogal /o/

LATIM	PORTUGUÊS
comedēre	c[o]mer
concordāre	c[o]ncordar
conitiāre	c[o]meçar
conversāre	c[o]nversar
potēre	p[o]der
focum	f[o]gueira
gubernāre	g[o]vernar
nonna, monna	b[o]neca
plovēre	ch[o]ver
admordēre	alm[o]çar

Fonte: Adaptado de Cunha (1986)

Historicamente, o prefixo *c[u]m-* alternava-se com *c[o]m-*. Segundo Khedi (2002), a preposição latina *cum* (companhia) passou a ser utilizada pelo latim hispânico como prefixo em *cum+edēre* para diferenciar as conjugações dos verbos *edere* (*edo*, *edis*, *edit*) e *esse* (*edo*, *es*, *est*), dando origem à forma *comedere*. Ao que parece, a alternância *com-* ~ *cum-* verificada em dados do português corrente

reflete um estado de variância estável que se estende há séculos. Assim, não é possível afirmar que *com-* é a forma conservadora e que *cum-* é a forma inovadora ou vice-versa.

Conforme o dicionário etimológico de Cunha (1986), a etimologia das palavras *poder*, *fogueira*, *boneca*, *chover* e *almoçar*⁴⁹ remete à raízes latinas que também apresentavam vogal média. Já a forma *governar* apresenta vogal alta etimológica.

Entre os falantes porto-alegrenses é possível constatar de oitiva a alta frequência de elevação do radical *govern-* através das formas *g[u]verno*, *g[u]vernador*, *g[u]vernadora*, etc. Por outro lado, o verbo *governar* e suas conjugações não é produzido na forma alçada com recorrência. Tal constatação empírica, contudo, não pode ser comprovada pelos dados que dispomos tendo em vista que se levantaram poucas ocorrências sob o referido radical. *Govern-* alça em 40% dos dados, conforme indica a Tabela 12 anterior, sendo que se extraíram da amostra apenas 3 dados da forma *governo* (1 alçamento) e 2 dados do item lexical *governos* (1 alçamento).

Governar deriva do latim *gubernāre*, no entanto, conforme já argumentado, ainda que uma determinada forma apresente contextos fonéticos propícios à elevação (uma consoante dorsal em contexto precedente e um consoante labial em contexto seguinte, neste caso), acreditamos que esse condicionamento não é decisivo para a implementação do processo variável.

A forma moderna *governar* parece ser resultado de critérios de seleção lexical que possuem papel primário e que atuam de forma sincrônica. A forma alternante *g[u]vernar* decorreria do ambiente fonético favorecedor que potencializa o alçamento da vogal média. No entanto, essa interferência é secundária, não configurando o gatilho do processo, daí algumas palavras com altíssimo potencial de elevação não sofrerem o processo variável, preservando-se (caso de *começando*, *começaram*, *começou*, por exemplo).

Em consonância com Oliveira (1992, 1995), a seleção lexical parece estar intimamente relacionada com a enunciação, isto é, com o momento da fala, seu contexto e registro, bem como com a frequência com que um determinado item lexical é utilizado.

⁴⁹ As palavras *fogueira*, *boneca*, *chover* e *almoçar* alçaram na amostra, mas não foram analisadas estatisticamente, pois tais palavras não atenderam aos critérios de seleção de ocorrências em razão de sua baixa frequência da amostra.

Parece-nos que a questão da frequência é um dos critérios de maior peso no processo de seleção lexical. Para averiguar tal hipótese, apresentamos a seguir os índices de frequência obtidos no *corpus* Brasileiro para os radicais variáveis mais frequentes na amostra considerando-se a vogal /o/:

Quadro 23 - Frequência no *corpus* Brasileiro: vogal /o/

RADICAL	Nº DE OCORRÊNCIAS POR MILHÃO ⁵⁰
com-	39,3
concordo	45,9
começ-	57,4
convers-	33,6
poder-	2.269

Fonte: Adaptado de Berber Sardinha (2012)

Os dados do Quadro 23 evidenciam que todos os radicais variáveis frequentes na amostra também são frequentes na língua. Esse fato é relevante para a melhor compreensão do mecanismo de seleção lexical que aparentemente rege o processo variável. Os dados da amostra Jovens Porto-Alegrenses indicam que a maior frequência de uso de determinados radicais coincide com a maior frequência de aplicação do alçamento na amostra. Assim, se a decisão sobre quais formas podem elevar-se cabe ao léxico, possivelmente a frequência de uso atua como um dos critérios de seleção considerados.

5.3 Elevação sem motivação aparente das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas: considerações à luz da Teoria de Exemplos

Acredita-se que os pressupostos da Teoria de Exemplos⁵¹ possam contribuir para o estudo sobre o processo variável de elevação sem motivação aparente das vogais /e/ e /o/ pretônicas no sentido de que o modelo é condizente com a realidade de aplicação variável observada nos dados elencados.

Considerando-se o estudo aqui proposto, inferimos que, na medida em que as formas alçadas das vogais médias pretônicas são utilizadas recorrentemente pelos

⁵⁰ Acesso em 29/11/2013.

⁵¹ Cf. Seção 2.4, Capítulo 2.

usuários da língua, o falante/ouvinte altera sua representação mental para aquela palavra e a forma variante passa a ganhar espaço.

Assim, poderíamos propor que as formas *pequeno* e *pequena*, alçadas categoricamente na amostra, assim se cristalizaram no léxico dos jovens porto-alegrenses considerados porque o exemplar alçado é recorrente no seu grupo social. Porque as formas variantes coexistem dentro da nuvem e não revelam diferenciação social, a forma inovadora *piqueno* não é percebida como destoante da forma conservadora *pequeno* em termos semânticos, sintáticos e morfológicos.

O mesmo ocorre em termos de percepção, pois as duas formas variantes são reconhecidas, processadas e interpretadas como exemplares de uma mesma nuvem ou categoria. Daí os indivíduos darem conta da variação existente em sua língua, pois as diferentes produções estão registradas no espaço paramétrico da nuvem e são recuperadas pelo falante no uso social da língua.

Em relação às variantes [e]magrecer ~ [i]magrecer, ambas coexistem na amostra Jovens Porto-Alegrenses como dois exemplares dentro de uma mesma nuvem. Isso porque os demais critérios gramaticais são idênticos, ou seja, há paralelismo entre algumas dimensões dos referidos exemplares, o semântico, por exemplo. Aparentemente não há diferenciação social entre uma forma e outra. Assim, os dois exemplares diferem apenas quanto a sua realização fonética. Por conseguinte, a escolha entre a forma [e]magrecer ou [i]magrecer em termos de produção recai sobre a variante mais frequente na variedade ao qual o falante encontra-se imerso.

A variação b[o]rracha ~ b[u]rracha, por exemplo, não é verificada na variedade falada pelos informantes da amostra Jovens Porto-Alegrenses. Por isso, ao depararem-se com a forma inovadora *elevada*, tendo todos os outros componentes gramaticais sido atendidos, os informantes processarão normalmente a variante *elevada* e a reconhecerão como palavra bem formada em sua língua. O processamento resulta, portanto, da computação da informação já internalizada pelo falante com a informação nova que o *input* fornece.

Ao mapear os exemplares armazenados em seu léxico mental, o falante perceberá que a vogal alta que aparece em b[u]rracha não fere nenhuma relação gramatical conhecida. Esse conhecimento provém da análise contínua entre exemplares e nuvens de exemplares presentes no léxico mental dos falantes.

A verificação da ausência da variante b[u]rracha no léxico mental de falantes do dialeto porto-alegrense gera a informação de que tal variante pode fazer parte de outra variedade dialetal. Assim, uma possível adoção da forma b[u]rracha entre os porto-alegrenses pode vir a vincular-se socialmente a um determinado grupo. Se essa possibilidade se concretizar no uso linguístico, a informação social atribuída a cada variante/exemplar será internalizada pelos falantes expostos a ela sob o escopo da nuvem de exemplares.

No que concerne a variação fonológica, uma única forma variante pode vir a fixar-se (p[i]quena e c[u]mendo, por exemplo) ou, ainda, as duas formas variantes podem coexistir de maneira estável (s[e]nhor ~ s[i]nhor e g[o]verno ~ g[u]verno). No caso específico dos jovens aqui analisados, seus hábitos linguísticos capturados pela amostra revelam que p[i]queno e p[i]quena são as formas ativadas no léxico mental desses informantes. Já os vocábulos s[e]nhora e s[i]nhora, por sua vez, encontram-se ambos ativados no léxico de alguns falantes.

Em relação ao comportamento variável da vogal /e/ pretônica, foi apresentado na Seção 5.2 que a variação é verificada no grupo assim como no indivíduo. O vocábulo *senhor* apareceu em três ocorrências totais sendo que duas delas foram produzidas pelo mesmo informante. O fato de que esse informante alçou um dado e não alçou o outro conduz a uma discussão sobre o papel do indivíduo que não é foco da teoria variacionista laboviana.

Segundo a metodologia de trabalho de cunho variacionista, as formas variantes resultam de restrições impostas pelo sistema e são adotadas por grupos sociais homogêneos em termos de idade, sexo, etnia, ocupação, etc., permitindo que o comportamento linguístico explicita relações constantes e profundas de ordem identitária. Em outras palavras, os diferentes padrões variacionais emergem de uma gramática única sob a qual condicionadores linguísticos e sociais atuam. Assim definida, a Teoria da Variação dá conta de explicitar as alternâncias verificadas no grupo, mas não no indivíduo.

Labov (1994) identifica que há indivíduos líderes que produzem formas inovadoras e levam a mudança sonora adiante. Diante do quadro em que duas ou mais formas competidoras coexistem, contudo, as escolhas linguísticas dos líderes e sua influência sobre outros indivíduos faz com que uma determinada variante se propague por entre o grupo liderado. Nesse sentido, mais uma vez o papel dos indivíduos líderes acaba se diluindo no comportamento generalizado do grupo.

A Teoria de Exemplos, por sua vez, entende que os falantes internalizam diferentes gramáticas a partir das associações que emergem da análise das representações múltiplas dos exemplos internalizados. A variação intra-indivíduo pode ser explicada, portanto, pelo caráter dinâmico do exemplo.

Ao computar as diferenças e semelhanças entre os componentes gramaticais que constituem os exemplos *s[e]nhor* e *s[i]nhor*, um falante identificará que a produção fonética de um e outro exemplo é possível em sua língua sem alterar em qualquer grau a informação linguística e social circunscrita a eles. Assim, se a frequência não recair categoricamente sobre uma forma variante específica, as duas permanecem ativas em seu léxico mental e o indivíduo pode produzir ora uma ora outra variante.

Ainda sobre a vogal /e/ pretônica, a distribuição referente à escolaridade revelou que os informantes que cursaram somente a Educação Básica alçaram menos que os informantes com mais anos de escolarização. Esperava-se, contudo, que os informantes com mais anos de escolarização fizessem menor uso da forma alçada, uma vez que a exposição relativamente mais longa à forma ortográfica poderia determinar a preferência pelas formas não elevadas.

O maior uso da forma elevada pelos falantes mais escolarizados não parece estar condicionada pela exposição mais longa à escrita (hipótese inicial), mas à exposição à forma mais recorrentemente utilizada pelo grupo social no qual os falantes estão inseridos e a consequente ativação dessa forma no seu léxico, conforme premissas da Teoria de Exemplos.

No que concerne ao comportamento variável de /o/ pretônico, identificou-se que o alçamento atinge principalmente verbos e que a elevação propaga-se paradigmaticamente por entre as formas que compartilham um mesmo radical.

Assim, as formas *c[o]meçar* e *c[u]meçar* aparecem na mesma nuvem de exemplos e aquela que é mais recorrente, no caso *c[u]meça*, é ativada no léxico dos informantes investigados. Tais formas interagem com as formas *comecei* e *começo* que, por força das similaridades no nível paradigmático, acabam por assimilar a realização ora alçada ora não alçada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi concebido com vistas a investigar o processo variável de elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas. Para tanto, partiu-se dos pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001) e avançou-se através da Teoria da Difusão Lexical (CHEN e WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991, 1992, 1995) e da Teoria de Exemplos (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003).

Nossa hipótese de trabalho de que a elevação é condicionada pelo léxico levou-nos a explorar as potencialidades de um programa estatístico capaz de computar o efeito misto resultante da interação entre variáveis fixas e aleatórias. Assim, as variáveis aleatórias Vocabulo e Paradigma foram incorporadas à análise quantitativa em uma tentativa de obter resultados mais elucidativos em relação ao grau de favorecimento dos diferentes fatores condicionantes linguísticos e/ou sociais supostamente envolvidos na aplicação variável da elevação.

Assim sendo, procedeu-se com a oitiva, seleção de ocorrências, codificação dos dados e análise estatística da amostra constituída por 17 jovens escolarizados falantes da variedade porto-alegrense pertencente ao banco VARSUL.

A análise estatística preliminar corroborou o fato de que a elevação sem motivação aparente é um fenômeno de aplicação muito baixa entre os porto-alegrenses. Em face dessa constatação, adotou-se o procedimento de tabulação cruzada no qual se realizou o cruzamento entre as variáveis independentes e a variável dependente de modo a antecipar possíveis inadequações em termos de ortogonalidade entre as variáveis.

A computação dos dados exclusivamente de palavras lexicais revelou a natureza predominantemente invariante da amostra e a necessidade de se proceder com a análise a partir da exclusão de vocábulos invariantes uma vez que a inclusão de um número expressivo de ocorrências desse tipo resulta em uma modelagem estatística pouco confiável.

No caso da vogal /o/, o conjunto de dados variantes atendeu aos critérios estatísticos mínimos e os dados foram submetidos ao programa estatístico. Na impossibilidade de fazê-lo, caso da vogal /e/, realizou-se a análise linguística a partir das palavras que alçaram na amostra buscando-se generalizações e possíveis condicionamentos.

A análise do processo variável de elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas entre os jovens falantes porto-alegrenses revelou que a variação ocorre em itens lexicais específicos, como, por exemplo, [e]xagero ~ [i]xagero, p[e]queno ~ p[i]queno, g[o]verno ~ g[u]verno e c[o]mer ~ c[u]mer, e se propaga principalmente através dos radicais, atingindo algumas formas e outras não (c[o]meçar ~ c[u]meçar, c[o]mecei ~ c[u]mecei, c[o]meça ~ c[u]meça, porém c[o]meçando ~ *c[u]meçando), fato que se inscreve fundamentalmente como um processo de cunho difusionista.

A suspeita de que o léxico atua na implementação variável do alçamento já havia sido levantada por outros pesquisadores (KLUNCK, 2007; MARCHI e STEIN, 2007; BISOL, 2009; CRUZ, 2010). No entanto, estatisticamente ainda não era possível apresentar evidências sobre esta constatação empírica. Com o auxílio do programa estatístico Rbrul, contudo, foi possível efetuar a análise de variáveis aleatórias como Vocábulo, por exemplo, conjuntamente a variáveis de efeito fixo e, com isso, chegar a resultados significativos.

Entendemos que a seleção da variável Vocábulo, somada à seleção da variável Paradigma, como favorecedora da elevação da vogal /o/ pretônica e a impossibilidade de se estabelecer um contexto específico que condicione a elevação das vogais médias pretônicas são evidências de que o léxico é o componente linguístico que governa primariamente a variação verificada na pauta pretônica da variedade de português brasileiro falada pelos jovens em Porto Alegre. Acreditamos que o contexto fonético também tem papel da elevação, porém é um condicionador secundário que permite a fixação local de uma variante.

Com relação ao condicionamento social, as variáveis extralinguísticas Idade, Sexo e Escolaridade não se revelaram estatisticamente significativas para a elevação das vogais médias pretônicas. Desse modo, conclui-se que a elevação sem motivação aparente não é sensível à valoração social, o que vai ao encontro dos pressupostos difusionistas.

A inexistência de estudos similares que contemplem a mesma metodologia de trabalho aqui empregada impede quaisquer generalizações em torno dos resultados. Por outro lado, o presente estudo abre o precedente para que outros estudos dêem continuidade à pesquisa através da investigação de amostras mais amplas que contemplem grupos etários mais jovens.

Em razão de novas discussões teóricas, considerou-se uma possível abordagem do processo variável de elevação sem motivação aparente através da Teoria de Exemplares. Tal abordagem possibilitou uma nova visão sobre o processo variável investigado pois entende que a variação faz parte do conhecimento linguístico dos falantes adquirido através do armazenamento de exemplares ou ocorrências de formas alternantes que são estocadas na memória e ativadas através da frequência e da informação social indexada.

Buscamos com este estudo ter contribuído para a descrição do processo variável de elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas, bem como para futuros estudos sobre a variação na pauta pretônica do português brasileiro através da proposta de um método alternativo de análise de processos variáveis de baixa aplicação.

REFERÊNCIAS

- BAAYEN, R. Harald. *Analyzing Linguistic Data: A Practical Introduction to Statistics Using R*. Cambridge University Press, 2008.
- BATTISTI, Elisa. *Elevação das Vogais Médias Pretônicas em Sílabas Iniciais de Vocábulo na Fala Gaúcha*. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- BERBER SARDINHA, Tony. *Corpus Brasileiro*. Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012. Disponível em <<http://www.sketchengine.co.uk/>>. Acesso em 29/11/2013.
- BISOL, Leda. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- _____. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (orgs.). *Português no sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 73-92, 2009.
- _____. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BORTONI, Stella; GOMES, Christina Abreu; MALVAR, Elizabete. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, p. 9-30, 1992.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A Teoria da Variação Linguística. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; PEREIRA, Vera Wannmacker (Orgs.). *Pesquisa em Letras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 73-87, 2007.
- BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975
- _____. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CARDOSO, Elis Almeida. A formação histórica do léxico da língua portuguesa. SILVA, Luiz Antonio. In: *A língua que falamos: Português, história, variação e discurso*. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2005.
- CASAGRANDE, Graziela P. B. *Harmonização Vocálica: Análise Variacionista em Tempo Real*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CASTILHO, Ataliba. Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa? In: *Museu da Língua Portuguesa*, 2006. Disponível em

<http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=9>
Acesso em 29/11/2013

CEDERGREN, Henrietta. The spread of language change: Verifying inferences of linguistic diffusion. *Georgetown University Round Table on Language and Linguistics*, Georgetown, v. 1, p. 45-60, 1988.

CHEN, Matthew; WANG, William. Sound change: Actuation and implementation. *Language*, Baltimore, v. 51, n. 2, p. 255-81, 1975.

CLEMENTS, G. N; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Basil Blackwell, p. 245-301, 1995.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. Difusão Lexical: Estudo de Casos do Português Brasileiro. In: MENDES, E. A. M; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika (orgs.). *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, p. 209-218, 2001.

_____. Modelos multirrepresentacionais em fonologia. In: MARCHEZAN, R. C; CORTINA, A. *Os Fatos da Linguagem, Esse Conjunto Heteróclito*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais; GOMES, Christina Abreu. Representações múltiplas e organização do componente linguístico. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 147-177, jul/2004.

CRUZ, Marion. *As vogais médias pretônicas em Porto Alegre-RS: um estudo sobre o alicamento sem motivação aparente*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ECKERT, Penelope. Sound change and adolescent social structure. *Language in Society*, Cambridge, vol. 17, p. 183-207, 1988.

_____. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, Florian (ed.) *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *Positive adolescent development in Latin America and the Caribbean*. 2008. Disponível em <http://www.unicef.org/lac/adolescents_in_lac.pdf>. Acesso em 30/08/2012.

GOLDSMITH. John A. *Autosegmental Phonology*. PhD Thesis. MIT. 1976

GOMES, Christina Abreu; PAIVA, Maria da Conceição. Variação no grupo, no indivíduo e relação implicacional entre variáveis linguísticas. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, 2002.

GUY, Gregory. Varbrul: análise avançada. NEUSA, M. (Org.) *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, v. 1, p. 27-49, 1998.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAUPT, Carine. Contribuições da fonologia de uso e da teoria dos exemplares para o estudo da monotongação. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 167-189, 2011.

JOHNSON, Daniel Ezra. Getting off the GoldVarb standard: Introducing Rbrul for mixed effects variable rule analysis. *Language and Linguistics Compass*, vol. 3, p. 359-383, 2009. Disponível em <http://vambo.cent.gla.ac.uk/media/media_200043_en.pdf>. Acesso em 29/08/2012.

JOHNSON, Keith. Speech perception without speaker normalization. In: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. W. (eds.). *Talker Variability in Speech Processing*. San Diego: Academic Press, p. 145-166, 1997.

KHEDI, Walter. *Morfemas do Português*. São Paulo: Contexto, 2002.

KLUNCK, Patrícia. *Alçamento das Vogais Médias Pretônicas sem Motivação Aparente*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LABOV, William. *Language in the Inner City: studies in the Black Vernacular English*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Resolving the Neogrammarian Controversy. *Language*, Baltimore, v. 57, n. 2, p. 267-308, 1981.

_____. *Principles of linguistic change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001

_____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPEZ, Barbara Strodt. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)*. Tese (Doutorado em Linguística). Los Angeles: University of California, 1979.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1967.

MACAULY, R. K. S. The rise and fall of the vernacular. In: _____. *Standards and variation in urban speech: examples from Lowlands Scots*. Philadelphia: John Benjamin Publishing, 1997.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

MARCHI, Fernanda de; STEIN, Rita de Cássia G. Alçamento das Vogais Médias Pretônicas sem Motivação Aparente em Curitiba – PR. BISOL, Leda;

BRESCANCINI, Claudia (Orgs.). *Cadernos de Pesquisa em Linguística*, Porto Alegre, vol. 3, n. 1, p.127-137, 2007.

NAÇÕES UNIDAS. *World youth report 2005*. Disponível em: <<http://undesadspd.org/WorldYouthReport/2005.aspx>>. Acesso em 12/10/2013.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. The Neogrammarian Controversy Revisited. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin, vol. 89, p. 93-105, 1991.

_____. Aspectos da Difusão Lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, p. 31-41, 1992.

_____. O Léxico como Controlador de Mudanças Sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 4, p. 75-92, 1995.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Saúde Reprodutiva de adolescentes: uma estratégia para a ação*. Genebra: OMS/FNUAP/UNICEF, 1989.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast. In: BYBEE, J., HOPPER, P. (eds.) *Frequency effects and the emergence of lexical structure*. Amsterdam: John Benjamins, p.137-157, 2001.

_____. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: BOD, R. HAY, J. JANNEDY, S. (eds.) *Probability Theory in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, p. 177-228, 2003.

SANKOFF, Gillian. Adolescents, young adults and the critical period: Two case studies from 'Seven up'. In: FOUGHT, C. (ed.) *Sociolinguistic variation: Critical reflections*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A Regra Variável de Harmonização Vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). *Fonologia e Variação – Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 161-182, 2002.

TAGLIAMONTE, Sali; D'ARCY, Alexandra. Peaks beyond phonology: adolescence, incrementation, and language change. *Language*, Baltimore, v. 85, p. 58-108, 2009.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Martins Fontes, 1982.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Alçamento de Vogais Médias Pretônicas: uma Abordagem Sociolinguística*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

_____. *O Alçamento de Vogais Médias Pretônicas e os itens Lexicais*. Tese de doutorado. Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

VIARO, Mario Eduardo. *Por trás das palavras*. São Paulo: Globo, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

- WETZELS, W. L. Harmonia vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise autosegmental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 21, p. 25-58, 1991.
- _____. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 23, p. 19-55, 1992.

APÊNDICE A - Palavras lexicais: vogal /e/

VOCÁBULO	NÃO APLIC.	APLIC.	TOTAL
aceitar	3	0	3
aceitaram	1	0	1
aceitou	1	0	1
acertado	1	0	1
acertar	1	0	1
acertava	2	0	2
acertei	2	0	2
achegados	1	0	1
acontecendo	9	0	9
acontecer	2	0	2
acrescentar	2	0	2
adolescência	6	0	6
adolescente	10	0	10
adolescentes	3	0	3
ajeitada	1	0	1
ajeitando	1	0	1
alemã	1	0	1
alemães	2	0	2
Alemanha	7	0	7
alemão	5	0	5
antelar	1	0	1
aparecendo	1	0	1
aparecer	1	0	1
apareceu	1	0	1
aparentar	1	0	1
apedrejaram	2	0	2
apegar	1	0	1
apertando	1	0	1
aprendendo	5	0	5
aprender	20	0	20
aprendeu	1	0	1
apresenta	1	0	1
apresentação	2	0	2
apresentações	2	0	2
apresentador	2	0	2
apresentam	1	0	1
apresentar	2	0	2
apresentava	2	0	2
aproveitado	3	0	3
aproveitamos	1	0	1
aproveitando	1	0	1
aproveitar	18	0	18
aproveitava	2	0	2
aproveitei	4	0	4

aproveitou	1	0	1
arrecadado	1	0	1
arrepender	2	0	2
arrependo	2	0	2
artesanal	1	0	1
assessorar	1	0	1
atenção	24	0	24
atenções	1	0	1
atendendo	2	0	2
atentados	1	0	1
atravessar	1	0	1
aumentar	1	0	1
bebedeira	2	0	2
bebendo	1	0	1
beber	1	0	1
belezas	1	0	1
berrando	1	0	1
berrar	2	0	2
besteira	4	0	4
castelhano	1	0	1
castelhanos	1	0	1
centrado	1	0	1
certamente	3	0	3
certeza	14	0	14
cerveja	1	0	1
chegado	2	0	2
chegamos	1	0	1
chegando	3	0	3
chegar	21	0	21
chegaram	2	0	2
chegava	14	0	14
chegavam	3	0	3
chegou	15	0	15
cheguei	17	0	17
cheirando	1	0	1
começado	1	0	1
começando	5	0	5
começar	34	0	34
começaram	5	0	5
começasse	1	0	1
comecei	59	0	59
começou	13	0	13
comemora	2	0	2
comemoram	1	0	1
comemorar	2	0	2
comemorava	1	0	1

comemorei	2	0	2
comemoro	3	0	3
comentando	1	0	1
comentar	1	0	1
comentei	1	0	1
compensar	1	0	1
completar	1	0	1
concentração	3	0	3
concentrando	1	0	1
conhecendo	5	0	5
conhecer	34	0	34
conheceram	2	0	2
conheceu	3	0	3
contemporânea	1	0	1
contentando	1	0	1
convenceu	1	0	1
conversação	1	0	1
conversando	20	0	20
conversar	21	0	21
conversava	6	0	6
conversei	2	0	2
conversou	4	0	4
coordenadas	1	0	1
coordenador	3	0	3
coordenar	1	0	1
coordenava	1	0	1
crescendo	3	0	3
crescer	1	0	1
cresceu	1	0	1
decorado	1	0	1
decorar	1	0	1
decoreba	1	0	1
defeito	2	0	2
defeitos	1	0	1
degradado	1	0	1
deixando	1	0	1
deixar	2	0	2
deixaram	2	0	2
deixava	3	0	3
deixavam	1	0	1
deixei	1	0	1
deixou	1	0	1
deleto	1	0	1
demônios	1	0	1
demonstra	1	0	1
demonstram	1	0	1
demonstrasse	1	0	1
demonstrava	1	0	1

demonstrou	1	0	1
demora	2	0	2
demorar	3	0	3
demorei	1	0	1
depende	20	0	20
dependendo	16	0	16
depender	2	0	2
desavencas	0	1	1
descendência	4	0	4
descontrolado	1	0	1
desenhar	4	0	4
desenhava	2	0	2
desenho	1	0	1
deserta	1	0	1
detestavam	2	0	2
devagar	0	2	2
deveres	1	0	1
devolveu	1	0	1
dezembro	6	0	6
eclética	1	0	1
eclético	1	0	1
elaboradas	1	0	1
elaborava	1	0	1
elementares	3	0	3
elétrica	3	0	3
elétricos	1	0	1
eletrônica	16	0	16
eletrônico	4	0	4
elevador	4	0	4
emagrecer	1	1	2
emergência	2	0	2
enorme	3	0	3
enormes	1	0	1
errada	5	0	5
erradas	4	0	4
errado	30	0	30
errar	1	0	1
errava	1	0	1
errei	1	0	1
evangélica	4	2	6
evangélicas	0	2	2
exagero	0	1	1
exata	1	0	1
exatamente	1	0	1
exato	1	0	1
exceder	4	0	4
exemplar	1	0	1
exemplo	15	0	15

exemplos	1	0	1
exército	1	0	1
Febem	1	0	1
fechada	1	0	1
fechado	4	0	4
fechou	1	0	1
fedendo	1	0	1
federal	8	0	8
feijão	6	0	6
fenomenal	2	0	2
fermento	1	0	1
ferragem	1	0	1
festança	1	0	1
fevereiro	12	0	12
gelado	2	0	2
genética	1	0	1
geração	3	0	3
geral	8	0	8
Geraldo	1	0	1
geralmente	19	0	19
hermanos	1	0	1
hospedado	1	0	1
legais	7	0	7
legal	115	0	115
lembrança	1	0	1
lembrar	2	0	2
lembrasse	1	0	1
lembrei	1	0	1
lesão	1	0	1
levamos	2	0	2
levando	1	0	1
levantar	2	0	2
levanto	1	0	1
levar	5	0	5
levasse	1	0	1
levava	4	0	4
levou	4	0	4
matemática	40	0	40
mecatrônica	1	0	1
melhor	47	0	47
melhora	2	0	2
melhorando	1	0	1
melhorar	6	0	6
melhorasse	2	0	2
melhore	1	0	1
melhores	12	0	12
melhorou	1	0	1
melódico	2	0	2

meloso	1	0	1
memórias	3	0	3
menor	4	0	4
mentais	2	0	2
mental	2	0	2
mentalmente	1	0	1
mercado	11	0	11
merece	1	0	1
metade	13	0	13
meter	2	0	2
mexendo	2	0	2
mexer	1	0	1
moderadamente	2	0	2
negar	1	0	1
negócio	13	0	13
negócios	5	0	5
negrão	1	0	1
nervosa	1	0	1
nervoso	5	0	5
Nescau	1	0	1
oferece	1	0	1
oferecem	1	0	1
ofereceram	2	0	2
omelete	1	0	1
operações	2	0	2
parentesco	1	0	1
pedaço	7	0	7
pedreiros	1	0	1
pegação	1	0	1
pegando	4	0	4
pegar	8	0	8
pegaram	2	0	2
pegava	6	0	6
pegavam	1	0	1
pegou	4	0	4
peguei	13	0	13
peguemos	1	0	1
pelotas	1	0	1
penal	1	0	1
pensado	3	0	3
pensamento	6	0	6
pensamentos	2	0	2
pensando	8	0	8
pensão	1	0	1
pensar	19	0	19
pensassem	1	0	1
pensava	4	0	4
pensei	10	0	10

pentelha	1	0	1
pentelhando	4	0	4
pentelhou	2	0	2
pequena	0	12	12
pequeno	0	10	10
pequenos	0	1	1
percebendo	2	0	2
perceber	2	0	2
percorrendo	1	0	1
perdendo	2	0	2
perder	3	0	3
perdeu	2	0	2
perfeição	2	0	2
perfeita	5	0	5
perfeito	3	0	3
perseverança	3	0	3
personagem	3	0	3
personagens	2	0	2
pertence	1	0	1
pesado	2	0	2
pescar	2	0	2
pessoa	121	0	121
pessoas	158	0	158
Petrópolis	1	0	1
planejado	1	0	1
planejar	1	0	1
porcentagem	2	0	2
precária	1	0	1
precedentes	2	0	2
precoce	2	0	2
preconceito	4	0	4
prefere	1	0	1
preferem	2	0	2
preferência	2	0	2
pregação	1	0	1
pregando	2	0	2
prender	2	0	2
prenderam	2	0	2
prepara	1	0	1
preparação	3	0	3
preparada	1	0	1
preparado	4	0	4
preparam	3	0	3
preparar	5	0	5
preparei	4	0	4
preparo	2	0	2
presença	1	0	1
pressão	7	0	7

prestar	4	0	4
prestava	2	0	2
prestei	2	0	2
pretendo	16	0	16
prevenção	4	0	4
professor	43	0	43
professora	25	0	25
professoras	6	0	6
professores	61	0	61
prometeu	1	0	1
provavelmente	5	0	5
quebrada	1	0	1
quebrado	2	0	2
quebraram	1	0	1
quebrou	1	0	1
querendo	5	0	5
querer	7	0	7
questão	22	0	22
questões	2	0	2
rebeldes	1	0	1
recebe	1	0	1
recebemos	2	0	2
receber	4	0	4
receita	1	0	1
reclama	3	0	3
reclamando	1	0	1
reclamar	1	0	1
reclamo	1	0	1
recolhendo	1	0	1
recolheu	1	0	1
recomeçar	2	0	2
recorrer	1	0	1
recreio	2	0	2
redação	30	0	30
Redenção	4	0	4
refeições	2	0	2
referência	2	0	2
referente	14	0	14
reforma	2	0	2
regada	1	0	1
regrado	1	0	1
relação	23	0	23
relaxado	1	0	1
relaxando	1	0	1
relaxou	1	0	1
relembrar	2	0	2
relevo	1	0	1
relógio	1	0	1

remar	2	0	2
renovação	1	0	1
repassam	1	0	1
repasso	1	0	1
repassou	1	0	1
repetente	4	0	4
requentado	2	0	2
resolve	1	0	1
resolver	6	0	6
resolveram	2	0	2
resolveu	2	0	2
respeita	5	0	5
respeitado	2	0	2
respeitam	1	0	1
respeito	5	0	5
respondendo	1	0	1
responder	1	0	1
responsável	1	0	1
resposta	6	0	6
respostas	2	0	2
restaurante	6	0	6
retomar	1	0	1
retrasado	3	0	3
rever	2	0	2
revolta	1	0	1
segredo	1	0	1
segregação	2	0	2
eleição	2	0	2
semana	27	0	27
semanal	2	0	2
semanas	2	0	2
semelhanças	2	0	2
semestre	3	0	3
semestres	2	0	2
senadores	1	0	1
senhor	1	2	3
senhora	2	6	8
sentada	1	0	1
sentados	1	0	1
sentar	4	0	4
sentassem	1	0	1
sentava	1	0	1
sentei	2	0	2

sentou	2	0	2
separado	2	0	2
separados	1	0	1
separando	3	0	3
separar	4	0	4
separaram	1	0	1
separou	1	0	1
sertaneja	1	0	1
teclado	4	0	4
telefonamos	2	0	2
telefone	10	0	10
telhado	1	0	1
temperado	2	0	2
temperamentos	2	0	2
tempero	2	0	2
tendências	2	0	2
tenta	1	0	1
tentando	7	0	7
tentar	16	0	16
tentaram	1	0	1
tentarem	1	0	1
tentassem	2	0	2
tentei	5	0	5
terror	3	0	3
testamento	1	0	1
transferência	1	0	1
treinar	3	0	3
treinava	1	0	1
vendaval	1	0	1
vendendo	1	0	1
vender	4	0	4
vendeu	1	0	1
veraneio (verbo)	1	0	1
verão (subst.)	7	0	7
verdade	24	0	24
verdadeira	1	0	1
vergonha	4	0	4
vergonhas	1	0	1
vermelha	1	0	1
vermelho	1	0	1
TOTAL	2.207	42	2.249

APÊNDICE B - Palavras lexicais: vogal /o/

VOCÁBULO	NÃO APLIC.	APLIC.	TOTAL
abordei	3	0	3
acomodado	2	0	2
acomodar	2	0	2
acompanha mento	1	0	1
acompanhava	1	0	1
Aconcágua	1	0	1
aconteça	1	0	1
acontece	17	0	17
acontecendo	9	0	9
acontecer	3	0	3
aconteceu	1	0	1
acordado	1	0	1
acordar	1	0	1
acordava	1	0	1
adolescência	6	0	6
adolescente	10	0	10
adolescentes	3	0	3
adorando	1	0	1
adorava	3	0	3
adorei	2	0	2
afobação	1	0	1
almoçar	1	1	2
almocei	1	0	1
apaixonada	1	0	1
apavorado	1	0	1
aprontar	1	0	1
aprovada	1	0	1
aproveita	7	0	7
aproveitado	3	0	3
aproveitamos	1	0	1
aproveitando	1	0	1
aproveitar	18	0	18
aproveitava	2	0	2
aproveitei	4	0	4
aproveito	4	0	4
aproveitou	1	0	1
assessorar	1	0	1
bobagens	1	0	1
bolacha	2	0	2
boné	1	0	1
boneca	1	0	1
botando	1	0	1
botar	8	0	8

botava	3	0	3
botei	5	0	5
botou	6	0	6
chocada	2	0	2
chocante	1	0	1
chorando	3	0	3
chorar	5	0	5
choveu	1	2	3
cobrados	1	0	1
cobrar	2	0	2
colaboração	2	0	2
colaborar	2	0	2
colega	15	0	15
colegas	18	0	18
colégio	113	1	114
colégios	2	0	2
colocação	4	0	4
colocado	4	0	4
colocando	4	0	4
colocar	10	0	10
colocaram	4	0	4
colocava	2	0	2
coloquei	4	0	4
comanda	2	0	2
comando	2	0	2
começa	11	3	14
começado	1	0	1
começam	2	1	3
começando	5	0	5
começar	32	2	34
começaram	5	0	5
começasse	1	0	1
comecei	57	2	59
começo	18	1	19
começou	12	0	12
comédia	11	0	11
comemora	2	0	2
comemoram	1	0	1
comemorar	4	0	4
comemorava	2	0	2
comemorei	4	0	4
comemoro	3	0	3
comendo	0	5	5
comentando	1	0	1
comentar	1	0	1
comentei	1	0	1

comer	13	16	29
comercio	1	0	1
comeu	2	0	2
comparado	1	0	1
comparando	1	0	1
comparar	5	0	5
compensar	1	0	1
completamente	7	0	7
completar	1	0	1
complexo	1	0	1
comportam	1	0	1
comprando	2	0	2
comprar	11	0	11
compressa	1	0	1
comprou	3	0	3
conceito	5	0	5
conceitos	3	0	3
concentra	1	0	1
concentração	3	0	3
concentrando	1	0	1
concordo	4	2	6
concorrentes	2	0	2
concorrer	6	0	6
concreto	2	0	2
conheça	1	0	1
conhece	6	0	6
conhecem	1	0	1
conhecendo	5	0	5
conhecer	34	0	34
conheceram	2	0	2
conheceu	3	0	3
conheço	10	0	10
conhecem	1	0	1
consegue	11	0	11
conseguem	4	0	4
conselho	5	0	5
consenso	1	0	1
contábeis	1	0	1
contando	1	0	1
contar	6	0	6
contato	10	0	10
contemporânea	2	0	2
contentando	1	0	1
contrarias	1	0	1
contrario	3	0	3
contrastes	1	0	1
contratam	1	0	1
contratar	1	0	1

contratava	1	0	1
contrato	2	0	2
controlar	6	0	6
controlo	1	0	1
convenceu	1	0	1
conversa	6	1	7
conversação	1	0	1
conversam	1	0	1
conversando	17	3	20
conversar	21	0	21
conversava	6	0	6
conversei	2	0	2
converso	3	1	4
conversou	4	0	4
coordenadas	1	0	1
coordenador	3	0	3
coordenar	1	0	1
coordenava	1	0	1
coração	1	0	1
coragem	5	0	5
Coréia	1	0	1
coroas	2	0	2
correndo	7	0	7
correr	5	0	5
correto	1	0	1
cortar	1	0	1
cosmético	1	0	1
cronograma	2	0	2
decorado	1	0	1
decorar	1	0	1
decoreba	1	0	1
demonstração	2	0	2
demonstrasse	1	0	1
demonstrava	1	0	1
demorar	3	0	3
demorei	1	0	1
descontrolado	2	0	2
desenvolver	1	0	1
devolveu	1	0	1
drogado	4	0	4
drogados	1	0	1
elaboradas	1	0	1
elaborava	1	0	1
fenomenal	1	0	1
fofoca	1	0	1
fogueira	0	1	1
forcada	1	0	1
forcado	1	0	1

formada	2	0	2
formados	1	0	1
formando	1	0	1
formandos	1	0	1
formar	2	0	2
formatei	1	0	1
formou	2	0	2
fortaleza	2	0	2
fronteira	1	0	1
gostando	7	0	7
gostar	11	0	11
gostassem	1	0	1
gostava	34	0	34
gostavam	1	0	1
gostei	50	0	50
gostoso	1	0	1
governo	2	1	3
governos	1	1	2
Holanda	2	0	2
horário	6	0	6
horários	6	0	6
hormônio	1	0	1
horror	3	0	3
horroroso	2	0	2
hospedado	1	0	1
hotel	4	0	4
jogado	1	0	1
jogador	2	0	2
jogadores	2	0	2
jogados	1	0	1
jogando	6	0	6
jogar	18	0	18
jogava	7	0	7
jogavam	2	0	2
joguei	4	0	4
jornal	16	0	16
laboratório	2	0	2
locadora	2	0	2
local	1	0	1
maconheiro	2	0	2
melhorando	1	0	1
melhorar	6	0	6
melhorasse	2	0	2
melhorou	1	0	1
moderadamente	2	0	2
moleza	1	0	1
momento	9	0	9
montagem	1	0	1

montando	1	0	1
montanhas	1	0	1
montar	1	0	1
moral	3	0	3
morando	1	0	1
morar	2	0	2
morava	7	0	7
morei	1	0	1
morrer	2	0	2
morreram	2	0	2
morreu	4	0	4
mostrando	1	0	1
mostrar	1	0	1
namorada	4	0	4
namorado	17	0	17
namorando	8	0	8
namorar	6	0	6
noção	9	0	9
normais	2	0	2
normal	23	0	23
normalmente	7	0	7
notado	1	0	1
notar	1	0	1
notei	1	0	1
novela	15	0	15
novelas	1	0	1
novembro	4	0	4
ofensa	1	0	1
oferece	1	0	1
oferecem	1	0	1
ofereceram	1	0	1
olhada	3	0	3
olhando	2	0	2
olhar	4	0	4
olhassem	1	0	1
olhava	6	0	6
olhei	1	0	1
omelete	1	0	1
Onofre	1	0	1
operações	2	0	2
oposto	1	0	1
orações	1	0	1
orçamentos	1	0	1
orelha	1	0	1
Osório	3	0	3
Osvaldo	1	0	1
Parobé	2	0	2
percorrendo	1	0	1

personagem	3	0	3
personagens	2	0	2
pobreza	4	0	4
podemos	2	0	2
podendo	2	0	2
poder	15	1	16
polemico	3	0	3
polenta	1	0	1
ponteiros	2	0	2
porção	1	0	1
porcentagem	2	0	2
porque	2	1	3
posando	1	0	1
potência	1	0	1
preconceito	4	0	4
problema	56	0	56
problemas	41	0	41
processo	1	0	1
processos	1	0	1
professor	43	0	43
professora	25	0	25
professoras	6	0	6
professores	61	0	61
programa	19	0	19
programação	6	0	6
programador	3	0	3
programando	1	0	1
programas	2	0	2
progresso	3	0	3
projeto	3	0	3
projetos	4	0	4
prometeu	1	0	1
propagandas	1	0	1
proporção	2	0	2
Protásio	2	0	2
protesto	1	0	1
provão	1	0	1
provar	1	0	1
provavelmente	5	0	5
provei	1	0	1
recolhendo	1	0	1
recolheu	1	0	1
recomeçar	1	0	1
recorrer	1	0	1
renovação	1	0	1
resolver	6	0	6
resolveram	2	0	2
resolveu	2	0	2

respondendo	1	0	1
responder	2	0	2
responsável	1	0	1
retomar	1	0	1
Roberto	2	0	2
rodado	1	0	1
rodando	1	0	1
rodar	1	0	1
rodaram	1	0	1
rodei	5	0	5
rodou	1	0	1
rolar	2	0	2
romance	5	0	5
Rosário	3	0	3
roubando	1	0	1
roubar	1	0	1
roubaram	1	0	1
roubava	1	0	1
roupeiro	1	0	1
soldados	1	0	1
soltaram	1	0	1
somar	1	0	1
somatório	2	0	2
sotaque	1	0	1
telefonamos	1	0	1
tocando	2	0	2
tocar	9	0	9
tocava	1	0	1
tomadas	1	0	1
tomamos	1	0	1
tomando	3	0	3
tomar	4	0	4
tomava	1	0	1
tomei	3	0	3
toquei	1	0	1
totalmente	12	0	12
transformação	1	0	1
trocado	2	0	2
trocar	1	0	1
trocássemos	1	0	1
trocou	1	0	1
trovava	1	0	1
vocação	14	0	14
vocal	1	0	1
voltada	1	0	1
voltado	1	0	1
voltando	2	0	2
voltar	3	0	3

voltasse	1	0	1
voltava	2	0	2
voltávamos	1	0	1
voltei	1	0	1
voltou	3	0	3
vontade	20	0	20
TOTAL	1.724	46	1.770

